



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Artes

Thamires Burlandy da Mota Chagas

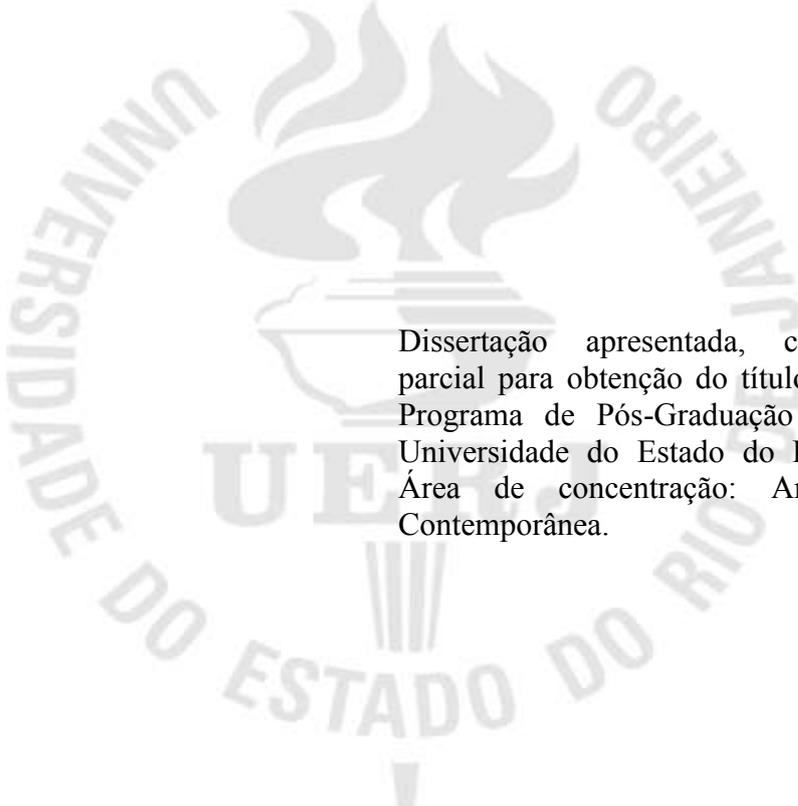
**Ensino da cultura visual na era digital:
explorando usos e imagens do Instagram**

Rio de Janeiro

2024

Thamires Burlandy da Mota Chagas

**Ensino da cultura visual na era digital:
Explorando usos e imagens do Instagram**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Artes, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Arte e Cultura Contemporânea.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Ana Valéria de Figueiredo da Costa

Rio de Janeiro

2024

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/B

C433 Chagas, Thamires Burlandy da Mota
Ensino da cultura visual na era digital: explorando usos e imagens do
Instagram / Thamires Burlandy da Mota Chagas. – 2024.
103 f.: il.

Orientadora: Ana Valéria de Figueiredo da Costa.
Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de
Janeiro, Instituto de Artes.

1. Educação visual - Teses. 2. Instagram (Rede social on-line) – Teses. 3.
Influência social – Teses. 4. Pedagogia crítica – Teses. 5. Cibercultura –
Teses. I. Costa, Ana Valéria de Figueiredo da. II. Universidade do Estado do
Rio de Janeiro. Instituto de Artes. III. Título.

CDU 7:371.333

Bibliotecária: Mirna Lindenbaum CRB7 4916

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta
dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Thamires Burlandy da Mota Chagas

Ensino da cultura visual na era digital: explorando usos e imagens do Instagram

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Artes, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Arte e Cultura Contemporânea.

Aprovada em 27 de março de 2024.

Banca Examinadora:

Prof^a. Dra. Ana Valéria de Figueiredo da Costa (Orientadora)
Instituto de Artes – UERJ

Prof^a. Dra. Isabel Almeida Carneiro
Instituto de Artes – UERJ

Prof^a. Dra. Adriana Maria de Assumpção
Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Rodrigo Torres do Nascimento
Instituto de Artes – UERJ

Rio de Janeiro

2024

“É triste, mas o que fazer? A realidade é mesmo esta.” A realidade, porém, não é inexoravelmente esta. Está sendo esta como poderia ser outra, e é para que seja outra que precisamos, os protagonistas, lutar. Eu me sentiria mais do que triste, desolado e sem achar sentido para minha presença no mundo, se fortes e indestrutíveis razões me convencessem de que a existência humana se dá no domínio da determinação.

Paulo Freire

RESUMO

CHAGAS, Thamires Burlandy da Mota. *Ensino da cultura visual na era digital: explorando usos e imagens do Instagram*. 2024. 103 f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

Esta pesquisa surge como uma discussão reflexiva acerca da percepção que os jovens, estudantes do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental de escolas públicas do município de Rio das Ostras/RJ, possuem sobre a influência das redes sociais, especificamente o Instagram, na construção de suas identidades, visões de mundo e práticas sociais. Esse estudo utilizou dados coletados a partir de produções visuais e diálogos com esses jovens entre os anos de 2022 e 2023. Os resultados obtidos a partir da análise de desenhos e de rodas de conversa realizados durante as aulas de arte indicam a existência e o poder de persuasão das *Pedagogias das Visualidades* nessa rede social e destacam a importância da abordagem crítica e analítica sobre a cibercultura no ensino da Cultura Visual, buscando fortalecer uma educação crítica, criativa e autônoma diante das influências homogeneizadoras presentes nas redes sociais.

Palavras-chave: cultura visual; pedagogias das visualidades; cibercultura.

ABSTRACT

CHAGAS, Thamires Burlandy da Mota. *Teaching visual culture in the digital age: exploring Instagram uses and images*. 2024. 103f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

This research appears as a reflective discussion about the perception that young people, students from the 6th to the 9th year of public schools in the city of Rio das Ostras – RJ, have about the influence of social networks, specifically Instagram, in the construction of their identities, worldviews and social practices. This study used data collected from visual productions and dialogues with these young people between the years 2022 and 2023. The results obtained from the analysis of drawings and conversation circles carried out during art classes indicate the existence and power of persuasion of Pedagogies of Visualities in this social network and highlights the importance of a critical and analytical approach to cyberculture in teaching Visual Culture, seeking to strengthen critical, creative and autonomous education in the face of the homogenizing influences present on social networks.

Keywords: visual culture; pedagogies of visualities; cyberculture.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Mapa da Favela, M. 12 anos.....	20
Imagem 2 – Propaganda no Instagram	54
Imagem 3 – Ideal de beleza na internet	62
Imagem 4 – Desenhos sobre visualidades presentes nas redes sociais.....	72
Imagem 5 – Desenhos sobre visualidades fora das redes sociais	73
Imagem 6 – Registro de uma das rodas de conversa.....	79
Imagem 7 – Foto retirada do perfil do Instagram @melissamelmaia	83
Imagem 8 – Foto retirada do perfil do Instagram @neymarjr.....	86

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CDs	Discos Compactados
LGBTQIAPN+	Lésbicas, Gays, Bi, Trans, Queer/Questionando, Intersexo, Assexuais/Arromânticas/Agênero, Pan/Pôli, Não-binárias e mais
PPGArtes	Programa de Pós-graduação em Artes
RJ	Rio de Janeiro

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 CONHECENDO DIFERENTES JUVENTUDES EM 2022 E 2023	16
1.1 Jovens consumidores: interseções entre cultura e indústria no Instagram	26
2 PERCEPÇÕES NO UNIVERSO VIRTUAL	37
2.1 Um breve panorama sobre a construção da percepção e da memória	42
2.2 A percepção por meio da semiótica	47
2.3 As percepções do mundo pelas juventudes através de imagens no Instagram	55
3 O INSTAGRAM COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA NO ENSINO DA CULTURA VISUAL	60
3.1 Entretecendo os anseios juvenis às tramas curriculares: explorando possibilidades no ensino da Cultura Visual	65
3.2 (Des)tecendo visualidades do Instagram	70
3.3 Análise das narrativas e discursos imagéticos juvenis	89
CONSIDERAÇÕES FINAIS	96
REFERÊNCIAS	100

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa se coloca como uma discussão reflexiva acerca da percepção visual das juventudes, ou seja, como os jovens percebem as imagens, a partir da abordagem das *Pedagogias da Visualidade* no Instagram. Aqui compreendo a percepção conforme Rudolf Arnheim (2005, p. 8-9), como uma ação. A mensagem que o mundo físico envia aos nossos olhos se caracteriza por estímulo. Contudo, a expressão e o significado daquilo que se percebe são completamente determinados pela atividade das forças perceptivas. Em outras palavras, de acordo com Arnheim (2005, p. 4), a experiência visual é uma dinâmica complexa, pois o que percebemos não se limita a arranjos, como formas, dimensões, cores. É uma interação de tensões, descritas como “forças” psicológicas, inerentes a qualquer percepção, como tamanho, configuração, localização ou cor.

Também é importante ressaltar que compreendo as juventudes no plural, pois, conforme Juarez Dayrell e Paulo Carrano (2003, p. 1) indicam, a pluralidade e as circunstâncias que caracterizam a vida juvenil exigem que os estudos considerem o sentido da diversidade e múltiplas possibilidades do sentido de ser jovem. Essa abordagem reconhece que não existe uma única experiência juvenil, e sim uma variedade de vivências, contextos e identidades que moldam as percepções e práticas dos jovens em relação às imagens e à cultura visual.

As *Pedagogias da Visualidade* são um conjunto de prescrições visuais, sistemáticas ou não, que indicam como ver/produzir, de onde ver/produzir e para que ver/produzir as imagens (Pedrosa; Figueiredo, 2017, p. 88). E, ao longo deste trabalho, pretendo analisar possíveis relações existentes entre os jovens e as suas formações por meio da Cultura Visual a partir da minha perspectiva como professora de Arte das séries finais do Ensino Fundamental (Fundamental II) de escolas públicas do município de Rio das Ostras/RJ.

Esta pesquisa aborda imagens veiculadas no Instagram e suas diferentes finalidades. Meu foco está nas intenções homogeneizadoras presentes nas imagens populares nesta plataforma. Reconheço a existência de outras interpretações e abordagens devido à polissemia das imagens, no entanto, meu objetivo aqui é refletir e desenvolver práticas pedagógicas que promovam a leitura autônoma e crítica de imagens entre os jovens. Vale ressaltar que o Instagram abriga uma ampla variedade de imagens e usos que não serão estudados nesta pesquisa. Busco, então, auxiliá-los para identificar elementos provenientes da indústria

cultural, ideologias, culturas, entre outros, e, assim, fortalecer sua capacidade de análise e compreensão do mundo visual em que estão imersos.

Como sustentação teórico-metodológica, utilizei um estudo de abordagem qualitativa com base em produções imagéticas e diálogos com os meus alunos de 6º a 9º ano entre os anos de 2022 e 2023. Por meio desta pesquisa, atendo o meu compromisso com o Programa de Pós-graduação em Artes (PPGArtes) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro que, tem dentre os seus objetivos: formar mestres em Artes com ênfase na contemporaneidade; capacitar docentes para atuação no sistema de ensino, em todos os níveis¹.

Este trabalho foi realizado a partir da linha de pesquisa Arte, Sujeito e Cidade, em que compreendemos a arte como práxis definidora de modos de ser e de habitar a cidade, e aqui compreendo os sujeitos, os meus alunos e a cidade expandida para o ciberespaço. Aqui a arte é dita atividade incessante de criação de tempos e espaços de vida e de autoformação, de experimentação de práticas de subjetivação e de produção de presença. Nesse sentido, considero o ensino formal de Arte e Cultura Visual como um espaço fértil para a experimentação, reconhecimento, identificação, produção imagética, científica, cultural e artística.

Durante este processo de ensino, aprende-se modos de ser e de habitar a cidade, pois a escola realiza um processo educacional formando para o exercício pleno da cidadania. Nesse sentido, quais são as aprendizagens produzidas no atual ensino da Cultura Visual que preparam as juventudes para o bombardeio de visualidades que atuam na educação formal/não formal contemporânea? No recorte desta pesquisa, não procuro responder a essa pergunta e sim fomentá-la, revitalizando a concepção de ensino na medida em que as necessidades de aprendizados juvenis se modificam, décadas após décadas, anos após anos.

Muitos jovens aprendem aspectos de como deveriam ser, estar e atuar na cidade a partir do consumo de visualidades presentes nas redes sociais. São aprendizagens incidentais que constituem a educação não formal. Ela acontece ao longo da vida e está associada ao processo de socialização dos indivíduos, e, nesse sentido, desenvolve hábitos, atitudes, modos de pensar e de expressar segundo valores e crenças do grupo a que se pretende frequentar. Nessa perspectiva, a escola não é a única formadora dos indivíduos, mas o seu papel na sociedade é fundamental na formação e em seus processos de subjetivação, pois possui características que impulsionam o alcance de seus objetivos: é sistematizada, com normas, políticas públicas e intencionalidades específicas.

¹ Disponível em: <https://www.ppgartes.uerj.br/>. Acesso em: 20 dez. 2023.

Não há como pensar a atuação da instituição escola sem pensar os escopos sociais que ela possui. Em diferentes sociedades, baseadas em seus contextos espaciais e temporais, ela possui funções distintas, referenciadas de acordo com os interesses de cada uma. Mas sabemos que existe uma hegemonia social, com objetivos diferenciados para a escola. As elites têm interesses específicos para os processos formativos que a escola desempenha tanto quanto os trabalhadores, desde os movimentos para a formação de seus descendentes até os interesses sociais, ou seja, de sua própria classe social.

Por conta disso, neste âmbito, não há como falar sobre educação neutra ou uma neutralidade no ato pedagógico. Os interesses individuais e coletivos são depositados na escola e a intencionalidade é a marca do trabalho escolar, ou seja, trata-se da prática do ensino. Este, quando abordado na escola, é organizado e elaborado para alcançar os objetivos dados por uma parcela da sociedade que dispõe seu poder sobre a regulamentação desta instituição. Assim, o currículo escolar, sendo a base da prática pedagógica, envolvendo os conteúdos que serão abordados, as atividades realizadas, as competências desenvolvidas, e que possui como objetivo a formação plena dos estudantes, é o divisor entre os interesses sociais dentro da escola.

Assim, um dos grandes desafios das classes trabalhadoras da nossa sociedade é a aquisição de uma educação emancipatória, que traz para a sala de aula os problemas que serão encontrados no seu exterior, os categorizando, analisando, refletindo, criticando, buscando suas possíveis soluções. No entanto, os currículos têm se dedicado a solucionar problemáticas específicas no âmbito da Arte, Matemática, Biologia, Linguística, dentre outras, muitas vezes tendo maior êxito em relação às questões oriundas das elites. Isto se torna mais evidente quando ouvimos nossos alunos questionando a utilidade da especificidade dos conteúdos que não dialogam com as urgências de suas vivências ou até mesmo com suas futuras experiências no decorrer de suas vidas.

Não se trata de aniquilar tais ensinamentos e conteúdos e sim buscar a articulação desses conteúdos com os interesses e atuais necessidades de quem frequenta e precisa da escola pública de qualidade para possibilitar uma ascensão – pessoal, social, financeira – por meio da educação formal. Atualmente, uma das respostas governamentais e do senso comum para essas urgências é a aprovação numa universidade, tendo como requisito o estudo dos atuais conteúdos programáticos.

Entretanto, a realidade mostra que nem todos têm acesso às universidades públicas, seja devido à escassez de vagas ou a razões diversas que impedem o ingresso em instituições privadas. Este cenário parece ser de amplo conhecimento, inclusive entre os gestores

governamentais. Por outro lado, é de interesse deles que uma pequena parcela das classes trabalhadoras melhore suas condições financeiras, pois se todos ascendessem socialmente, as diferenças socioeconômicas tenderiam a se diluir, o que não seria favorável para os mais abastados, que muitas vezes lucram com a exploração da miséria alheia. É importante ressaltar que o capitalismo exige mão de obra qualificada para sustentar a geração de mais-valia, tornando ainda mais complexa essa dinâmica.

Por conta disso, como professora de Arte de escolas públicas, vejo a necessidade de capacitar as juventudes a lerem o mundo a partir de outras ópticas que não as prescritas pelos interesses capitalistas. Atualmente, a Cultura Visual que mais dialoga com os jovens vem das redes sociais. E, apesar de possuírem potenciais influências nos modos de ver e imaginar, afetando, assim, os modos de ser, estar e atuar na cidade, a abordagem dessas visualidades não se torna explícita no currículo das escolas públicas do município de Rio das Ostras.

Nesta perspectiva, pertencente à mesma classe social dessas juventudes, público-alvo das escolas que atuo como professora de Arte, coloco-me também como representante de nossos interesses de classe dentro dessas instituições. E, para além disso, sou legitimadora dos conteúdos que os apresento e ensino. Desta forma, proponho uma pesquisa sobre o que e como posso abordar, a partir do ensino da Cultura Visual, as visualidades que educam, constroem imaginários, modos de ver, ser e atuar na cidade, por meio das imagens veiculadas na rede social Instagram, buscando ir na direção oposta da hegemonia imagética.

Como pesquisadora e professora em ensino no campo da Cultura Visual, compartilho uma experiência pessoal significativa em relação ao tema abordado nesta dissertação. Assim como as juventudes, que são objeto de estudo neste trabalho, também me envolvo ativamente nos mesmos meios de comunicação e consumo na internet. Ao longo da minha vida, cresci imersa na produção e consumo de visualidades virtuais, o que me permitiu vivenciar e compreender profundamente o impacto de ideias de consumo relacionadas à beleza, estilo e perspectivas de vida que permeiam nossa atuação nas redes sociais. Essa experiência pessoal despertou em mim o desejo de buscar criticidade e, quem sabe, promover uma mudança no formato de consumo dos jovens que se nutrem de instruções visuais homogeneizadoras.

A partir de uma investigação sobre o bombardeio de visualidades virtuais produzidas, disseminadas e reproduzidas pelas redes sociais, encontram-se indícios de suas contribuições na atual educação não formal das juventudes. Essas visualidades carregam intencionalidades, como já mencionado anteriormente, pois são criadas desde a captura ou criação das imagens, que podem ser apreendidas de forma unilateral pelos seus observadores. Sem um embate crítico, analítico e reflexivo, elas podem compor seus repertórios visuais e imagéticos de

forma descontextualizada e homogeneizadora, podendo influenciar em suas visões de mundo, de si e suas atuações como cidadãos.

Por conta disso, busco compreender como os jovens se relacionam com as imagens e como elas são utilizadas em suas rotinas. E, para isso, elegi a rede social Instagram como o objeto a ser revisto, analisado e debatido com os meus alunos durante as minhas aulas de Arte nas escolas públicas de Rio das Ostras, pois, atualmente, início dos anos 20 do século XXI, essa rede social é uma das mais utilizadas pelas juventudes, onde compartilham imagens e vídeos de suas vidas pessoais, interesses e *hobbies*, além de consumirem produções cotidianas de outras pessoas.

Ao analisar e refletir sobre as percepções juvenis sobre as visualidades no Instagram, há a possibilidade de buscar entender as preferências estéticas dos jovens, as tendências culturais e as influências visuais a que estão expostos diariamente. Assim, a pesquisa sobre as percepções dos estudantes diante das visualidades desta rede social, que contribui para os processos de educação não formal todos os dias, pode fornecer informações valiosas de como eles interpretam as imagens e como elas influenciam suas visões de mundo. Por isso, ao longo deste trabalho, abordarei sobre as Pedagogias da Visualidade e a semiótica como parâmetros para essa discussão.

Essa abordagem pode permitir que os professores sejam mais assertivos em suas comunicações e ensino, tornando as aulas mais relevantes e interessantes para os estudantes, utilizando as imagens para ampliar seus repertórios tanto culturais quanto científicos. A curto prazo, quando instigamos os alunos a estudarem sobre algo que lhes é prazeroso, como é o caso da produção e consumo das imagens do Instagram, e a longo prazo, quando os capacitamos para atuarem na sociedade marcadamente visual de forma mais crítica e autônoma.

Dessa forma, é possível ajudar os estudantes a desenvolverem habilidades críticas de leitura de imagens, análise visual e interpretação, capacitando-os para lançarem um olhar mais informado sobre as imagens que veem, (re)produzem e compartilham. Aqui compreendo a leitura de imagens como a habilidade de interpretar e compreender o significado e a mensagem transmitida por uma imagem visual por meio da decodificação dos elementos visuais como cores, formas, composição, texturas e símbolos, a fim de extrair informações e significados subjacentes.

Ao realizar a leitura de uma imagem, é importante considerar o contexto em que ela foi criada, o público para o qual se destina e o propósito comunicativo pretendido pelo autor ou artista. A interpretação de uma imagem envolve a percepção subjetiva e as experiências

individuais do observador, mas também pode ser influenciada por elementos culturais, históricos e sociais. Esses aspectos serão abordados no subcapítulo 2.2, com uma breve abordagem sobre a semiótica.

A leitura de imagem não se limita apenas à apreciação estética, mas também pode envolver uma análise crítica das mensagens e dos discursos implícitos na imagem. Isso inclui a identificação de ideias, valores, estereótipos, emoções ou narrativas sugeridas pela imagem, aspectos que serão debatidos ao longo do trabalho pela óptica das Pedagogias das Visualidades.

No limite desta pesquisa, não pretendo responder à questão do mapeamento da leitura de imagens e imaginário juvenil em relação às suas percepções sobre as imagens presentes no Instagram. Interessa aqui compreender melhor as suas relações de construção de imaginário, visão de si e do mundo por meio das visualidades presentes nesta rede social e mapear possibilidades pedagógicas e científicas para educar e pesquisar no nosso tempo.

Dessa forma, esta pesquisa tem como objetivo geral analisar as percepções visuais de alunos das escolas públicas do município de Rio das Ostras, sobre visualidades consumidas por eles no Instagram, buscando enfatizar a importância da abordagem crítica, analítica e reflexiva das imagens (re)produzidas nesta rede social. Com este estudo, pretendo contribuir com as pesquisas que fortalecem uma educação crítica, criativa e autônoma diante das imagens pedagogicamente sedutoras, ameaçadoras, des/estimulantes, presentes nas redes sociais, que, implicitamente, buscam influenciar as formas de pensar, agir e estar dos indivíduos, especialmente aqueles que estão no início da juventude, procurando entender quem podem ser, onde podem estar e o que podem fazer socialmente enquanto pertencentes a determinada classe social.

No primeiro capítulo desta pesquisa, busco categorizar o público, alunos das séries finais do Ensino Fundamental (Fundamental II) de escolas públicas do município de Rio das Ostras entre os anos de 2022 e 2023, nas quais eu lecionei durante os estudos. Neste capítulo, apresento um breve panorama das diferentes juventudes com as quais tive contato como professora, ressaltando as características em comum entre os diferentes grupos juvenis, como o uso do Instagram, mas também destaco diferenças como as suas condições familiares, seja no aspecto do zelo, da educação e até mesmo financeiro. Com isso, busco contextualizar a pesquisa e mostrar que as percepções visuais sobre as visualidades no Instagram pelos jovens podem ser influenciadas por fatores sociais e culturais, que precisam ser considerados na análise dos resultados obtidos. Além disso, a identificação das particularidades do público-

alvo pesquisado permite que a pesquisa seja direcionada e os resultados mais precisos e aplicáveis no contexto escolar em que se desenvolve a pesquisa.

Em seguida, procuro reconhecer como essas juventudes constroem as suas aprendizagens, quais são as suas ferramentas, destacando, em especial, as novas formas de aprendizagens através do uso do ciberespaço, mais especificamente a partir dos produtos da indústria cultural. E relaciono as questões de construção de imaginário, visão de si e de mundo com as construções visuais que se comunicam com os jovens nas redes sociais, identificando possíveis consequências do uso dessas imagens na construção de seus imaginários.

No segundo capítulo, trago um breve histórico do uso das telas em nossa sociedade para compreender a origem da atual relação entre elas e os jovens. A partir de suas formas de uso e suas relações com os usuários, destaco o afastamento da compreensão da complexidade sensorial da realidade pela utilidade das imagens emitidas pelas telas. E sabendo que grande parte das imagens populares no Instagram possuem intencionalidades (publicidade, autopromoção, expressão pessoal), quase que implícitas, desde sua captura, criação e manipulação até a sua postagem na rede social, reflito como o ensino da Cultura Visual pode esclarecer, debater, (re)criar as *Pedagogias das Visualidades*, considerando as transformações necessárias da nossa sociedade para caminharmos para um mundo menos consumista e mais digno e respeitoso com os próprios seres humanos e as suas diferenças.

No terceiro capítulo, analiso os *currículos praticados* nas escolas da rede municipal de Rio das Ostras onde atuo como professora de Arte, no Ensino Fundamental II, compreendido entre 6º e 9º ano de escolaridade, identificando as possíveis pontes entre as propostas curriculares e as formas de aprendizagem por meio das visualidades presentes nas redes sociais, destacando os aspectos positivos e negativos no caso de defasagens. Para tanto, utilizo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) como base para refletir sobre como o ensino da Cultura Visual contemporânea é ou pode ser contemplado de acordo com esses documentos.

Em seguida, apresento a análise de uma proposta pedagógica praticada nas minhas turmas do 6º ao 9º ano e seus resultados por meio da produção visual dos discentes, considerando o Instagram como uma ferramenta para se pensar os padrões e expectativas de vida da nossa atual sociedade. Assim, revelo questões socioculturais apresentadas ao longo do trabalho, destacando as reflexões desenvolvidas junto aos discentes em seus trabalhos visuais.

1 CONHECENDO DIFERENTES JUVENTUDES EM 2022 E 2023

Primeiramente, é necessário identificar quem são as juventudes presentes atualmente nas salas de aula. São inúmeras as configurações culturais, sociais e históricas que podemos encontrar em cada escola do Brasil, no estado do Rio de Janeiro, que também se difere em cada cidade, bairro. Com a minha experiência em seis escolas públicas diferentes no município de Rio das Ostras/RJ, identifiquei tribos juvenis singulares formadas por indivíduos da mesma idade localizados em diferentes bairros.

De acordo com Michel Maffesoli (1998, p. 8-9), as *tribos* são microgrupos e seus participantes, diferentemente de proletariado ou de outras classes, não se apoiam numa lógica da identidade. Além disso, não há um fim preciso, elas não são os sujeitos de uma história em marcha. A metáfora da tribo permite entender o processo de desindividualização e da valorização do papel que cada pessoa (*persona*) é chamada a representar dentro dela. Como as massas em permanente agitação, as tribos, que nelas se cristalizam, tampouco são estáveis. Os indivíduos que compõem essas tribos podem evoluir de uma para a outra. Em outras palavras, as tribos são agrupamentos de pessoas que se aproximam por identificação coletiva, podendo ser culturais como gostos musicais, filmes e séries. As formações dos grupos não possuem uma finalidade em si, e por isso não são estáveis, assim como os seus integrantes que podem se identificar em mais de uma tribo simultaneamente e até mesmo trocá-las a qualquer momento.

O panorama das diferentes juventudes que aqui será apresentado segue a minha perspectiva como professora de Arte desses jovens. Logo, trata-se de uma análise qualitativa e restrita, pois é oriunda das minhas observações diárias, experiências, análises, reflexões e bagagens culturais, sociais, históricas, acadêmicas. Portanto, a partir do meu ponto de vista, esta categorização das diferentes juventudes observadas será fundamental para o desenvolvimento deste trabalho, na medida em que se faz necessário compreender os agentes envolvidos neste processo de pesquisa e como professora atuante.

De acordo com o site oficial da cidade (2023)², das 92 cidades do estado, Rio das Ostras é a 21ª mais populosa. Sua população é composta por pessoas e famílias que vieram de diferentes regiões do estado e do país. Esta descoberta se deu em sala de aula, quando ouvi os alunos e identifiquei diferentes sotaques, pois poucos nasceram na própria cidade e alguns me

² Disponível em: <https://www.riodasostras.rj.gov.br/dados-municipais/>. Acesso em: 20 ago. 2023.

contaram que suas famílias vieram de outras regiões do estado. A migração para esta região é dada por diversos motivos, mas os principais estão relacionados à fuga dos grandes problemas das cidades grandes: trânsito e violência. A cidade litorânea tem praias em toda a sua extensão, ocasionando um maior acesso à natureza e uma melhor qualidade de vida com o seu crescimento econômico, aliado ao fato de estar localizada no interior, com baixos preços em relação à capital.

Essas realidades contribuem na formação dos jovens que vivenciaram com suas famílias a proximidade com o tráfico de drogas, conflitos armados nas comunidades e favelas, ou até mesmo nas principais ruas e avenidas da capital do estado e seus arredores. Há casos de alunos que vieram fugidos com a família para não morrerem nestes conflitos, e muitos que vieram preocupados que os filhos não aderissem ou estivessem submetidos ao universo das drogas e violências. Porém, a cidade não está imune a tais problemas, mas possui uma incidência menor do que o que é observado nas cidades grandes.

Em um dos bairros mais nobres da cidade, Jardim Mariléia, muitos jovens possuem famílias com melhores condições financeiras em comparação à maioria das demais escolas. Conseqüentemente, é notável uma grande parcela do corpo estudantil equipada com material escolar básico, como mochila, riscadores, estojos, além do uso de uniformes adequados, alinhados, limpos, usam tênis de marcas caras como *Nike* e *All Star*. Quando era necessária a aquisição de materiais, como tinta, pincel e lápis de cor, por exemplo, a maioria dos alunos demonstrava preocupação em tê-los durante as aulas.

Dentre esses estudantes, há sempre um grupo que opta por não se alimentar das refeições oferecidas na escola, trazendo de casa seus lanches, como biscoitos recheados e sucos. Em comparação com a minha própria experiência, vivida como aluna de escola pública e professora de outras escolas públicas, o desinteresse pela comida oferecida pela escola se traduzia no interesse em se alimentarem apenas em casa. Muitos alunos alegavam que não gostavam da comida da escola ou que preferiam comer quando chegassem em casa.

Durante as aulas, tornou-se evidente a aquisição de *smartphones* e fones de ouvido por grande parte dos alunos, muitos conectados na internet por meio da rede móvel de seus próprios celulares. Esse também se apresentou como um aspecto de melhores condições econômicas entre as famílias dos estudantes em relação à realidade de alunos de outras escolas. Assim, essa juventude, sempre que possível, se mantém conectada com as redes sociais, consumindo conteúdos visuais e audiovisuais.

Também se tornou evidente uma boa relação interpessoal por parte dos alunos. Muitas relações de sexualidade apareceram bem resolvidas, como meninas e meninos serem

abertamente homoafetivos. Outra característica importante é o grande número de estudantes brancos em comparação às outras raças e etnias.

Alguns dos estudantes se destacavam por tirar boas notas nas disciplinas, outros por possuírem talentos artísticos, como cantar, dançar ou desenhar. As turmas transparecem, de antemão, a heterogeneidade de suas composições através dos estilos de vestimenta, adereços e comportamentos que possuem. Há aqueles que se vestem e usam cores mais escuras, correntes, são mais quietos e reclusos. Outros são mais extrovertidos, usam cortes de cabelo da moda, gírias da atualidade. Existem grupos de meninos ou de meninas que apenas interagem entre si, conversam bastante e tiram notas de razoáveis a muito boas. Também é possível encontrar alunas que vão sempre com um belo penteado com adereços coloridos, feitos por alguém. Poucos são os alunos de baixo rendimento e de comportamento inadequado.

Também identifiquei nas turmas desta escola um aspecto comum dentro de cada grupo: as individualidades, personalidades e motivações de cada jovem, em alguma medida, estavam baseadas numa experiência anterior à escola. Muitos desses adolescentes tiveram contato com diferentes tipos de modos de viver (se vestir, como se comportar, o que consumir/ter) e escolheram aqueles que mais os agradavam. Já outros, aparentemente, apenas reproduzem os modos e estilos de seus familiares ou amigos próximos. Em todos os casos, os alunos apresentavam ter uma boa rede de apoio aos estudos e na construção de suas personalidades também fora da escola.

Numa escola localizada no centro da cidade, a configuração das turmas era diferente. Os alunos vinham de diferentes bairros, porém, todas as turmas possuíam um perfil semelhante, homogêneo à primeira vista, ao contrário da escola relatada anteriormente. Aqui, não identifiquei uma heterogeneidade na composição das turmas, elas eram compostas por jovens que possuíam gosto musical muito semelhante, assim como os cortes de cabelo e comportamentos. Aqueles que não se enquadraram no perfil das turmas foram exceções. No geral, os alunos não estavam muito empenhados nas tarefas escolares e possuíam notas razoáveis em Arte. A maioria dos alunos não tinha material escolar, como cola, tesoura e lápis de cor. Quando solicitada a possível aquisição dos materiais para realizar as tarefas, a minoria demonstrava interesse em adquiri-los.

Resgatar a atenção desses alunos para o conteúdo, explicação e tarefa das aulas era constantemente custoso. Suas preferências em sala estavam voltadas demasiadamente para conversas, brincadeiras, “matar a aula” permanecendo por um longo tempo no banheiro ou bebedouro, mexendo no celular, olhando a rua pelas janelas. Havia alguns meninos que não

usavam a camisa do uniforme, calça nem tênis. E isso não significava necessariamente que eles não os tinham, pois muitos utilizavam o tênis no dia da aula de Educação Física, e o uniforme é dado pela prefeitura todos os anos.

Assim, todos esses comportamentos me traduziram como uma falta de interesse nos estudos e reconhecimento da importância deles. Além disso, muitos deles não tinham um constante incentivo familiar para estudar. Há muitos alunos que os pais não terminaram a educação básica por necessidade de entrar cedo no mercado de trabalho. Há alunos que, por conta disso, recebem apoio dos familiares que não desejam que seus filhos repitam o mesmo processo de rompimento na formação escolar. Esses casos são minoria em comparação aos alunos que não possuem uma educação familiar que qualifica os estudos como uma oportunidade de conquistar um futuro melhor.

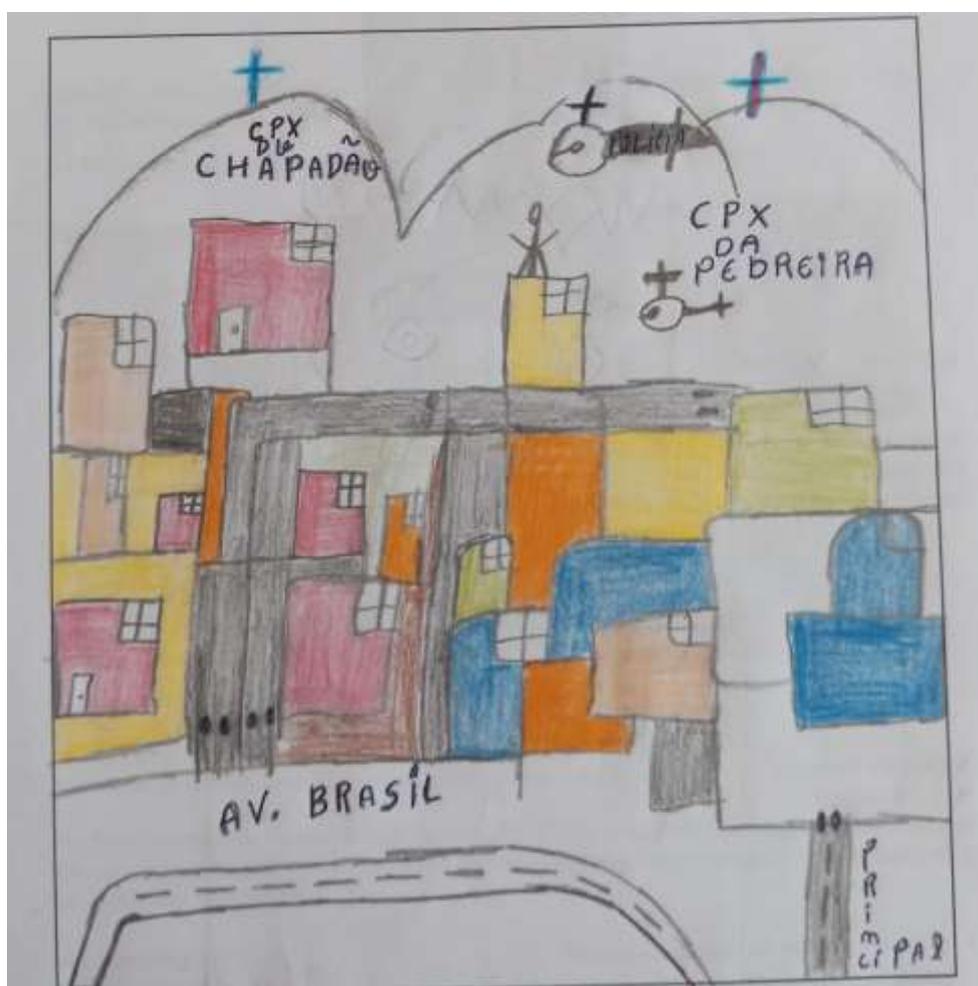
Durante as reuniões pedagógicas dessas duas escolas, os diretores informaram que na maioria dos casos em que o aluno tem mau comportamento e/ou rendimento escolar, e com isso é solicitado o comparecimento de um responsável para conversar sobre essas situações, os ocorridos geralmente se esclarecem mais para a escola do que para os familiares. Porque na visita à escola, os responsáveis apresentam comportamentos semelhantes ou piores do que os dos alunos em questão. Além disso, muitas vezes o cenário de convívio familiar dos alunos também é extremamente perturbador por conta de casos de violência, abuso e abandono.

Por conta disso, as direções escolares pedem por uma maior sensibilidade dos docentes em sala de aula. Talvez, os jovens que mais se destacam por não atenderem às nossas expectativas como alunos são os que mais precisam de acolhimento. Não se trata de ignorar seus maus comportamentos ou rendimentos escolares ruins, mas procurar compreendê-los para melhor ajudá-los. É o caso, por exemplo, de identificar a região onde a escola se encontra. A primeira escola é numa região nobre da cidade, já a segunda é no centro e recebe alunos das comunidades da redondeza. Em uma, os alunos são mais assistidos pelos responsáveis, possuem mais materiais escolares, boas vestimentas. Na outra, a realidade de regiões mais pobres da cidade se sobrepõe na escola, evidenciando o afastamento dos mais pobres das políticas públicas que os assegurem acesso às diferentes produções culturais, à educação básica completa, dentre outros fatores essenciais para conviver dignamente numa sociedade plural, rica em oportunidades de experiências de vida, mas que infelizmente é destinada a poucos em relação ao quantitativo da nossa população brasileira.

Essa falta de dignidade se reflete até mesmo nas produções artísticas, como é o exemplo da imagem 1 de um aluno de uma turma formada apenas por jovens que repetiram de ano, numa outra escola da cidade. O desenho é uma resposta plástica à proposta de fazer um

autorretrato numa paisagem. Nele, podemos observar uma personagem em cima de uma construção. Aqui chamo de construção, pois em outro momento um aluno me corrigiu sobre o seu trabalho quando chamei de casa e não de barraco. De fato, para ser uma casa precisa de muito mais dignidade! Também é notável no desenho a presença de nomenclaturas de comunidades e facções distintas, helicópteros da polícia, casas sem telhados e amontoadas, becos e vielas, uma rua principal no pé do morro, e a presença de duas cruzes no topo dos morros, que, por livre interpretação, podem simbolizar locais de aterramento de corpos humanos.

Imagem 1 – Mapa da Favela, M. 12 anos



Fonte: Acervo pessoal da autora. 2023.

Outro desenho que também me chamou muita atenção consistia na reconstrução da cena em que o autor do desenho e seus colegas, todos negros, enquanto brincavam na rua, foram abordados por policiais militares que os revistaram. Aqui o apontamento dos meninos serem todos negros não é à toa. Ainda existe racismo em nossa sociedade, por isso essas

crianças foram abordadas, pois estavam apenas brincando na rua, segundo o relato do aluno. São jovens negros, que moram numa comunidade, logo, para a nossa polícia, são suspeitos.

Este desenho está registrado apenas na minha memória e (re)formação como professora, pois apesar de querer registrar fotograficamente, e o aluno ter desenhado o que lhe ocorreu, a situação de falar do desenho realizado beirava ao constrangimento velado pelo bom humor do jovem. Isso é apenas uma fração do que se reverbera em sala de aula sobre em qual sociedade nossos jovens crescem, tendo suas formações dependentes das suas condições financeiras, sua raça etc.

Outro aspecto observado foi a falta de acesso a diferentes aparatos culturais, para além da cultura de massa, por meio da escassez da representatividade desses jovens, principalmente negros, em meio ao bombardeio de imagens da nossa sociedade. Isso se torna visível, por exemplo, quando estes jovens trazem a questão da coloração dos seus personagens negros em seus desenhos. Alguns reproduzem a noção da cor da pele ser geralmente representada pelo lápis de cor salmão, independentemente da cor real dos personagens. Em atividades como autorretrato, há aqueles que usam a cor marrom para se aproximar de suas cores, outros se pintam de salmão, como as crianças brancas, já outros simplesmente não pintam os personagens, deixando-os brancos da cor do papel.

Pude observar também a relação entre a população negra e a suas condições de vida numa escola localizada no bairro Âncora, um dos locais mais pobres da cidade, com problemas de saneamento básico, facção criminosa, venda de drogas, enchentes, falta de água encanada. Nesta unidade escolar, os alunos são majoritariamente negros. A falta de poder econômico das famílias dos jovens aparece em diversos aspectos: alunos sem uniforme adequado, usando chinelos, sem material básico como riscadores e caderno. Além disso, muitos alunos dependem de café da manhã e almoço da escola para terem suas principais refeições do dia.

Diversas vezes já presenciei alunos chegando em sala de aula com diversas bananas ou laranjas, com dias que ora as devoravam ora as guardavam para consumi-las posteriormente. Essas e outras cenas sensíveis foram encaradas com empatia, uma vez que já estive neste lugar de consumir uma alimentação de qualidade apenas na merenda escolar ou até mesmo no restaurante universitário da faculdade. Não existe a hipótese de constranger chamando a atenção de um estudante que traz para a sala de aula mais frutas do que podia pegar. Inclusive, uma única vez, um aluno se indignou com o seu colega com a mochila cheia de bananas, buscando o meu posicionamento diante disso. Esclareci que se não houvesse desperdício, por mim, não havia um problema.

Para contribuir na variedade de juventudes identificadas, trago também a experiência obtida numa escola no bairro Atlântica, em especial, numa turma formada apenas por adolescentes negros que repetiram o 7º ano. A princípio, os alunos assumiram a postura do papel de alunos problemáticos, bastante lembrado pela direção escolar desde os primeiros dias de aula, sendo alunos repetentes de ano escolar. Nesse sentido, pareciam estar conformados com a ideia de não terem bons rendimentos na escola. Assim, havia poucos pudores quanto ao comportamento que deveriam ter em sala, me testavam o tempo todo falando palavrões, brigando uns com os outros, dentre outros comportamentos ruins.

Com uma postura firme para manter um ambiente propício para os nossos estudos e atividades, esclareci a eles as normas que deveriam seguir nas aulas. Porém, com olhar e ouvidos bem atentos a cada estudante, tentando decifrar as motivações por trás de cada inadequação no ambiente escolar, notei a presença da violência física e verbal em suas interações, além da reprodução do racismo velado por brincadeiras, apesar de todos, sem exceção, serem negros.

Durante uma das aulas com esta turma, enquanto os alunos conversavam alto uns com os outros, lembraram que um dos alunos havia sido baleado por um policial enquanto jogava bola na rua. Segundo ele, os policiais desceram armados do carro em direção aos adolescentes, que saíram correndo, então foram disparados tiros em suas direções. Os relatos de violência e traumas são sempre contados com um ar de normalidade e ao mesmo tempo constrangimento. Ao analisar essa e outras histórias contadas por eles, me pergunto se ainda há infância e adolescência, e se há, para quem? A realidade da vida adulta da periferia não espera para acometer esses jovens.

Numa outra turma, conversei em particular com duas jovens que possuíam muita dificuldade de se engajarem nas aulas. Elas me contaram histórias que poderiam ser um roteiro de filme criminal para maiores de dezoito anos. Sem maiores detalhes, uma dessas histórias consistia na fala de uma das alunas que relatava as vivências do seu primo no mundo do crime. Segundo ela, já tentou inúmeras vezes convencê-lo a sair do tráfico, mas ele tem o desejo de alguma forma vingar a morte de seu pai, morto por bandidos.

Na semana seguinte, a aluna me abordou na minha mesa e desabafou comigo sobre outros ocorridos, como a vez em que tentou socorrer um primo que teve “teto preto”, gíria utilizada para nomear o mal-estar obtido pelo uso excessivo de drogas, e foi ameaçada de morte pelo irmão dele caso o primo não sobrevivesse; e da vez que estava fugindo da polícia com mais de dez pessoas, e acabaram caindo dentro de um buraco na mata. E enquanto eu a ouvia abrindo um pouco da sua realidade cruel fora da escola, eu conhecia um pouco mais da

juventude que tem a violência como cenário e imaginário visual e me questionava quais são as suas referências de futuro?

Como seres altamente sociais, reproduzimos o que aprendemos em sociedade. E com esses jovens não é diferente. Em boa parte dos seus convívios, escutam, observam ou até mesmo sofrem violências que reproduzem na escola. Por isso, meu papel como educadora não se limitou aos conteúdos programáticos, apontando durante as aulas as atitudes que deveriam ser repudiadas por eles próprios, como chamar uma pessoa de macaco a fim de discriminá-la ou agredir uma menina, por exemplo. Nossa convivência foi melhorando com o passar do tempo, aprendendo que há outras possibilidades de ser e estar em ambientes como a própria escola.

Diante deste panorama aqui apresentado a partir da minha perspectiva, compreendo a existência de uma infinidade de juventudes. No entanto, me contive em analisar apenas aquelas presentes nas minhas aulas de Arte. Foram criadas relações de local, raça e condições financeiras nesta breve categorização dessas juventudes, tendo estes aspectos uma importante influência na formação desses jovens rio-ostrenses. Para identificá-los, foi necessário conhecê-los, para além da adesão nas atividades propostas, a observação de suas manifestações visuais, comportamentais e sonoras precisou ser de uma professora-pesquisadora, atenta às forças externas às aulas que incidiam em cada dizer, gesto, estar.

Aqui utilizo a ideia de categorização para compreender diferentes grupos de jovens a partir, sobretudo, das suas manifestações socioculturais. De acordo com o professor Juarez Dayrell (2007, p. 1110), os jovens constituem culturas juvenis que lhes dão uma identidade como jovens. Essas culturas, enquanto expressões simbólicas da sua condição, manifestam-se na diversidade em que elas se constituem, ganhando visibilidade por meio dos mais diferentes estilos, que têm no corpo e seu visual uma das suas marcas distintivas.

Nesta perspectiva, podemos identificar diferentes grupos culturais, ou seja, de identidades coletivas. Dayrell (2007, p. 1110) afirma que os jovens ostentam os seus corpos e, neles, as roupas, os acessórios, indicando a adesão a um determinado estilo, demarcando identidades individuais e coletivas, além de sinalizar um *status* social almejado. Ganha relevância também a ostentação dos aparelhos eletrônicos, principalmente o celular.

De acordo com pesquisas, a adesão a diversos estilos populares desempenha um papel significativo na vida dos jovens, permitindo-lhes explorar práticas, relações e símbolos que lhes proporcionam criar espaços próprios e expandir seus circuitos e redes de interação, facilitando assim sua entrada na esfera pública (Dayrell, 2007, p. 1110). Minha intenção não é homogeneizar os jovens de cada escola mencionada, mas sim considerar que cada unidade

escolar possui um perfil distinto, representando um grupo cultural mais proeminente dentro desse contexto.

Para esses jovens, destituídos por experiências sociais que lhes impõem uma identidade subalterna, o grupo cultural é um dos poucos espaços de construção de uma auto-estima, possibilitando-lhes identidades positivas (Dayrell & Gomes, 2002; 2003). Ao mesmo tempo, é preciso enfatizar que as práticas culturais juvenis não são homogêneas e se orientam conforme os objetivos que as coletividades juvenis são capazes de processar, num contexto de múltiplas influências externas e interesses produzidos no interior de cada agrupamento específico. Em torno do mesmo estilo cultural podem ocorrer práticas de delinquência, intolerância e agressividade, assim como outras orientadas para a fruição saudável do tempo livre ou, ainda, para a mobilização cidadã em torno da realização de ações solidárias (Dayrell, 2007, p. 1110).

Os grupos culturais juvenis que se identificam a partir da minha perspectiva como professora não foram definidos de forma rígida, pois são organizações moldáveis que, embora inicialmente categorizadas por mim, podem ser reconfiguradas por outras abordagens de maneira distinta. Isso ressalta a flexibilidade dessas estruturas, permitindo diversas abordagens e configurações.

Considero esses grupos culturais, apresentados aqui e categorizados por mim, como componentes essenciais para uma avaliação diagnóstica constante dos alunos. Tal avaliação pode não apenas avaliar o domínio de conteúdo dos jovens, mas também buscá-los por meio da escuta ativa e observação em sala de aula. A cada dia, os jovens expressam diferentes formações, opiniões, experiências, alegrias, dores e outros aspectos que valorizam para sua identidade como cidadãos. No entanto, é importante estarmos atentos, pois muitas vezes a possível ausência de algo, seja conhecimento ou afeto, pode ser identificada em comportamentos repetitivos ou em expressões espontâneas.

Como mencionado anteriormente, a realidade de muitos jovens é atravessada pela falta de acesso às diferentes manifestações culturais, insegurança alimentar, na assistência à saúde, dentre outras. Tendo em vista esse acesso restrito a outras formas de viver e experienciar, a escola não é a única fonte de possibilidades de deslumbrar novas visualidades e imaginários possíveis por meio dos conteúdos, e encontros com as diversas bagagens de conhecimentos entre professores e alunos e alunos entre si. Foi notável a presença da cultura de massa no dia a dia dos jovens em sala de aula. Ora com o celular em mãos, vendo e ouvindo produções visuais e audiovisuais, ora reproduzindo o que está na moda nas redes sociais, como o Instagram e o Tik Tok, seja pelas vestimentas, maquiagem ou pelo comportamento.

Outro aspecto relevante para a pesquisa é o fato de todos os alunos conhecerem o Instagram, até os que não possuíam um perfil nesta rede social. Esses geralmente eram os

mais novos, e não possuíam um *smartphone*. Independentemente do posicionamento social, histórico ou econômico, essas juventudes utilizam esta rede social para se conectarem com as suas tribos e conhecerem outras. No entanto, suas bagagens são essenciais para realizarem as leituras das visualidades que consomem, por isso, elas precisam ser consideradas nas análises da pesquisa.

Nesse sentido, essa rede social tem um grande peso na ampliação da construção de visão de mundo e imaginário dos jovens por meio da educação não formal. É possível, por meio dela, que eles conheçam novos lugares, comidas, roupas, sapatos, formas de agir, pensar, apreciar, falar etc. Ela também cumpre o papel de vitrines com possibilidades de como estar agora e ser no futuro, pois, em sua maioria, tem caráter positivista. As imagens trazem esperanças: fórmulas de como ser considerada, em nossa sociedade, uma pessoa bonita, bem-sucedida, amigável, desejável.

Porém, as atuais redes sociais não enviam aos seus consumidores a mesma abrangência de conteúdos possíveis em relação à quantidade de produtores de conteúdos, ou seja, entre milhões de usuários, a diversidade de produções visuais e audiovisuais não é equivalente ao que é mostrado para todos os usuários. Assim, os mesmos conteúdos são consumidos por diferentes tribos. Isso facilita uma maior homogeneização dos imaginários coletivos, contribuindo para a criação de visões de mundo e desejos cada vez mais semelhantes.

Certamente, isso é um projeto elaborado em prol da indústria cultural que, de acordo com Horkheimer e Adorno (2002, p. 171), consiste numa unidade, em formação, da política. E seus produtos culturais, como filmes, histórias em revistas, a preços diversificados não são fundados na realidade, mas servem para classificar e organizar os consumidores a fim de padronizá-los. Para isso, as diferenças são difundidas artificialmente, ou seja, se cria uma falsa sensação de escolha entre as opções disponibilizadas, pensadas e criadas por um só produtor.

Nesse contexto, a trajetória do consumo das expressões culturais na internet por parte dos jovens tem se tornado cada vez mais homogênea, trilhando caminhos que muitas vezes apresentam meras ilusões de escolha. Os atuais usuários das várias plataformas de mídia social que buscam ampliar seus horizontes de conhecimento podem experimentar a angustiante sensação de se deparar constantemente com conteúdos de natureza similar. Entretanto, aqueles que encontram satisfação nos estímulos oferecidos por tais conteúdos correm o risco de limitar sua formação cultural. Nesse sentido, é importante refletir sobre as nossas abordagens educacionais e digitais, almejando construir espaços que incentivem a

descoberta de conteúdos diversos e enriquecedores, de forma a contrapor a tendência ao empobrecimento intelectual que pode ser provocada pela grande presença da indústria cultural nas redes sociais, como acontece no Instagram.

Os registros e categorizações aqui apresentados destacam uma interseção intrigante entre as questões de construção do imaginário, a percepção de si e do mundo, e o magnetismo das construções visuais que cativam os jovens nas redes sociais. Através das telas brilhantes, um labirinto de imagens meticulosamente elaboradas traça um conto sedutor de aspirações e idealizações em meio às milhares de produções visuais consumidas diariamente pelos jovens. No entanto, as consequências desses consumos transcendem as margens da superfície luminosa. À medida que os jovens são imersos em um mosaico de realidades filtradas, surge a possibilidade de tais representações visuais influenciarem a forja de seus imaginários.

Com tantas questões que atravessam as diferentes juventudes, é imprescindível questionar se tais construções digitais moldam um horizonte mental autêntico ou se esculpem ilusões efêmeras, cujas repercussões podem alcançar a definição de suas identidades e perspectivas de mundo. São traços culturais que constituem a formação pessoal e cidadã dos jovens. Portanto, é de suma importância para a educação formal abranger tais conteúdos numa perspectiva de análise crítica e criativa em prol da superação das correntes culturais que impedem voos mais longes de imaginários, possibilidades de ser, ter, realizar, considerando principalmente as juventudes das escolas públicas, originárias das camadas mais carentes da sociedade.

1.1 Jovens consumidores: interseções entre cultura e indústria no Instagram

Numa breve pesquisa na internet, é possível encontrar diversas matérias sobre o alto índice do uso da internet e da rede social Instagram pelos jovens. De acordo com o site TecMundo (2022)³, uma pesquisa conduzida pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br) do Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR (NIC.br), aponta que 62% dos jovens brasileiros utilizam o

³ Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/mercado/243573-pesquisa-aponta-78-jovens-brasileiros-usam-redes-sociais.htm>. Acesso em: 21 ago. 2023.

Instagram. Somado a esse dado, segundo o site TechTudo (2022)⁴, o Instagram é a rede social em que brasileiros passaram mais tempo em 2022, conforme divulgado por uma pesquisa semestral da plataforma de consultoria Mobile Time em parceria com a Opinion Box, que entrevistou mais de 2 mil brasileiros com 16 anos ou mais.

Quais são as imagens que povoam essa plataforma tão popular entre os jovens, quem é o criador por trás de cada uma e, o mais intrigante, qual é o propósito que guia sua criação? A gama de fotografias, ilustrações e momentos capturados é diversa e interminável, variando desde cenas cotidianas até composições artisticamente elaboradas. Mas o que motiva os indivíduos a compartilharem suas vidas através dessas imagens? Seria o desejo de conexão, autoexpressão, reconhecimento ou algo além? Enquanto algumas imagens podem visar a simples partilha de momentos, outras podem ser meticulosamente concebidas para contar histórias, promover produtos ou influenciar perspectivas.

Cabe então a questão: quais as visualidades, expressas nesses documentos textuais, nos falam pelos olhos de quem os vê e também de quem os produz? Para que e a quem servem ou serviam essas imagens? Qual o tipo de construção identitária de pessoas, lugares e objetos que se pretendia quando as imagens foram tomadas, escolhidas para serem registradas e veiculadas como supostamente ideais? O que se pode presumir que estaria oculto/manifesto no texto e no contexto das fotografias? Quais os valores, usos e costumes vivenciados cotidianamente e registrados nas imagens? Com vêm sendo forjadas as *Pedagogias da Visualidade* na formação de professores e na profissão docente? Quais as possibilidades de intervenção didático-pedagógica no campo imagético?” (Pedrosa; Figueiredo, 2017, p. 87-88).

Na contemporaneidade, é quase impossível ignorar o papel fundamental que o Instagram desempenha na criação, difusão e transformação de tendências culturais, como *memes*, vídeos, músicas, moda. As imagens veiculadas não apenas refletem nossa sociedade e seus valores, mas também moldam nossas percepções e aspirações. A interseção entre o visual e o cultural ganha vida através desses instantâneos digitais. É justamente nessa interligação entre cultura e imagens no Instagram que a indústria cultural vislumbra uma oportunidade de atuação, encontrando uma via de expressão e influência que se integra de forma naturalizada na rotina digital das pessoas.

É muito comum encontrarmos na indústria cultural *Pedagogias das Visualidades*, que são modos quase didáticos, embora muitas vezes não sejam explicitamente apresentados como tal, “de um conjunto de prescrições, sistemáticas ou não, que indicam como ver/produzir, de onde ver/produzir e para que ver/produzir as imagens que nos circundam e com as quais interagimos cotidianamente” (Pedrosa; Figueiredo, 2017, p. 88). Assim, encontramos nos textos imagéticos indicações de modos de ver, produzir e fruir as imagens.

⁴ Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2022/12/instagram-bate-whatsapp-e-e-o-app-em-que-brasileiros-passam-mais-tempo.ghtml>. Acesso em: 21 ago. 2023.

Nesse aspecto, a cultura é transformada numa mercadoria vendida por indústrias influentes no consumo de uma grande parte da população. E o Instagram tem servido como uma vitrine para a indústria cultural, promovendo os novos lançamentos de músicos, atores, escritores, e até mesmo modos de viver, pensar e agir. Isso acontece porque essa rede social se tornou uma fonte importante de inspiração e tendências, permitindo aos usuários que encontrem produções visuais para se espelharem, reproduzirem e compartilharem conforme se identifiquem.

A influência da indústria cultural no Instagram pode ser encontrada ao examinar os padrões estéticos, os conteúdos padronizados, da publicidade, dos influenciadores e das tendências culturais inventadas. Ela estabelece padrões estéticos, influenciando a maneira como as pessoas produzem e consomem os conteúdos, como exemplo por meio de filtros e edição de fotos criando uma uniformidade visual na plataforma. Isso contribui na criação das tendências, promovendo determinados valores e estilos estéticos e de vida. Essas tendências geram conteúdos padronizados, produzindo conteúdos mais genéricos e previsíveis, limitando a diversidade cultural.

Com a publicidade, as empresas e marcas usam essa rede social como uma ferramenta para promover seus produtos e serviços. Elas contribuem com a promoção de valores e estilos de vida que são vistos como populares ou desejáveis, influenciando a forma como as pessoas veem a si mesmas e aos outros. Já os influenciadores, que têm muitos seguidores e usam a plataforma para promover essas empresas e marcas, têm afetado a forma como os seus seguidores veem o mundo, principalmente por meio dessas ideias de consumo.

Os jovens são especialmente vulneráveis a essas investidas da indústria cultural, uma vez que estão em uma fase de formação de identidade e de busca por referências culturais. A promoção de produtos e serviços no Instagram pode levar os jovens a acreditarem que o consumo é a chave para a felicidade e a aceitação social. Isso pode promover um comportamento consumista excessivo e insatisfação constante.

Essa influência pode ocorrer pela pressão estética, por meio da padronização dos conteúdos, levando os jovens a se sentirem pressionados a seguir padrões estéticos irreais e a acreditar que sua aparência física é um dos principais fatores para a aceitação social. Isso pode gerar ansiedade e baixa autoestima. A promoção de valores e estilos de vida irreais, comuns nesta rede social, pode levar os jovens a acreditarem que precisam ter uma vida perfeita e sem problemas. Isso pode gerar sentimentos de inadequação e frustração com a vida que vivem.

Além disso, a influência dos influenciadores no Instagram pode levar os jovens a seguirem comportamentos e ideais que não são necessariamente saudáveis ou adequados para a sua idade. Isso pode gerar pressão social e comportamentos arriscados. E todos esses aspectos podem dificultar a capacidade dos jovens em desenvolver uma identidade própria e autêntica, uma vez que eles estão constantemente expostos a valores e ideais que podem não refletir seus próprios interesses e personalidade.

Atualmente, encontramos no Instagram modelos altamente difundidos de como ser, estar, produzir, consumir, desejar, acreditar, por meio de fotos, vídeos, videoclipes, publicidades, memes. Esses padrões são produzidos de acordo com o ideal de beleza, felicidade, sucesso e condições financeiras das classes mais altas. Porém, a maioria é consumida pelas classes mais baixas, efervescendo o desejo consumidor de produtos e serviços disponíveis no mercado que garantem propiciar melhores condições de vida e bem-estar para os seus clientes.

São ideais que utilizam criações visuais para colonizar o imaginário da população, principalmente dos jovens, público assíduo das redes sociais. E sabendo quem são os produtores dessas visualidades podemos nos questionar sobre que tipo de imagens eles nos permitem visualizar? Quais sonhos são estimulados em nós? Quais expectativas de vida os grupos sociais são destinados a ter? Tal abordagem busca contribuir para a superação, entre outras coisas, do poder castrador e disciplinador do currículo proposto pela classe dominante.

De início, pode-se destacar a venda desses imaginários e desejos a vidas com altos padrões de consumo e práticas que demandam condições financeiras e tempo livre, sendo veiculadas nas imagens de pessoas e marcas de serviços ou produtos famosos. Ao comprar esses ideais, são deixados de lado os sentimentos ligados a aspectos negativos, como raiva, angústia, revolta, solidão, e são valorizados os sentimentos positivos, como o da esperança e da alegria.

Nas redes sociais, existe um entendimento unilateral sobre o que é veiculado, sobretudo nas imagens virtualmente modificadas e publicadas, que tem trazido sérios problemas para os usuários das redes, principalmente os jovens, sendo ele a projeção da verdade nas visualidades compartilhadas. Por se tratar de “verdades” construídas presentes nas imagens virtuais ganham grande força de persuasão, de tal modo que as *Pedagogias das Visualidades* se coloca como um ensinamento, estabelecendo cânones de costumes, hábitos, modos de se comportar, assim como formas pedagógicas ampliadas (Pedrosa; Figueiredo, 2017). E de acordo com Rezende e Rigoni (2019), ideias de beleza, consumo e bem-estar têm causado, entre outros problemas, baixa autoestima, depressão e ansiedade.

A presença dessas *Pedagogias das Visualidades* tem reforçado a hegemonia característica do capitalismo. Apesar das resistências, este sistema consegue absorver e se apropriar das diferenças culturais, étnicas, raciais etc., estabelecendo novos modelos a serem seguidos a partir do consumo, seja ele de ideologias ou de produtos e serviços. Pois o capitalismo visa a sua perpetuação, logo, se adapta aos novos levantes populares e os absorve, transformando-os em estampas, produtos e publicidades.

Embora muito se conheça sobre os riscos do contato despreparado com as imagens veiculadas no ciberespaço, e a importância do ensino da Cultura Visual, pouco se tem exigido dos currículos quanto a uma abordagem crítica às *Pedagogias da Visualidade*. Imagens de capas de CDs, filmes, publicidade, penetram nas salas de aula, em sua grande maioria por meio dos *smartphones*, porém, quando tratadas como conteúdos nas aulas, são analisadas apenas seus aspectos formais. Mas e as ideologias que elas carregam? O ensino sempre será político, portanto, é possível analisar se a política empregada nos conteúdos e metodologias utilizados refletem nossas concepções sobre a ampliação do respeito, da democracia e da liberdade, e se estamos fortalecendo uma educação crítica às realidades preconceituosas, intolerantes, prisionais e homogêneas.

Conforme Byung-Chul Han (2015, p. 14), tínhamos, de acordo com a sociedade disciplinar de Foucault, as regras e proibições como normas norteadoras de nossas práticas e vontades. Para o autor, atualmente, a sociedade não está mais voltada para a obediência às regras, mas ao desempenho, se desvinculando da negatividade oriunda das antigas proibições, atrelando-se ao caráter de positividade, iniciativa e motivação. Pois, segundo o autor, a *sociedade do desempenho* é mais vantajosa em relação à sociedade disciplinar em nosso sistema capitalista, pois o sujeito do desempenho é mais rápido e produtivo que o sujeito da obediência. Assim, as redes sociais estão repletas de visualidades positivas fortalecendo essa lógica da sociedade engajada em mostrar resultados positivos, tanto no trabalho quanto na própria vida particular de cada indivíduo, seja por fotos de viagens, refeições ou corpos dentro dos padrões de beleza vigente etc.

Por meio de muitas dessas imagens disparadas nas redes sociais são ensinadas formas de se obter a felicidade por via da manipulação dos imaginários e desejos em direção à cópia dos atos das classes dominantes, sendo este um caminho trilhado individualmente. Para Fernando Hernández (2007, p. 25) a educação precisa reconhecer tais dilemas, pois

[...] em um mundo dominado por dispositivos visuais e tecnologias da representação (as artes visuais atuam como tais), nossa finalidade educativa deveria ser a de facilitar experiências reflexivas críticas. Experiências que permitam aos estudantes, como aponta Nancy Pauly (2003), terem a compreensão de como as imagens

influem em seus pensamentos, em suas ações e sentimentos, bem como a refletir sobre suas identidades e contextos sócio-históricos.

Compreendendo os contextos sócio-históricos da nossa atual sociedade, é evidente que o desejo de ascensão social não é inerente aos menos favorecidos, mas um aprendizado adquirido na nossa cultura ao longo do tempo. A ideia de que a riqueza e o sucesso estão ligados à pertença a uma classe social privilegiada tornou-se um valor cultural. E, como dito anteriormente, essa ideia é reforçada diariamente por diferentes mídias e publicidades, como no Instagram, em que as imagens de pessoas bem-sucedidas e ostentando diferentes produtos acabam por reforçar a associação de características pessoais, como inteligência, esforço ou competência com a ideia de que as classes mais altas são naturalmente superiores.

Essa educação para ascensão social é problemática na medida em que desconsidera a luta pela superação das desigualdades e pela construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Ao invés de buscar coletivamente uma mudança social, muitas pessoas se conformam com as suas realidades de forma que seus esforços são destinados a se aproximarem das classes mais altas, sem questionar as estruturas sociais que perpetuam as desigualdades.

Existe um modelo estético e social de vida ideal no sistema capitalista, e ele é construído pelas classes mais altas. Historicamente, a classe média de se alinhar com certos consumos das classes ricas, como consumo de automóvel, casa, viagens e despesas turísticas. Parte das despesas dessas camadas sociais são destinadas a consumos de prestígio. Não se deseja apenas comprar o que é realmente necessário para a sobrevivência, mas também aquilo que é aprendido como ideal para toda mulher, homem, adolescente ter, fazer, experienciar, reproduzir.

Ao analisar o comportamento nas redes sociais podemos entender o porquê e como ocorre o processo de construção e divulgação, por exemplo, da imagem do próprio corpo e estilo de vida. De acordo com Jonathan Crary (2011, p. 198), o sociólogo Jean Baudrillard vê, a partir do século XIX, o surgimento da necessidade de provas concretas para demonstrar que a felicidade, de fato, havia sido obtida por alguém. O homem, então, para demonstrar ser feliz perante a sociedade necessitava de algo físico para exibir ao mundo. Nesse caso, poderia ser um bem material como um carro, ou como é comum hoje em dia, postar nas redes sociais fotos dos bens materiais, das viagens realizadas, dos próprios corpos em consonância com os padrões vigentes, das refeições em restaurantes caros.

Ainda segundo o autor, a modernidade está ligada à luta das classes mais baixas recém-chegadas ao poder em superar a exclusividade dos signos das classes mais altas. As

cópias e imitações desafiariam essa exclusividade. Assim, a questão da mimese não é mais estética, e sim um termômetro do poder social. Aquilo que se tem e se mostra é um regulador de posição social. Esse fenômeno pode ser observado no Instagram, onde perfis com mais seguidores são aqueles que possuem signos (bens materiais, estilo de vida e comportamento) comumente associados às classes mais abastadas. Ou ainda nos próprios perfis com poucos seguidores, mas as suas postagens mais curtidas e comentadas são aquelas que se assemelham a estes signos.

Hoje em dia, também é comum encontrarmos falsificações de camisas, bolsas e tênis de grandes marcas à venda. Assim como fotos de pessoas usando tais itens no Instagram, pois, como apontado por Baudrillard, a felicidade está pautada nas comprovações sociais de poder aquisitivo. É indiferente se é uma falsificação ou uma peça original, o importante é a semelhança da estética dos bens exclusivos das classes mais altas. Dessa forma, o valor simbólico, por exemplo, dos produtos falsificados, se refere ao significado cultural, social ou emocional, que pode ser atribuído pelo usuário e demais admiradores das marcas originais. Esse valor não está necessariamente relacionado com a utilidade prática dos produtos falsificados ou não, e sim com a sua capacidade de representar algo além do produto em si. Muitas vezes o valor simbólico é mais importante do que o fato do produto ser de uma qualidade inferior à marca original, pois ele que permite que as pessoas se identifiquem com um grupo social.

O desejo cria territórios, fazendo uma série de agenciamentos, sendo ele produtivo e construtivo. Não se trata simplesmente de aniquilar a vontade de comprar, pois, com anos de desenvolvimento, o atual sistema social se tornou sofisticado a ponto de utilizar as redes sociais para construir nossos imaginários, materializar intencionalidades subjetivas e marcações ideológicas por meio das mídias sociais, filmes, propagandas etc., que legitimam sua inquestionável existência entre os explorados.

São desejos criados, ensinados e moldados conforme se deve girar a engrenagem do mercado internacional. E para aqueles que os questionam e clamam pela valorização das vontades de origem popular, de acordo com Néstor Canclini (1983, p. 44), há a valorização dos componentes biológicos e telúricos, típica do pensamento de direita, utilizada pelo populismo nacionalista-burguês para realizar uma identificação dos seus interesses com os interesses da nação, encobrindo a sua dependência diante do imperialismo, e no nível interno, os conflitos de classe que ameaçam os seus privilégios. Assim, são utilizadas estratégias visuais acompanhadas de discursos bonitos e eloquentes para conquistar imaginários,

anestesiando o desejo pela diferença desde estilos de roupas até ideais sobre o que pode ser a vida da maioria dos humanos na Terra.

Nessa perspectiva, a hegemonia cultural se sustenta pelo controle internacional sobre informações e expressões culturais, onde o conhecimento é a base da cultura, restrito dentro de um sistema educacional universitário que só pode ser mantido economicamente pelos países desenvolvidos. Como podemos superar essa divisão entre o público e os conhecimentos acumulados ao longo dos anos e compartilhados e debatidos por apenas alguns? Uma abordagem possível seria integrar essas questões desde o Ensino Fundamental, especialmente no contexto das Artes Visuais, estimulando reflexões sobre as criações visuais, seus autores, seu público-alvo e suas motivações.

Trabalhando o âmbito do ciberespaço no ensino de Artes Visuais, podemos destacar os modelos preestabelecidos de comportamento, publicações e conteúdo que as diferentes redes privilegiam. No caso do Instagram, as imagens de corpos pertencentes aos padrões atuais de beleza, belas paisagens, são mais valorizadas pelos usuários. Já no Tik Tok, os vídeos que seguem as *trends*, que são as tendências dentro do aplicativo, ganham facilmente visualização. Ou seja, a colonização, aqui entendida como a reprodução de um modelo, também domina a internet com padrões produzidos, consumidos e reproduzidos, muitas vezes sem a total compreensão dos usuários que os reproduzem sem refletirem sobre isso. Por exemplo, o uso de músicas em inglês a partir apenas da sua sonoridade ignorando a sua tradução, ocasionando, muitas vezes, produções audiovisuais com a relação entre as imagens e as músicas incoerentes.

Como uma alternativa ao ambiente desfavorecido para a expressão artística não dominante, podemos reimaginar a sala de aula como um espaço para criar condições que promovam movimentos artísticos diversos, contribuindo para a construção de um acervo e recursos que enriqueçam um referencial interno de desenvolvimento cultural. Sob essa ótica, é possível iniciar essa transformação por meio do ensino de Artes Visuais, destacando e valorizando uma ampla gama de expressões artísticas originadas em diferentes contextos. Isso inclui explorar diferentes suportes para trabalhos artísticos que se distanciam dos padrões visuais mais comuns, muitas vezes influenciados por fontes externas.

No entanto, não se trata apenas de ampliar os conteúdos do currículo mínimo, porque, conforme o educador espanhol Fernando Hernández (2007, p. 23-24), é necessário adquirir um alfabetismo visual crítico que permita aos discentes analisar, interpretar, avaliar e criar a partir da relação entre os saberes que circulam, especialmente, vinculados às imagens que saturam as representações tecnologizadas nas sociedades contemporâneas. Portanto, nosso

papel abrange não somente a ampliação de repertório visual dos discentes, como também o de facilitar as suas compreensões diante das visualidades constituintes da nossa sociedade, principalmente do nosso dia a dia e até mesmo no ciberespaço.

Além disso, também somos facilitadores no processo de criação e expressão artísticas dos discentes. E nesse aspecto não é preciso requerer uma identidade inédita expressa nos trabalhos produzidos pelos discentes como um objetivo moral. As expressões artísticas não surgem como criações completamente originais, desprovidas de influências externas, mas sim como produções híbridas que emergem do choque entre diversas influências culturais. Portanto, o objetivo é expandir o repertório visual dos estudantes, não buscando simplesmente replicar ou imitar, mas sim compreender e integrar essas influências de forma significativa, sem o objetivo de apenas garantir aprovação ou aceitação.

Não somos inteiramente passivos às investidas externas, criamos as nossas culturas populares, que, segundo o antropólogo Néstor Canclini (1983, p. 44-45), são o resultado de uma apropriação desigual do capital cultural, realizando uma elaboração específica das suas condições de vida a partir de uma interação conflitiva com os setores hegemônicos. De acordo com o autor (*ibid*, p. 42), a cultura popular, acima de tudo, não pode ser entendida como uma “expressão” de uma personalidade nacional, de forma idealista, porque tal personalidade não existe como entidade transcendental, metafísica, mas como produto da interação social.

Assim como para o antropólogo Alberto Cirese, segundo Canclini (1983, p. 48-49) o caráter popular de qualquer fenômeno deve ser encarado como um fato e não como uma essência, como posição relacional, não como substância, pois, o que constitui o caráter popular de um fato cultural é a relação histórica, de diferença ou contraste, diante de outros fatos culturais. Logo, nos importa mais as relações produzidas diante dos contrastes do que a sua origem, sendo ela do povo ou não.

Neste sentido, Canclini (1983, p. 48-49) afirma que não se trata de uma contraposição entre a cultura subalterna e a hegemônica como sistemas exteriores entre si, sendo fenômenos culturais que não são nem uma coisa nem outra, mas uma combinação de vivências e de representações cuja ambiguidade corresponde ao caráter não resolvido das contradições no interior dos setores populares, onde há resistências.

Recebemos influências externas com intenções mercadológicas a partir das visualidades, especialmente aquelas presentes nas redes sociais, pois elas fazem parte do dia a dia de milhões de pessoas, principalmente dos jovens. No entanto, percebemos que no atual mundo marcadamente visual e imagético não há expressões artísticas que não tenham tido influências das criações hegemônicas. Por outro lado, a resistência popular em embate com

tais hegemonias produz visualidades nas quais podemos nos debruçar e trabalhá-las em sala de aula em busca de uma educação crítica e criativa diante das atuais problemáticas sociais.

Entendemos que a investigação dos conflitos interculturais não pode estar orientada pela preocupação em exaltar a cultura popular, nem pela intenção de se apegar de modo conservador ao aspecto imediato e ao sentido que a própria comunidade atribui aos fatos e nem pelo interesse em adaptá-la à modernização. A questão decisiva consiste na compreensão das culturas populares através da sua conexão com os conflitos de classe e com as condições de exploração sob as quais estes setores produzem e consomem (Canclini, 1983, p. 46).

Quem sabe se a nossa sociedade superar a existência de classes, nós não iremos mais nos preocupar de estar incessantemente tentando manter vivos certos aspectos da cultura, agora atravessada e constituída por tais influências, com medo de sermos engolidos pelo imperialismo cultural, sendo uma forma de poder que busca homogeneizar as culturas. Enquanto isso, identificar as mesclas entre as influências da cultura hegemônica com as resistências culturais do povo é um possível caminho para valorizar as culturas e as artes brasileiras, principalmente as produzidas pelos nossos discentes em suas produções visuais.

É notável o caminho histórico do ser humano em querer superar sua atual situação econômica e social por meio da cópia do estilo de vida das elites ricas e socialmente aceitas. Ou seja, desde o jovem querer se assemelhar ao adolescente famoso do Instagram, vemos uma afinidade com a concepção de meritocracia, sendo um processo individual onde o esforço é concentrado na obtenção do estilo de vida dos mais abastados e não pela vontade de superação das dificuldades encontradas pelos pobres enquanto classe. O que há de humano nisso? E qual é o nosso papel enquanto professores de cidadãos diante de tais problemáticas?

Isso nos ajuda a refletir sobre o atual ensino que ainda tem vestígios da primeira Academia inaugurada no país, com o ensino artístico em moldes formais, valorizando temas nobres, em geral de caráter exemplar, como a pintura histórica. E, como sabemos, este percurso pedagógico não contribui para a valorização da resistência cultural popular e juvenil, sendo preciso repensá-lo, evitando que seja o único a ser praticado no ensino formal de Arte e Cultura Visual.

Nesse sentido, é importante destacar que os jovens estudantes são um público-alvo frequentemente explorado pela indústria cultural, que utiliza estratégias de *marketing* e publicidade para criar um ideal de vida baseado em consumo e *status* social. Essa busca incessante pela imagem idealizada, muitas vezes associada a produtos de luxo, pode gerar um sentimento de inadequação e frustração nas camadas mais jovens da população. Nesse sentido, é fundamental que a juventude seja incentivada a questionar esses valores culturais,

buscando novos caminhos para a construção de uma identidade e uma vida plena, que não se baseie apenas em consumo e *status* social.

A indústria cultural tem um papel crucial na criação e manutenção desses valores culturais que promovem a busca pela ascensão social em detrimento da luta pela superação das desigualdades. Ela utiliza a produção em massa de produtos culturais que reforçam estereótipos e valores que naturalizam as diferenças sociais e econômicas. Como exemplo, os padrões estéticos, sociais e econômicos altamente difundidos no Instagram, servindo de guia para as juventudes que estão em busca da identificação das suas tribos.

A educação para ascensão social se torna antiquada na medida em que visa à reprodução de produtos e consumos das classes sociais mais altas, desconsiderando a luta pela superação das desigualdades e pela construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Em vez de buscar a mudança social, esse tipo de educação pode estimular o conformismo diante da posição desfavorável que os jovens podem ocupar na sociedade, se esforçando para se aproximarem desses padrões, sem questionar as estruturas sociais que perpetuam as desigualdades.

Portanto, é importante compreender que o desejo de ascensão social não é uma característica natural ou inata das pessoas, mas sim um valor cultural que pode ser transformado por meio de uma educação crítica e reflexiva, que busque a conscientização das desigualdades e a luta por uma sociedade mais justa e igualitária. E em busca de uma educação emancipatória, crítica e criativa, é preciso utilizar formas de questionar e transformar esses valores, promovendo uma educação que sirva para uma sociedade mais justa e igualitária.

2 PERCEPÇÕES NO UNIVERSO VIRTUAL

No âmbito da internet – bem como na vida *off line* – o processo de educação não cessa, sendo intrínseco com a cibercultura, entendida como espaços, costumes, atitudes, produções que as pessoas desenvolvem quando entram em contato com a tecnologia. Segundo Edméa Santos (2019, p. 20), a cibercultura representa a cultura moderna que transforma a comunicação, a produção e a disseminação em rede de informações e conhecimentos no contexto cidade-ciberespaço. Isso resultou no surgimento de novas configurações espaciais e temporais, acompanhadas de práticas educacionais inovadoras. Considerando a cibercultura como o cenário contemporâneo, é destacada a necessidade de uma aplicação efetiva em suas práticas ao realizar pesquisas.

Na medida em que os anos avançam, a cibercultura ganha mais usuários, e esses são cada vez mais jovens. Nossos alunos estão aprendendo com sites, videogames, vídeos, redes sociais. E como professores de instituições de ensino, nas quais, segundo a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018), destina-se a contribuir na formação crítica, autônoma e criativa dos jovens, é importante nos adequar às novas formas de aprendizagem juvenil.

A educação da Cultura Visual, destinada a educar o olhar, ensinar como entender, observar e otimizar a visão, está na vida dos adolescentes, em grande parte, por meio da internet. No entanto, há pouca presença ou nenhuma citação das visualidades que são disponibilizadas no ciberespaço nos currículos escolares. Há imagens que atravessam os sujeitos, os emocionam, induzem, transformam. São como janelas que podem trazer tanto benefícios quanto malefícios, dependendo da relação estabelecida entre o observador e o objeto. Podem despertar, dentre outras coisas, felicidade, ansiedade, ira, tristeza e até doenças, como a depressão, ou seja, está estreitamente ligada com o nosso imaginário e saúde mental.

As percepções virtuais são compreendidas aqui como a capacidade para interpretar a informação que os nossos olhos recebem por meio da tecnologia com recursos visuais enviados para o cérebro, através de imagens. A partir delas, o nosso cérebro processa e cria os demais sentidos perceptivos (tátil, olfativo, gustativo e auditivo), agregando na resolução subjetiva da imagem observada.

Jonathan Crary discute, em seu livro *Técnicas do Observador* (2012), como a percepção visual e a experiência visual foram moldadas e transformadas pela cultura e tecnologia da modernidade do século XIX, destacando o papel das tecnologias ópticas na criação de experiências visuais “virtuais” e na redefinição da observação visual. A maioria

das funções do olho humano está sendo substituída por práticas nas quais as imagens figurativas não mantêm mais uma relação predominante com a posição de um observador em um mundo “real”, opticamente percebido (Crary, 2012, p. 11-12). Não precisamos estar numa realidade “real” para observá-la, porém, nossa perspectiva é limitada de acordo com o resultado da captura dessa realidade.

Não é mais preciso sair para a rua para ter informações visuais do dia ou até mesmo ver quem você ama, uma videochamada neste caso reduz essa distância visual. “Cada vez mais a visualidade situar-se-á em um terreno cibernético e eletromagnético em que elementos abstratos, linguísticos e visuais coincidem, circulam, são consumidos e trocados em escala global” (Crary, 2012, p. 12). Isso pode ser observado na rede social Instagram, onde os usuários se juntam e consomem visualmente as imagens e vídeos como uma forma predominante de comunicação.

Essa plataforma exemplifica como a visualidade se tornou uma linguagem global na era digital. Nesse ambiente cibernético, a experiência visual desempenha um papel fundamental na conexão de pessoas e na construção de narrativas digitais, proporcionando um espaço onde elementos visuais e linguísticos se entrelaçam, criando significados, emoções e conexões que transcendem fronteiras geográficas e culturais. É um reflexo do poder transformador da tecnologia na forma como percebemos o mundo e nos comunicamos em um contexto global interconectado.

Em certa medida, a predominância do uso da visão como o principal meio de consumo de recortes virtuais da realidade, muitas vezes distorcidos e cuidadosamente selecionados no Instagram, pode ser prejudicial aos jovens que frequentemente utilizam a plataforma como uma referência de mundo. A natureza altamente seletiva das postagens nessa rede social, onde muitas vezes apenas os aspectos mais atrativos e idealizados da vida são compartilhados, pode levar os jovens a terem expectativas irreais e padrões inatingíveis em relação à sua própria vida e aparência. Isso pode resultar em sentimentos de inadequação, baixa autoestima e ansiedade, uma vez que os jovens buscam constantemente comparar suas vidas com as representações muitas vezes idealizadas que veem na plataforma.

Essa preocupação com o consumo e a aprendizagem predominantemente visual dos jovens por meio do Instagram nos leva a uma discussão mais ampla sobre como as publicidades estão inseridas de forma sutil nas visualidades dessa plataforma. À medida que os jovens são expostos a um fluxo constante de conteúdo visual, é importante considerar como as estratégias publicitárias muitas vezes se misturam de maneira quase imperceptível com as novas tecnologias consumidas pelos jovens.

Em pesquisa sobre a presença da publicidade em videogames, Eduardo Borba (2014, p. 12) relata que nos jogos em que há uma simulação da arquitetura das cidades, as propagandas estão nas estruturas urbanas, já nos que constroem jogos de futebol, elas aparecem nas telas que circundam o campo. Ainda não sendo o foco dos olhares dos jogadores, elas transmitem, de forma sutil e naturalizada, suas mensagens, pois estão presentes e sendo lidas pelos seus remetentes. São ações extremamente propositais, influentes e direcionadas a um público que pouco tem estudado sobre a existência dessas forças e suas ações psíquicas.

Assim também ocorre nas publicidades realizadas por usuários influentes do Instagram. Com seus vídeos e fotografias retratando as suas rotinas, eles criam a sensação de aproximação e intimidade com os seus seguidores, pois estes acreditam que estão conhecendo a vida pessoal e íntima dos seus ídolos. No entanto, dentre estas publicações na rede social, existem aquelas que foram criadas por intenções publicitárias, que se passam por meras indicações, opiniões pessoais, sonhos e desejos dos interlocutores.

Em consonância com Eduardo Borba (2014, p. 11), observa-se que as imagens publicitárias se inserem como justificativa visual para reconstruir uma realidade em alguns ciberespaços. No caso das publicações no Instagram, elas se camuflam diante das narrativas construídas antes da apresentação do produto, opinião ou serviço a ser publicizado. E como esta rede social é um álbum de fotografias e vídeos que registram a história dos usuários, quando uma pessoa posta uma foto consumindo algo ou reproduzindo alguma ideia, os seguidores são levados a crer que este produto ou crença faz parte da história, personalidade ou opinião dessa pessoa.

Assim, usuários com muitos seguidores trabalham com esta metodologia, sendo denominados de influenciadores. E, apesar de a publicidade propagar, persuadir e divulgar conceitos, ela tem se espalhado e atingido seus objetivos sem muito alarde nesta rede social. Pois como vimos, suas formas de atuação são intencionalmente naturalizadas, dificultando os observadores a identificá-las e, assim, refletir sobre suas intencionalidades, possíveis contribuições ou até mesmo desestabilizações em seus imaginários, desejos e opiniões pessoais.

Em seu artigo, Borba (2014, p. 23) aponta que os mundos virtuais, explorados por ele, possuem enorme potencial para estimular a percepção visual do indivíduo. De acordo com o autor, as publicidades nesses jogos utilizam mecanismos que reduzem a tensão semiótica de estar, ao mesmo tempo, dentro e fora da tela digital. Essa análise fornece percepções valiosas sobre a interseção entre o mundo virtual e a publicidade, destacando o potencial desses

ambientes digitais como espaços para a comunicação comercial. Essa estratégia de publicidade eficaz cria uma imersão mais profunda, envolvendo o jogador de forma mais completa e naturalizando a presença das marcas com os prazeres que envolvem o ato de jogar.

Nesse contexto, a análise de Borba adquire ainda mais relevância quando consideramos a analogia entre os mundos virtuais dos jogos e plataformas, como o Instagram. Ambos os ambientes oferecem oportunidades para a integração de publicidade de maneira sutil e envolvente. No Instagram, a linha entre o conteúdo orgânico e a publicidade muitas vezes se torna difusa, à medida que os influenciadores frequentemente compartilham produtos ou serviços sem uma clara divulgação de que estão realizando um trabalho remunerado. Isso cria uma naturalização de indicações de marcas, fazendo com que os seguidores percebam essas recomendações como genuínas e parte da rotina dos influenciadores.

A estratégia de incorporar produtos de forma aparentemente casual nas postagens e *stories* do Instagram se assemelha ao que o autor descreveu em relação aos mundos virtuais, em que a publicidade se integra de forma a reduzir a tensão entre o mundo digital e a experiência do usuário. Ambos os contextos exploram a influência sutil, mas eficaz, da publicidade na percepção do público, muitas vezes tornando-a parte inseparável do ambiente em que estão inseridos. Esse fenômeno destaca a importância de uma análise crítica e conscientização por parte dos consumidores em relação à natureza da publicidade nas redes sociais e nos jogos, visando a uma maior transparência e compreensão das intenções por trás dessas estratégias de *marketing*.

No contexto do Instagram, a inserção sutil e muitas vezes não identificada da publicidade se tornou algo naturalizado, o que, por sua vez, apresenta perigos significativos. A plataforma tem sido palco de um fenômeno no qual a linha entre o conteúdo genuíno e o patrocinado é muitas vezes obscura, levando a uma situação em que as indicações de produtos por influenciadores são aceitas como autênticas, enquanto, na verdade, são estratégias de *marketing* cuidadosamente elaboradas. Essa normalização da publicidade mascara os limites entre o que é uma recomendação legítima e o que é uma promoção paga, influenciando os comportamentos e as percepções dos usuários.

Além disso, a constante exposição a modelos de vida idealizados, padrões de beleza inatingíveis e produtos de consumo gera uma pressão para a reprodução desses estilos de vida, estimulando uma necessidade de consumo e reforçando uma busca incessante por um padrão muitas vezes irreal. Isso pode impactar negativamente a autoestima, gerando um ciclo de comparação e insatisfação constante com a própria realidade, levando as pessoas a se sentirem inadequadas em relação aos padrões idealizados apresentados na plataforma. A naturalização

desses ideais inacessíveis pode criar um ambiente tóxico, levando a consequências significativas para a saúde mental e o bem-estar das pessoas que consomem esse tipo de conteúdo sem uma compreensão crítica.

Em pesquisa realizada por Piettra Polesso e Marianne Salha (2020), consta a relação entre ansiedade, baixa autoestima, compulsão alimentar periódica, insatisfação com a própria imagem corporal, com o uso da mídia social. Há um consenso entre muitas pessoas em classificar as imagens transmitidas pelas grandes mídias como exemplos de beleza, comportamento e opinião. Assim, estas se tornam parâmetros na vida de muitos indivíduos, principalmente dos jovens que estão buscando se inserir na sociedade a partir de alguma tribo.

Os adolescentes são os principais usuários desses medidores, pois, segundo a psicóloga Ana Paula Bahia, em matéria no *site Reverso Online* (2018)⁵, a adolescência corresponde à fase da construção de identidade. E, por conta disso, de acordo com ela, é um período perigoso para o uso intenso das redes sociais, pois é o estágio da vida em que tentamos nos encontrar e nos adequar nos coletivos nos quais temos interesse em integrar. A psicóloga comenta que já trabalhou com meninas magras que sofriam de bulimia por tentarem se enquadrar no corpo ideal da atual sociedade ocidental. Muitas dessas visualidades modelo estão sendo propagadas pelas redes sociais, onde cada vez mais conquistam usuários na mesma proporção que a publicidade se apropria deste âmbito.

Em consonância com Karl Marx (1983, p. 592), acredito que se a aparência e a essência das coisas coincidissem, a ciência seria desnecessária, e por isso considero a importância dos estudos da Cultura Visual na Educação Básica, principalmente daquelas que constituem o dia a dia e imaginário dos jovens. O ensino da Cultura Visual pode ser um meio de diálogo com essas visualidades, identificando-as, analisando, refletindo sobre quem as produziu, para quem as produziu e o porquê, em busca de seus contextos mais amplos. Podendo vir a ser uma contribuição à formação crítica, autônoma e criativa dos jovens, revelando-os as *Pedagogias das Visualidades* veiculadas em muitas das imagens consumidas nas redes sociais.

Essa demanda juvenil com e para o ensino formal da Cultura Visual é um produto histórico desenvolvido a partir da relação do homem com as tecnologias visuais. Por isso, é necessário compreendermos a transição histórica da percepção do homem com o mundo por meio das telas, permitindo ser visualizar imagens que antes eram inacessíveis, por conta do

⁵ Disponível em: <https://www2.ufrb.edu.br/reverso/sem-curtidas-a-influencia-das-redes-sociais-na-saude-mental-de-jovens-mulheres/>. Acesso em: 22 jul. 2021.

distanciamento especial e temporal, ou até mesmo inimagináveis, como a criação e edição das imagens, e como isso tem influenciado os nossos imaginários, emoções, desejos, ideais.

2.1 Um breve panorama sobre a construção da percepção e da memória

Para abordar a memória e a percepção do homem contemporâneo, é necessário contextualizar historicamente este processo, identificando o surgimento da emancipação da visão em relação aos demais sentidos na atribuição de entendimento de mundo e criação de identidade por via das tecnologias visuais. Em seguida, trago um breve panorama do processo de percepção pelo intermédio de telas digitais desde seus usos na guerra até o de entretenimento nas redes sociais. Na sequência, analiso como a espetacularização produzida pelas mídias tem contribuído para o hiperconsumo, principalmente no ciberespaço, e de que forma elas podem influenciar a educação, o imaginário e o bem-estar juvenil.

Emilia Sardelich (2006, p. 453) ressalta que a percepção significa aprender por meio dos sentidos ou da mente. E, para a psicologia da forma, a imagem constitui percepção, pois toda experiência estética, seja de produção ou recepção, supõe um processo perceptivo. Aqui a percepção é entendida como uma elaboração ativa, uma complexa experiência que transforma a informação recebida. Podemos perceber o mundo por meio de um ou mais sentidos (visão, audição, olfato, paladar, tato) ou pela construção intelectual a partir de ideias vindas de diferentes formas, como histórias e memórias. As imagens nos chegam por alguma dessas vias e se reverberam dentro de nós, nos causando, em algum nível, uma percepção oriunda destas experiências estéticas.

Essas experiências dependem das bagagens socioculturais dos indivíduos para constituir a percepção. Logo, cada indivíduo pode ter um entendimento diferente sobre um mesmo objeto ou evento. Ainda que experienciem a mesma sensação, terão percepções diferentes de acordo com os atravessamentos emocionais, históricos, sociais, culturais e econômicos que constituem cada um.

Em um dado período, nos conta o professor e crítico de arte Jonathan Crary (2012, p. 27-28), ocorreu a dissociação do tato em relação à visão na nossa percepção, no qual o tato havia sido parte integrante das teorias clássicas da visão nos séculos XVII e XVIII. Ele afirma que esta autonomização da visão foi uma condição histórica para reconstruir um observador destinado às tarefas do consumo “espetacular”. Assim, temos hoje em dia as propagandas

sendo realizadas explicitamente, ou não, diante dos nossos olhos enquanto assistimos, dentre outras formas, sentados no conforto do nosso lar como se fosse até mesmo uma forma de entretenimento.

Segundo o autor, “os imperativos da modernização capitalista, ao mesmo tempo que demoliram o campo da visão clássica, geraram técnicas para impor uma atenção visual mais acurada, racionalizar a sensação e administrar a percepção” (Crary, 2012, p. 32). As imagens que chegam aos consumidores são produtos de estudos, principalmente psicológicos, de como atrair a nossa atenção e até mesmo nos convencer da utilidade e estimular a sensação de necessidade do produto ou serviço ofertado aos observadores.

E isso podemos observar nas redes sociais, como é relatado no documentário *Dilema das Redes* (2020), as imagens que chegam em nossas *timelines* são minuciosamente escolhidas para nos manipular emocionalmente e até politicamente. E essas escolhas têm se tornado mais direcionadas para cada usuário, ofertando, por exemplo, imagens de *memes*, animais fofos, receitas, notícias dependendo do padrão de comportamento de cada um dentro desses espaços virtuais. Há profissionais de diversas áreas por trás da dinâmica de divulgação desses vídeos, manchetes, imagens geradas a partir de interesses mercantis e políticos.

Nesse sentido, Crary (2012, p. 27-28) afirma que o isolamento empírico da visão permitiu que novos objetos, seja mercadorias, fotografias ou até mesmo o ato da percepção, assumissem uma identidade confusa e abstrata. Assim, as visualidades ganham sentido apenas por meio da nossa visão, sendo o caso das fotografias veiculadas no Instagram, em que os demais sentidos não são utilizados para verificar e ampliar tais percepções. Isso pode acarretar entendimentos unilaterais e desconectados da realidade.

Crary (2012, p. 11) nos conta que o *design* feito com auxílio do computador, como os simuladores de voo, as imagens de ressonância magnética, são algumas das técnicas que estão deslocando a visão para um plano dissociados do observador humano. Isso também ocorre nas redes sociais, nelas podemos avistar, por exemplo, diferentes paisagens sem necessidade de estar presente nesses locais. Assim como também podemos ver coisas que não existem na realidade, como imagens com retoques nos corpos humanos, no céu, no chão, no fundo da fotografia, adicionando e retirando elementos, clareando ou escurecendo as cores ou até mesmo as modificando.

Em geral, como conta o filósofo francês Paul Virilio em seu livro *Guerra e Cinema* (1993), as novas tecnologias, frutos das invenções destinadas ao exército e à polícia, têm contribuído no uso rotineiro da sociedade, para que a nossa visão sobre as coisas tenha por intermédio as telas. Essa forma de percepção mediada por dispositivos virtuais e visuais foi

um importante avanço para os militares, pois a guerra se virtualizou, no sentido de não necessitar da presença humana para identificar os inimigos. As novas tecnologias captam imagens e sons que podem anteceder e, principalmente, prevenir a guerra dos objetos (projéteis, vetores explosivos mais ou menos devastadores) como se fossem uma versão técnica do olho de Deus que vetaria para sempre o acidente, a surpresa. Atualmente, muitas autoescolas se utilizam de simuladores para os alunos aprenderem a dirigir, assim como os futuros pilotos e os soldados que são treinados em ambientes virtuais 3-D. Nesses casos, as telas simulam realidades, são utilizadas para preparar o contato dos alunos com o mundo real.

Por outro lado, há usos para as telas que distanciam a percepção humana da realidade, como traz Virilio (1993, p. 167), os escritos do piloto de guerra Antoine de Saint-Éxupéry, relatando a sua ação virtual sob mundo o real, e como isso era percebido por ele:

[...] da vertical eu via somente bibelôs antigos sob um cristal puro que não tremia. Eu me debruço sobre vitrines de museu, domino uma grande placa espelhada, a grande placa da vitrine. Lá embaixo os homens, micróbios em uma lâmina de microscópio... eu sou um sábio glacial e para mim a guerra deles não é nada mais do que uma experiência de laboratório (Virilio, 1993 p. 167).

Segundo o teórico da Cultura Visual Nicholas Mirzoeff (2016, p. 761), com o uso das telas durante as guerras, a visão não tem nenhum papel no reconhecimento de um ambiente cultural ou governamental, somente é usada para o assassinato de pessoas-alvo, sendo uma guerra metaforicamente equivalente a um jogo de videogame. Trata-se de uma dissociação entre a realidade e a imagem dela transmitida pelo virtual, perde-se a compreensão da complexidade de relações que se envolvem entorno de um lugar, pessoa ou até mesmo de uma comunidade.

O autor (*ibid*, p. 764) diz também que desde a Guerra do Golfo de 1991, as chamadas armas inteligentes, orientadas via coordenadas GPS, têm atingido seus alvos negligenciando as consequências e servindo como uma fonte fértil para a propaganda. São gestos pequenos que brutalmente podem modificar e destruir vidas a partir da mediação das telas. Esse contexto de guerra pode nos ajudar a refletir historicamente sobre o uso atual dos meios virtuais e suas telas, compreendendo os estreitamentos e distanciamentos produzidos pelas percepções no ciberespaço.

Trazendo para os dias de hoje, pode-se exemplificar o fenômeno da ação humana no ciberespaço se refletindo no mundo real através da manchete veiculada no *Jornal Extra* no dia 1 de setembro de 2021⁶: “depois de virar *meme*, jovem conta que deixou os estudos e desenvolveu quadro de depressão”. Isso ocorreu por conta do *bullying* praticado em

⁶ Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/brasil/ja-acabou-jessica-depois-de-virar-meme-jovem-counta-que-deixou-os-estudos-desenvolveu-quadro-de-depressao-25180502.html>. Acesso em: 20 set. 2021.

comentários sobre o vídeo compartilhado inúmeras vezes nas redes sociais. Nesse caso, se indica uma consequência da ação desmedida na internet no mundo real, comentários maldosos replicados na rede influenciaram o bem-estar de uma adolescente. Há algo de comum entre as percepções dos pilotos de guerra e a dos jovens que praticam *bullying* nas redes sociais, eles perderam, em alguma medida, a sensibilidade na compreensão das suas ações no ciberespaço, que se refletem na realidade de outras pessoas.

Fora das telas, o filósofo Henri Bergson (1999, p. 15) observou que a dimensão, a forma, a própria cor dos objetos exteriores se modificam conforme seu corpo se aproxima ou se afasta deles, que a força dos odores, a intensidade dos sons se modifica com a distância. Ou seja, sua percepção é modificada na medida em que seus sentidos ocupam diferentes espaços e perspectivas. Assim, é possível compreender que as telas limitam nossas percepções na medida em que as imagens possuem recortes, tamanhos, cores, sombras já definidas e entregues a nós. Não adianta se esquivar, tentar olhar de outro ângulo, se aproximar, só nos é permitido ver da forma que nos foi disponibilizado. Já a percepção no mundo material é muito mais ampla e mutável, livre das formatações impostas pelas telas: recorte, cor, luz, sem contar com as camadas de edições visuais.

E isso é uma questão tanto para o mundo material quanto virtual. Apesar de o mundo virtual já nos entregar algo estático, uma única perspectiva a ser vista – a nossa –, ainda sim, pode ser variável de acordo com as memórias de cada indivíduo. Por isso, é importante estarmos vigilantes quanto ao imperialismo cultural que coloniza nossas memórias, percepções, nos condicionando a trilhar apenas os caminhos preestabelecidos de percepções e interpretações.

Por outro lado, não temos somente a limitação da nossa percepção por meio das telas, como também temos acesso a imagens fabricadas, sendo elas pouco relacionadas com o mundo real. É o caso, por exemplo, de fotografias famosas no Instagram, com edições nas formas, nas cores e adições de filtros com diversos efeitos visuais. O intuito dessas modificações é geralmente favorecer imagens mais positivas: céu sem nuvens, corpos sem “defeitos”, praias desertas, dentre milhares de outras situações que transmitem a ideia de uma vida plena e feliz de acordo com os atuais padrões de estilos de consumo e comportamento.

Paloma Santos (2021), pesquisadora de Teoria da Arte, relata que a fotografia, dentre outros motivos, nos é sedutora por não ser dinâmica. Tratando-se de um instante congelado, uma possibilidade de olhar cada detalhe capturado, algo que só a fotografia pode nos viabilizar. Diferentemente da memória, quando tentamos visualizar com clareza e perdemos vários elementos constitutivos do instante capturado pela nossa visão, onde o nosso

imaginário tenta repor o que se é perdido com o distanciamento do tempo, recriando e até mesmo adicionando novos elementos, nuances.

Mas a memória não cumpre apenas a função de recuperar uma imagem anteriormente visualizada, pois, de acordo com Crary (2012), a memória recria também a percepção presente, fortalecendo-a e enriquecendo-a. Depois de termos fixado o olhar sobre algo e logo após desviarmos abruptamente nossos olhos, teremos uma “pós-imagem” desse objeto ou paisagem. Ou seja, é uma imagem “fotografada” mentalmente com o auxílio das lembranças visuais que surgem imediatamente. Nossa percepção, neste caso, é como se fosse uma máquina fotográfica, capta um instante, e a nossa memória, de forma análoga à câmera fotográfica, tem por função auxiliar na revelação dessas imagens. Logo, nossos repertórios visuais são arquivados na nossa memória, sendo ela um instrumento indispensável para compreendermos o mundo visual, até mesmo instantaneamente.

No mesmo sentido, o filósofo Michel Foucault (2001 *apud* Cardoso, 2020) diz que as imagens reverberam em nós outras imagens, ou seja, oriundas da nossa memória. Estas estão arquivadas em nossos repertórios visuais, que constituem a nossa percepção. Segundo o filósofo Henri Bergson (1999, p. 30-31), não há percepção que não esteja impregnada de lembranças. Comumente essas lembranças deslocam nossas percepções reais, nas quais retemos alguns signos que nos trazem à memória antigas imagens. Essa rápida associação pode levar a algumas ilusões, moldando os objetos externos à nossa memória, e só se desassocia da lembrança por sua intensidade.

Diante desse processo de percepção visual, que ora constitui a nossa memória, ora é constituída por ela, Bergson (1999, p. 49) defende a necessidade de uma educação dos sentidos, pois,

Perceber conscientemente significa escolher, e a consciência consiste antes de tudo nesse discernimento prático. As percepções diversas do mesmo objeto que oferecem meus diversos sentidos não reconstituirão, portanto, ao se reunirem, a imagem completa do objeto; permanecerão separadas uma das outras por intervalos que medem, de certo modo, muitos vazios em minhas necessidades: é para preencher tais intervalos que uma educação dos sentidos é necessária. Essa educação tem por finalidade harmonizar meus sentidos entre si, restabelecer entre seus dados uma continuidade que foi rompida pela própria descontinuidade das necessidades de meu corpo, enfim reconstruir aproximadamente a totalidade do objeto material. Assim se explicará, em nossa hipótese, a necessidade de uma educação dos sentidos (Bergson, 1999, p. 49).

Nesse sentido, por meio do ensino de Artes Visuais, podemos colaborar com a ampliação perceptiva dos discentes, apresentando imagens e as destrinchando, analisando, recriando, relacionando com outras. Na medida em que auxiliamos no enriquecimento de suas

bagagens visuais e críticas, colaboramos com o aperfeiçoamento de suas percepções visuais em diferentes níveis e no ampliação de seus imaginários e memórias.

É possível que jovens com o acesso limitado apenas a produtos da indústria cultural tendem a ter apenas um padrão de percepção, o que empobrece suas memórias e imaginários. Ou seja, lembram e imaginam somente daquilo que consumiram e foram ensinados a se lembrar, por isso, não há muitas variações de imaginários possíveis dentre as juventudes que se limitam a um só tipo de percepção visual.

Por meio de um olhar atento a essas bagagens visuais e imagéticas homogêneas, que se manifestam nas salas de aula, procuro superar os moldes limitantes de visões de mundo e dos imaginários juvenis. O imperialismo cultural é um grande problema na construção de memórias, criação de estereótipos, principalmente na adolescência, fase de criação da visão de mundo e de si. Então, é contra essa corrente que podemos atuar, desejantes de percepções juvenis amplas, capazes de compreender a existência de intencionalidades mercantis, políticas e a existência de outras possibilidades de ver, ser e estar no mundo.

2.2 A percepção por meio da semiótica

Investigando e refletindo, a partir da perspectiva da educação de arte e cultura contemporâneas, sobre as possíveis mensagens comunicadas pelas imagens no Instagram e seu uso pelas juventudes, surgiram algumas questões: a internet “educa” o olhar, ou seja, ela proporciona uma educação da Cultura Visual? As imagens em si podem comunicar algo? Não considerando que cada imagem possui uma mensagem subliminar e sim possibilidades de uso e consequência no dia a dia juvenil, trago neste tópico um breve panorama sobre o que dizem os estudos do semiólogo francês Roland Barthes para sistematizar uma forma de analisar as imagens.

É importante ressaltar que a educação não formal pode ocorrer com a assimilação de visualidades que constituem o nosso dia a dia. Ao assistirmos uma cena de jantar num filme ou novela, podemos assimilar as formas de se comportar à mesa com as dos personagens, seguindo as regras de etiqueta nela praticadas; Há infinitos outros exemplos de educação que podemos adquirir pela observação de comportamentos assimilados a partir de uma experiência visual. Isso pode ocorrer porque o ser humano, como um ser altamente social, não precisa mais estar necessariamente presencialmente com outros seres humanos para aprender

com eles. A percepção por intermédio das telas, como abordada anteriormente, pode modificar aqueles que observam outras pessoas através dos seus dispositivos visuais ou audiovisuais, sendo eles os *smartphones* e os computadores.

Assim como os filmes, as novelas, os vídeos, o Instagram são uma fonte inesgotável de visualidades que podem educar ou também, podemos dizer, influenciar, como são comumente conhecidas as suas atuações nos usuários. Suas imagens estáticas ganharam espaço na produção de visualidades no dia a dia das juventudes. São registros fotográficos de momentos incríveis, pessoais, íntimos de amigos, familiares próximos, ídolos e até mesmo de pessoas desconhecidas que envolvem um prazer em observar, admirar, aprender com elas.

Os aprendizados podem vir, além de outras possibilidades, pelo desejo de replicar o que se foi observado em alguma ou mais imagens na rede social. Como é o exemplo de procurar aprender uma receita nova por ter visto uma foto de uma comida apazível ou até mesmo a vontade de conhecer um novo restaurante fotografado por uma pessoa famosa que o frequentou. Por conta dessas ocorrências, existem os *influencers*: pessoas que trabalham postando fotos com a intenção de influenciar os seus seguidores, sendo estes os consumidores das suas publicações na rede social. Eles são remunerados pelas indústrias e comerciantes que os contratam para produzirem imagens não tão francas para os seus observadores.

Essas contratações envolvem uma estratégia de manipulação da percepção dos usuários na compreensão e interpretação das imagens que consomem desses *influencers*. Tal como peças teatrais, esses influenciadores encenam o consumo de tais produtos e serviços como se fossem situações naturais de suas rotinas, fotografando e postando em seus perfis no Instagram, e não como uma elaboração de uma imagem advinda de um trabalho remunerado, a publicidade.

Com o uso intensivo de milhares de pessoas, a rede social se desenvolveu em torno do que lhes gerava maior obtenção de tempo de uso dos usuários: as imagens consideradas mais relevantes por meio de engajamento, obtido por curtidas, comentários e compartilhamentos. Rapidamente, os empresários e comerciantes identificaram um grande potencial de mesclar as imagens de registros de vida pessoal e social por publicidades veladas por imagens exclusiva de pessoas famosas. Dessa forma, abre-se a oportunidade para os consumidores dessas imagens acreditarem que observam a realidade da vida pessoal desses influenciadores.

Além dos aspectos publicitários, as percepções dos usuários também podem ser distorcidas pelas modificações que a maioria das imagens recebe antes de serem postadas na rede social. Ainda que saibamos da existência dos filtros de imagem, do trabalho dos influenciadores, essas visualidades podem compor o nosso repertório visual, imaginário e a

construção de subjetividades. Esses fenômenos estão cada vez mais evidentes com os índices de procura pelas marcas que utilizam da estratégia dos influenciadores; das altas taxas de cirurgias plásticas para acompanhar padrões de beleza “instagramáveis”; nos resultados de estudos sobre a influência do consumo despreparado no bem-estar social e psicológico dos usuários.

Diante de tantas nuances que as imagens no Instagram perpassam, uma observação analítica e crítica delas não é facilmente natural. Há uma necessidade de aprender sobre quem as produziu, para quem as produziu, o porquê as produziu e como as produziu, para ter uma melhor compreensão sobre como podemos e gostaríamos de nos afetar a partir do consumo delas. Certamente não precisamos encontrar a essência de cada imagem, caso exista, mas sim ampliarmos nossos parâmetros para identificar intencionalidades ou possibilidades em homogeneizar culturas, influenciar comportamentos, afetar nossos desejos e imaginários por meio de imagens de corpos, objetos, vestimentas, viagens, cenários. Além disso, é importante reconhecer que todos os usuários também podem criar conteúdo, contribuindo para essa multiplicidade de perspectivas e influências na plataforma.

Para compreender melhor essas possíveis relações entre as visualidades propagadas pelo do Instagram e suas possíveis percepções pelos jovens, é preciso identificar alguns aspectos formais das imagens e seus contextos. Para tanto, ressalta-se o diálogo com os estudos do semiólogo Roland Barthes, que enfoca nas relações contextuais a partir da análise formal das imagens. Dessa forma, serão identificadas as ferramentas utilizadas por Barthes para analisar as imagens e suas estruturas formais, propósitos e seus usos sociais, buscando um referencial que contribuirá mais adiante para a construção das rodas de conversa praticadas com jovens do Ensino Fundamental II de escolas públicas do município de Rio das Ostras/RJ.

Sob a ótica de Roland Barthes, a relação entre a percepção e o Instagram assume uma dimensão rica e complexa, caracterizada pela interação entre o sujeito que observa e a plataforma, que se revela como um intrincado sistema de significados. Conforme Barthes (2006, p. 51) argumenta, “a significação pode ser concebida como um processo; é o ato que une o significante e o significado, um ato cujo resultado é o signo”. Irei explorar o significante, o significado e o signo de maneira mais aprofundada mais adiante.

Ainda sobre o processo de significação, temos o Instagram como um exemplo, em que cada vídeo, postagem ou imagem é carregada de significados muitas vezes conotativos. Os usuários percebem não apenas as imagens em si, mas também os símbolos culturais, as narrativas pessoais e os valores implícitos em cada publicação, assim como em toda e

qualquer imagem fora do Instagram. Isso torna a percepção no Instagram uma experiência altamente semiótica, em que as imagens e os textos se tornam elementos-chave na construção de significados.

A percepção no Instagram não se limita a uma simples observação visual, mas envolve a interpretação ativa dos sinais e códigos que permeiam a plataforma. Os usuários são convidados a decifrar não apenas o que é mostrado, mas também o que está implícito e o que é sugerido nas entrelinhas. Esse processo de interpretação reflete a abordagem semiótica de Barthes, na qual a percepção não é apenas um ato passivo, mas um ato de leitura ativa, no qual o sujeito está constantemente envolvido na construção de significados.

De acordo com Roland Barthes (2006, p. 12), é necessário compreender a importância do papel da linguagem no significado das imagens, pois qualquer sistema semiológico perpassa a linguagem. Para ele, o sentido só existe quando é denominado, ou seja, o mundo dos sentidos não é outro se não o da linguagem. Ao observarmos uma imagem, portanto, é necessário utilizarmos dos significados já existentes na linguagem para assimilarmos o que estamos vendo, pois um signo que se revela através de um outro signo.

[...] o semiólogo é levado a encontrar, mais cedo ou mais tarde, a linguagem (a “verdadeira”) em seu caminho, não só a título de modelo mas também a título de componentes, de mediação ou de significado. Essa linguagem, entretanto, não é exatamente a dos linguistas: é uma segunda linguagem, cujas unidades não são mais os monemas ou os fonemas, mas fragmentos mais extensos do discurso; estes remetem a objetos ou episódios que significam sob a linguagem, mas nunca sem ela (Barthes, 2006, p. 12).

Nesse sentido, esse estudo compreende uma área do conhecimento dedicada à compreensão dos sistemas de significação desenvolvidos pela sociedade. Ela tem por objeto qualquer sistema de signos, sejam quais forem seus limites: imagens, gestos, sons melódicos, objetos e os complexos dessas substâncias que se encontram os ritos, protocolos ou espetáculos, se não constituem “linguagens”, são, pelo menos, sistemas de significação (Barthes, 2006, p. 9). Então, as imagens fazem sentido para nós quando nos comunicam algo em algum aspecto. Elas reverberam em nós outras imagens, ou outras formas de significados já assimilados anteriormente.

E para começar analisar as imagens e suas percepções sociais, Roland Barthes (2006, p. 8) categorizou cinco elementos que pretendiam ser desde o começo um ponto de partida em seus estudos de semiologia, propondo um vocabulário, sem o qual a invenção de pesquisa não seria possível, passando por eles, mas não se detendo a eles. São eles: poder, linguagem, historicidade cultural, composição estrutural, signo e mito. De modo panorâmico, farei uma

breve abordagem sobre cada conceito utilizado para compreender as possíveis camadas existentes entre as imagens e suas formas de percepção.

O primeiro elemento é o poder, diluído nas várias formas de sociabilidade e de comunicação presente em qualquer discurso. Ele se manifesta de acordo com ideologias, historicidade. Já a linguagem é aquilo que se diz e como se diz. De acordo com Barthes (2004, p. 10-11), o discurso não só conduz, mas elabora o erro e culpabiliza aquele que o recebe, podendo partir até mesmo de um lugar fora do poder.

Alguns esperam de nós, intelectuais, que nos agitemos a todo momento contra o Poder; mas nossa verdadeira guerra está alhures: ela é contra os poderes, e não é um combate fácil: pois, plural no espaço social, o poder é, simetricamente, perpétuo no tempo histórico: expulso, extenuado aqui, ele reaparece ali; nunca perece; façam uma revolução para destruí-lo, ele vai imediatamente reviver, re-germinar no novo estado de coisas. A razão dessa resistência e dessa ubiquidade é que o poder é o parasita de um organismo trans-social, ligado à história inteira do homem, e não somente à sua história política, histórica. Esse objeto em que se inscreve o poder, desde toda eternidade humana, é: a linguagem — ou, para ser mais preciso, sua expressão obrigatória: a língua (Barthes, 2004, p. 11-12).

O poder, então, se manifesta pela linguagem. A linguagem demonstra o poder, reforça essa dominação e seus elementos compõem o que o autor chama de discurso de poder. Este elemento é considerado como todos os discursos que engendram o erro e, por conseguinte, a culpabilidade daquele que o recebe (Barthes, 2004, p. 11). Ele se refere ao que não apenas sustenta, mas determina e mantém o *status quo*, compreendido como o principal pilar da sociedade. Não sendo apenas de onde tiramos nossas palavras, mas também o nosso modo de agir. Isso também reflete o lugar das pessoas na nossa sociedade, quem serve e quem manda.

Há também o elemento da historicidade cultural que compreende o código de conotação não sendo verossimilhante ao natural nem ao artificial, mas histórico ou cultural, sendo os signos gestos, atitudes, expressões, cores ou efeitos, dotados de certos sentidos em virtude do uso de certa sociedade (Barthes, 2007 *apud* Irerrê, 2019, p. 5). Interpretar as imagens criadas a partir dos discursos depende do conhecimento da pessoa que visualiza, o conteúdo é traduzido por meio de lentes que a pessoa possui de acordo com a construção histórica da sociedade em que vive. E somente quando conhecemos os signos de outra sociedade ou de outro grupo social, família, empresa, poderemos compreender as expressões, que, por serem históricas, mudam com o tempo.

E, para estudar a representação, Roland Barthes criou o elemento da composição estrutural do discurso, que consiste na fragmentação do objeto de estudo para encontrar as pequenas e variadas construções de sentido que lhes foram dadas. Essa fragmentação permite identificar um grupo de objetos que possuem afinidades e diferenças que auxiliam a produção de sentido. Em seguida, é necessário organizar os arranjos dessas associações e, com isso,

encontrar o que da sociedade é refletido no uso do signo. Mas não somente isso, permitem identificar a regularidade do uso, a frequência com que se repete (Irerê, 2019, p. 7). Assim, é possível compreender como foram produzidas a partir da combinação de determinados signos, possibilitando perceber também a naturalização do uso, e como está tão enraizado que parece que sempre foi desta forma.

O signo é o elemento que só existe quando é reconhecido, ele se decompõe em significante e significado. O plano significante se refere à expressão, e os significados, ao conteúdo (Barthes, 2006, p. 43). O primeiro está articulado à sua função, esta dada pela sociedade, e nada impede que essa função seja alterada. Além disso, ela se penetra de sentido, por isso, é chamada de função-signo (*idem*, p. 44).

Neste aspecto, algumas perguntas são fundamentais em relação à função do signo: Quem usa? Quando usa? Como usa? Para que usa? Quem domina e quem é dominado com o uso? Por conta disso, em nossa sociedade, o que está em disputa é o uso dos signos, pois a linguagem produz imagem a partir dos seus signos, de como damos valor e sentido a objetos, ações, pessoas. A sociedade se apropria das representações, sendo o foco menos na substância e mais na sua função, uso.

Já o significado é essa relação de construção psíquica sobre a realidade, como um cruzamento dessas informações. Essas relações são diversas, por isso, é o plano do conteúdo. Ele não é uma “coisa”, mas uma representação dela; por exemplo, Barthes (2006, p. 46) traz a palavra boi, ela não é o animal boi, mas sua imagem psíquica. Por outro lado, o significante é um mediador material do significado e sua definição é inseparável dele (Barthes, 2006, p. 50-52). A junção dos dois resulta na significação, podendo ser concebida como um processo, cujo produto é o signo e, conforme o autor, esta definição só tem valor classificatório e não fenomenológico.

O último elemento é o mito. Ele é uma fala, uma mensagem, é um discurso. Ele pode ser uma foto, um vídeo, um texto. “O mito não mente, mas antes, escancara, deforma, desvia. O mito possui intenção, propositadamente transforma um discurso, uma fala, a reduz e a naturaliza” (Irerê, 2019, p. 9). Ele não se define pelo objeto de sua mensagem, mas, pela maneira que profere, tem limites formais, mas não substanciais. O que define por quanto tempo algo será parte da fala mítica é a história e o poder. E, por consequência, a forma do mito depende da linguagem. A força do mito é tão grande que influencia a nossa forma de pensar, dizer e agir. Como exemplo, Raphael Irerê (2019, p. 2) traz o mito das “raças” que formam o Brasil, o nordestino como “exemplo de comediante”, o paulista como “exemplo de empresário”.

Barthes (2001, p. 7) demonstra sua motivação em seus estudos sobre os mitos a partir da sua impaciência em relação àquilo que era confundido pela imprensa, pela arte, pelo senso comum, como natural e não como construído historicamente. Os mitos foram criados ao longo da nossa história e cultura e mascaram nossa realidade, gestos, gostos, modos de agir, pensar, como frutos de processos naturais. Dessa forma, o autor pretendia recuperar o caráter de artificialidade que permeia as manifestações culturais enquanto manifestações significativas.

E esse aspecto de desvelar as culturas tidas como naturalizadas nos estudos de Roland Barthes é muito relevante para este trabalho que analisa os usos das imagens do Instagram pelas juventudes. Considerando a função social de professora de Arte que trabalha com conteúdo da arte e cultura, principalmente contemporâneas, tornam-se relevantes não somente as análises formais do uso dessas imagens, como também a função de refletir, juntamente com os jovens, as possíveis origens e reflexos do consumo dessas imagens em suas rotinas, buscando, talvez, revelar outras formas de olhar que não aquela oriunda das *Pedagogias das Visualidades* homogeneizadoras.

Para uma análise mais abrangente das imagens, trago dois conceitos importantes de Roland Barthes (2006, p. 39): sistema significativo primário e secundário. Qualquer sistema de significação é composto por um plano de expressão e um plano de conteúdo e que a significação coincide com a relação entre esses dois planos (Barthes, 2006, p.95). Este sistema é chamado de plano de expressão e foi designado como significante do segundo sistema, este chamado de *Semiótica conotativa*, no qual o primeiro sistema é um elemento constitutivo.

O segundo sistema é então uma extensão do primeiro, cujo plano de expressão é, ele próprio, constituído por um sistema de significação; os casos correntes de conotação serão evidentemente constituídos por sistemas complexos, cuja linguagem articulada forma o primeiro sistema (Barthes, 2006, p. 95-96). Nesse sentido, a linguagem se torna um veículo para a comunicação não apenas de conteúdo explícito, mas também de significados subjacentes, simbólicos e culturais.

Segundo o autor (idem, p. 97), o significado da conotação é global e difuso e é, se quiser, um fragmento de ideologia, ou seja, a forma dos significados de conotação, enquanto a retórica seria a forma dos contadores. Para ilustrar melhor a aplicação desses termos, podemos utilizar o exemplo da seguinte imagem retirada do Instagram:

Imagem 2 – Propaganda no Instagram



Fonte: A autora. 2023.

Nossa primeira leitura da imagem publicada permeia o campo da denotação: há uma mulher e cinco homens, árvores de Natal no fundo, números e frases etc. Nesta fase, lemos a imagem na procura de identificação do que estamos vendo. Em seguida, entramos no campo da conotação, responsável por trazer sentido ao que vemos. Neste caso, trata-se de um anúncio de um aplicativo de *streaming* com exemplares de séries natalinas que podem ser assistidas pelo preço mensal de R\$14,16.

Diante deste panorama, a nossa compreensão sobre a imagem só pode ser efetivada mediante a um código cultural, ou seja, é necessário, por exemplo, saber o que é um *streaming*, a ação de “maratonar” séries, o que significa “assinar” na compra de algum serviço, dentre outros. Logo, as mensagens presentes no plano da conotação, do simbólico, são compreendidas apenas quando conhecemos os códigos que ali estão presentes. Ou seja, compreendemos apenas por meio de uma mediação codificada que esses significantes

remetem aos seus significados. Assim, codificados significa que são extraídos de um código cultural. No entanto, as leituras e os significados possíveis de cada imagem variam, pois são determinadas conforme os saberes (práticos, culturais, estéticos) investidos na imagem, sendo ela polissêmica.

Para Barthes, na metodologia de análise, é necessário perceber a imagem como objeto de estudo, mas o foco recai menos sobre sua substância e mais sobre a sua função, sobre o uso que o signo possui na sociedade (Irerê, 2019, p. 6). O que importa é a forma de apropriação da representação pela sociedade, aqui, as juventudes. Por isso, a metodologia do autor consiste na fragmentação do objeto de estudo, encontrando as pequenas e variadas construções de sentido que ele possui.

A perspectiva de Barthes nos lembra que a percepção no *Instagram* é uma atividade culturalmente enraizada, na qual a linguagem, os símbolos e os códigos desempenham um papel central na criação e na interpretação de significados. A compreensão da complexa relação entre a percepção e o Instagram requer uma análise crítica desses elementos semânticos e uma apreciação da maneira como a plataforma molda nossa compreensão do mundo e de nós mesmos.

Portanto, este breve panorama dos elementos constituintes da análise semiótica de Roland Barthes é uma ferramenta importante para a etapa de pesquisa com os meus alunos, propondo uma compreensão histórica e cultural do uso das imagens. Criando, então, espaços e tempo para direcionar o olhar e a atenção dos jovens para as visualidades que constituem seus repertórios visuais, não buscando as suas essências, mas a ampliação da percepção de suas atuações em seu dia a dia.

2.3 As percepções do mundo pelas juventudes através de imagens no Instagram

Como visto anteriormente, na abordagem semiológica de Roland Barthes, a imagem pode falar. Porém, ela é polissêmica, ou seja, depende da forma de percepção de quem a observa para agregar sentido a ela. Por outro lado, há signos nas imagens que podem favorecer a comunicação de uma mensagem de maneira mais direta com aqueles que os dominam, conhecem. Porém, ainda que utilizem dos signos, as diferentes possibilidades de percepção variam na leitura de cada imagem.

As percepções são produzidas pelo meio cultural, social e histórico de cada indivíduo, por isso, são inúmeras as possibilidades de leituras de mundo. No entanto, atualmente, as juventudes de diversos lugares têm se debruçado cada vez mais sobre as visualidades presentes nas redes sociais em detrimento das demais, como tenho presenciado em sala de aula. As redes sociais possuem um caráter hegemônico, exibem o mesmo tipo de conteúdo de moda, música, filme, desenho para milhões de usuários. E, assim, a memória e o imaginário deles se tornam cada vez mais parecidos, pois, no âmbito virtual, eles experienciam as mesmas imagens, vídeos, *memes*, propagandas e publicidades.

Há imagens para deleitar, entreter, vender, que nos dizem o que vestir, comer, aparentar, pensar (Sardelich, 2006, p. 452), e são as mesmas que aparecem em cada tela de celular, computador, *tablet*, de usuários que possuem um perfil parecido: idade, gênero, humor. A globalização, neste aspecto, reduz o que é diferente e amplia até mesmo as cópias de sensações, desejos, memórias, por meio dessas visualidades que constituem a bagagem imagética dos usuários na rede social.

Nesse sentido, o Instagram educa o olhar? Ele proporciona uma educação visual? Com o uso frequente deste aplicativo, seus usuários aprendem a ler uma imagem muito mais rápido do que se lia antigamente. São centenas de imagens em cada *feed*⁷ diariamente, por conta disso, para conseguir visualizar todas, o usuário tende a prender pouco em cada imagem e procurar pela próxima. Além disso, existem as fórmulas para que cada imagem ganhe engajamento (curtida, comentário, compartilhamento) dos usuários: devem ser consideradas atraentes, seja pelos corpos das pessoas ou pela paisagem, retrato do médio ao alto padrão de vida etc.

Grande parte da fórmula do que se é considerável atraente e admirável no Instagram é oriunda das imagens dos influenciadores. Como exemplo, por muito tempo a roupa rasgada era considerada como algo a ser escondido da sociedade, pois havia o consenso de ser uma peça velha, maltratada, feia. Com o uso da nova moda de jeans rasgados pelos influenciadores, o que antes era malvisto, agora era objeto de desejo de milhares de pessoas, principalmente os jovens que consideravam uma forma de demonstrar um estilo de vestimenta excêntrico, sendo vendida a altos cultos nas lojas. São, assim, oferecidas novas formas de educar o olhar e, muito provavelmente, o desejo e imaginário dos usuários. Essa moda se

⁷ Nas redes sociais: O “feed” é uma função presente em plataformas como Facebook, Twitter e outras, onde as postagens e atualizações de contas que uma pessoa segue são exibidas em ordem cronológica ou com base em algoritmos que selecionam o que é considerado mais relevante para o usuário.

propagou inicialmente apenas com grupos juvenis de rock, mas ganhou mais força quando diferentes pessoas aderiram a esse estilo, principalmente nas grandes mídias.

Na década de 1950, Roland Barthes estudou os chamados “catchs”, um esporte de luta, pois observou que esse tipo de espetáculo atraía a atenção de um grande público. Para ele, não fazia sentido, enquanto intelectual, virar as costas para um fenômeno que estava atraindo a população francesa. Era, então, nisso que ele precisava exercitar sua análise semiótica. Hoje em dia, um grande público consome mais conteúdo da internet do que dentro dos museus, bibliotecas ou os demais outros equipamentos culturais das cidades.

Numa mesma perspectiva, enquanto professora de Arte, responsável pelo ensino da Cultura Visual, não posso deixar de me voltar para as novas formas de tecnologia e seus dispositivos, principalmente as redes sociais, que estão sendo formadoras das percepções, imaginários e subjetividade dos jovens cidadãos. As formas de letramento para assimilar essas novas visualidades ainda são difusas nos currículos escolares. Por isso, identifiquei a necessidade de me voltar a este fenômeno e analisá-lo, em busca do êxito da minha função social, buscando capacitar os jovens para uma vida mais autônoma, crítica e criativa.

Para isso, é necessário manter os currículos vivos e atentos ao mundo contemporâneo, no qual temos outros espaços de acesso às imagens formativas de opiniões, subjetividades, compreensões de mundo. De acordo com o sociólogo Ricardo Campos (2010, p. 114), podemos ter acesso às culturas juvenis contemporâneas por meio deste contexto cada dia mais globalizado e tecnologicamente mediado. A partir do ciberespaço, mais especificamente das redes sociais, podemos encontrar os conteúdos formativos de opiniões, perspectivas de vida, estilos e comportamentos dos jovens, a partir das imagens que estimulam o prazer de consumi-las, compartilhá-las ou (re)produzi-las.

A Cultura Visual contemporânea e a construção das juventudes se forjam simultaneamente, e por meio das visualidades os jovens têm se comunicado, conferindo sentido ao mundo e a si próprios (Campos, 2010, p. 114). E é neste período da juventude que tentamos encontrar nossas identidades, tribos de afinidades e estilos de vida para desejar. Neste momento, as *Pedagogias das Visualidades* presentes em grande parte dessas imagens podem conferir sentido de forma sutil e naturalizada na formação desses imaginários e identidades. Quando a maioria das imagens com mensagens de delicadeza e cores de rosa são atreladas às meninas e as de aventura com cores azuis são remetidas aos meninos, é possível assimilar, por exemplo, a noção de que meninas são delicadas e devem usar rosa, enquanto os meninos são fortes e devem usar azul. Isso é comum porque há os exemplos dos

influenciadores ou propagandas, que mostram (ensinam) uma forma de vida desejável, que reproduzem em massa essas e muitas outras configurações.

E essa nossa formação cultural e social é atrelada aos percursos que a nossa sociedade constrói, atualmente, em vista da manutenção do sistema capitalista. Um exemplo disso é a construção da insegurança em relação à nossa beleza corporal, sendo ditada a cada momento uma nova forma para ser considerado(a) belo(a), ou para obter a felicidade, seja por uma roupa, cirurgia, viagem, sapato ou um videogame. São incessantes as tentativas de construção de desejos de consumo em torno do ideal de felicidade e completude na vida e a modulação das formas de percepção da nossa realidade. Esses esforços se traduzem nas *Pedagogias das Visualidades* presente em imagens consumidas diariamente por jovens nas redes sociais, que induzem, dentre outras coisas, a uma cultura globalizada e hegemônica.

Portanto, há milhares de estímulos visuais no Instagram, inclusive aqueles que podem e visam a educar os jovens diariamente, moldando suas formas de percepção a fim de classificar o que realmente importa ou não na construção da sua leitura de mundo. Nesta educação não formal inclui filosofias, ideologias, componentes de imaginários, construção de desejo de consumo, dentre outros. Como dito anteriormente, são ensinamentos sutis que naturalizam essas intencionalidades, mascaradas muitas das vezes através das imagens que os jovens se deleitam.

De uma mesma maneira, o ensino cultural na escola também possui um histórico de repercussão de interesses políticos e econômicos das classes dominantes na formação dos cidadãos. O ensino regular no geral, sempre esteve pautado de acordo com algum molde criado por pessoas interessadas em vender um certo discurso, ideal ou modelo de como viver, se comportar, do que gostar. Encontramos consequências disso na construção de imaginários, na invisibilização da história das mulheres e das suas produções. Isso se perpetua até os dias de hoje, pois, como retrata a historiadora Linda Nochlin (2016, p. 8-9):

[...] as coisas como estão e como estiveram, nas artes, bem como em centenas de outras áreas, são entediantes, opressivas e desestimulantes para todos aqueles que, como as mulheres, não tiveram a sorte de nascer brancos, preferencialmente classe média e acima de tudo homens. A culpa não está nos astros, em nossos hormônios, nos nossos ciclos menstruais ou em nosso vazio interior, mas sim em nossas instituições e em nossa educação, entendida como tudo o que acontece no momento que entramos nesse mundo cheio de significados, símbolos, signos e sinais.

Tanto o currículo escolar como o Instagram têm em comum a ação de privilegiar o acesso às imagens que retratam, em sua grande maioria, experiências de pessoas ricas, ocidentais e brancas. Se são essas as imagens que constituem a subjetividade dos jovens, como ficam aqueles que não se veem representados: os negros, indígenas, pobres,

LGBTQIAPN+, deficientes físicos, gordos? Nesse caso, os jovens tentam se adequar a esses modelos a eles apresentados, na tentativa de aderir ao sentimento de pertencimento aos grupos juvenis prestigiados na nossa atual sociedade. Esta aprende por esses meios institucionais e comerciais, os que seriam os ideais de vida.

No entanto, não é necessariamente de todo mal aderir às modas homogeneizadoras, oriundas de políticas imperialistas. A questão aqui tratada se deve ao fato de ser o único modelo constantemente disponível aos jovens como referência de vida, construção de identidades, imaginários e leituras de mundo. Existem outras formas de ser, estar e desejar, no entanto, elas não estão presentes proporcionalmente nos livros didáticos, nas telas dos smartphones, computadores, *tablets* ou televisão em relação à cultura de massa. Isso não é por acaso, assim como irei abordar no próximo capítulo, não temos no currículo mínimo do ensino de Arte e Cultura Visual uma abordagem crítica direcionada à atual cibercultura.

3 O INSTAGRAM COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA NO ENSINO DA CULTURA VISUAL

Atualmente, dentre inúmeros sites e aplicativos, o Instagram é o mais utilizado pelos jovens quando buscam referências visuais como roupas, estilos de vida, lugares turísticos, comidas etc. Por conta disso, ele também é utilizado pelas marcas e indústria cultural para promover produtos culturais para esse público. No entanto, isso ocorre no sistema capitalista, neste momento, em seu estágio imperialista. Aqui chamo de imperialista porque as grandes empresas engolem as pequenas e, assim, poucas são as que dominam o mercado da música, moda, produtos alimentícios, dentre outros.

Inserido nesse contexto, o Instagram se adequou a esses moldes buscando o lucro máximo, desprezando as oportunidades de maior circulação das milhares de imagens produzidas diariamente por diferentes pessoas ao redor do mundo, priorizando produtos visuais oriundos da venda dos *feeds* de seus usuários. Os *feeds* são tratados como vitrines para quem quiser pagar para expor neles. Na prática, a cada uma imagem de um usuário da rede postada, muitas outras são de publicidades e propagandas, que a cada dia se mesclam mais com o seu dia a dia ali registrados e compartilhados.

A principal questão aqui levantada se trata da criação de bolhas culturais, em que só se vê aquilo que mais se vê, ou seja, o aplicativo entrega mais imagens semelhantes àquelas anteriormente vistas e apreciadas com o nosso tempo, *likes*, comentários e compartilhamentos. Isso se deve a essa busca incessante de manter os usuários conectados por mais tempo, levando-lhes produções visuais correspondentes aos seus gostos conforme seus comportamentos na rede social.

Aparentemente, o Instagram não é uma boa opção para deslumbrar diferentes produções culturais devido ao tratamento dos *feeds* como vitrines, e também pela perpetuação da divulgação de imagens semelhantes. Então, por que utilizá-lo como uma ferramenta pedagógica no ensino da Cultura Visual? Ele é um componente do dia a dia dos jovens, um veículo de cânones de costumes, um meio no qual conhecimentos são produzidos a partir do consumo das imagens ali expostas, e pode se tornar um aliado na compreensão da cibercultura em que os jovens estão inseridos.

Explorando a presença do Instagram no ensino da Cultura Visual, as juventudes têm a oportunidade de reconhecer uma variedade de abordagens educativas presentes na ampla gama visual que permeia seu dia a dia. Nesse contexto, é compreensível a importância de

entender, interpretar e analisar as imagens que influenciam suas perspectivas, carregadas de significados e impacto na formação cidadã.

Além disso, as pessoas aprendem de forma mais ativa a partir do contexto em que se encontram, do que lhe é significativo, relevante e próximo ao nível de competência que possui (Bachi; Moran, 2018, p. 2). E trabalhar essa rede social em sala de aula pode se traduzir em: institucionalizar uma aprendizagem que já ocorre em sala de aula de maneira clandestina, para ampliá-la. Com outras palavras, a maioria dos jovens já estão engajados neste assunto, o que torna mais fácil abordá-lo com grande participação deles em sala de aula, trazendo-o como conteúdo não apenas para ser (re)produzido como também explorado, analisado e repensado.

Em complemento, a professora bell hooks (2013, p. 36) afirmou que a nossa experiência pode iluminar e ajudar a nossa compreensão do material acadêmico. Por meio dela, podemos trazer imaginários, relatos e histórias para compor e relacionar a vida com as nossas aulas. E quando se é permitido aos discentes trazerem suas contribuições favorecemos também seus engajamentos durante as aulas, lhes possibilitando uma aprendizagem mais significativa.

Os estudantes, com razão, esperam que os professores não lhes ofereçam informações sem tratar também da ligação entre o que eles estão aprendendo e sua experiência global (hooks, 2013, p. 33). Não encontram sentido em aprender novos conteúdos que não serão úteis imediatamente nem a longo prazo, o que pode causar desânimo, desinteresse e ausências nas aulas. Por conta disso, é importante viabilizarmos a compreensão da importância das novas aprendizagens para o contato com o mundo e a vivência social.

Dessa forma, podemos considerar uma epistemologia que inclua a perspectiva pessoal e o subjetiva dos estudantes como parte do discurso acadêmico, pois todos nós falamos de um tempo e lugar definidos, de uma história e uma realidade específica (Kilomba, 2019, p. 58). Considerando assim, não só o saber acadêmico, mas também os saberes das experiências sociais, culturais, históricas e econômicas das juventudes que compõem cada turma. Para tanto, é preciso investigar seus contextos familiares, suas bagagens de conhecimento, ouvir o que eles têm a nos dizer, conhecer seus ciberconsumos.

Em consonância, o educador e filósofo brasileiro Paulo Freire (2020, p. 62) alerta ser desrespeitoso com os educandos não levar em consideração a sua dignidade, a sua identidade fazendo-se, as condições que vêm existindo e a importância dos conhecimentos já adquiridos até então, sejam eles através da escola ou não. Ou seja, considerar as percepções de mundo já existentes dos discentes é uma tarefa também de respeito, embora não precisemos qualificá-

las como inquestionáveis, podendo usar novos conteúdos para refletir sobre as suas atuais concepções visando ampliá-las.

As percepções visuais atualmente correm o risco de serem manipuladas, dentre diversos outros meios, pelas modificações das imagens, por meio de edições evidentes ou mais refinadas a ponto de não causar dúvidas sobre a veracidade da imagem. São diversas as ferramentas de edição e criação de imagens, como programas, aplicativos ou até mesmo filtros no próprio Instagram que atribuem em poucos segundos outros significados às imagens, a partir do uso de cores, deformações ou elementos decorativos.

Conforme é possível observar na imagem 3, fotos de pessoas com corpos sem poros de tanta edição visual, como é o caso do lado direito da imagem, são bem-recebidas e aceitas nas redes sociais. O grande problema disso é a substituição da realidade virtual no imaginário do que deveria vir a ser a realidade material. Muitas pessoas têm buscado se assemelhar com as construções visuais virtuais no mundo material.

Imagem 3 – Ideal de beleza na internet



Fonte: <https://itanamara.wordpress.com/2018/04/29/6-receitas-caseiras-para-diminuir-os-poros-dilatados-da-pele/>. Acesso em: 08 maio 2024.

Essa projeção da realidade nas visualidades virtualmente construídas tem gerado sérios problemas para os usuários das redes, principalmente os jovens que estão buscando uma aceitação em algum grupo social. E de acordo com a matéria “Rede social testa autoestima e pode piorar depressão e ansiedade”, de Lucas Rezende e Gabriel Rigoni (2019)⁸, a ideia de beleza, consumo e bem-estar veiculados nas redes sociais, têm causado, dentre outros problemas, baixa autoestima, depressão e ansiedade.

⁸ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2019/06/rede-social-testa-autoestima-e-pode-piorar-depressao-e-ansiedade.shtml>. Acesso em: 29 out. 2023.

As percepções no mundo virtual têm se tornado a cada vez mais difusa com as percepções acerca do mundo material. Por isso, essas ideias vêm causando esses danos justamente por serem construções inacessíveis para a grande maioria dos jovens, pois são resultados da manipulação dos registros visuais. Logo, políticos e empresários têm cada dia mais se dedicado a este âmbito, inserindo suas intencionalidades, sejam elas políticas, mercadológicas ou outras, nas visualidades consumidas por milhões de usuários diariamente.

A nova economia da cultura, em regime neoliberal, conduz corpos a encontros, intensifica a produção material e afetiva, constrói grupos; tais caminhos nos conduzem, quando acelerados, pelos processos de dominação, ao consumo mecânico e ao controle (Basbaum, 2017, p. 183-184). Essas intencionalidades, inseridas como *Pedagogias das Visualidades* nas redes sociais, ensinam aos usuários como lê-las, interpretá-las e, mais do que isso, indo além da própria imagem vista, elas podem induzir na construção da subjetividade do indivíduo, transformando seus modos de ver o mundo e a si mesmos.

A realidade compreendida como algo muito maior do que podemos conceber como usuário do Instagram, reduz-se a imagens enquadradas nas telas dos dispositivos visuais. É uma forma muito mais fácil e eficaz de entregar e receber as instruções do que reconhecer como bom, ideal e belo atualmente. Diante deste panorama, o professor Ricardo Basbaum (2017, p. 184) afirma que na sociedade das redes, onde tudo é fluxo e controle ao mesmo tempo, seria necessário politizar os afetos, os devires, em direções não-hegemônicas.

Considero, portanto, pesquisas semelhantes a esta como formas de resistência e de articulação para reverter a atual situação global, caracterizada pela disseminação de narrativas manipuladas que nos levam à hegemonia cultural e ao hiperconsumo, velando as desigualdades sociais e as injustiças cotidianas enfrentadas pelos grupos minoritários, prejudicando o bem-estar daqueles sem recursos que consomem os ideais capitalistas. As imagens da realidade da maioria da população são obscurecidas e em prol da valorização de uma estética oriunda dos ideais de meritocracia. Isso pode ser apurado no próprio Instagram como um reflexo da popularização de imagens consideradas belas e ideias em detrimento das imagens encontradas no dia a dia: fome, insegurança, trânsito, poluição, doença, imperfeição.

Dentro desse contexto, temos um fundamento pedagógico da escola, segundo a Base Nacional Comum Curricular (2018, p. 13), que prevê preparar os estudantes para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho. Para isso, “o importante não é apenas aprender a ler os textos, mas também – como escreveu Paulo Freire – interpretar o mundo para atuar nele a partir de uma conscientização que leve à emancipação” (Hernández, 2007, p. 58 *apud* Bezerra; Porpino, 2015, p. 241).

Assim como nas demais disciplinas escolares, é necessário estudarmos o que nos rodeia, o que usamos e como usamos para ampliar nossas possibilidades de ter, ser, estar e pensar no e com o mundo.

Hernández (2007), de acordo com Cardoso (2010, p. 60), considera as imagens pertencentes à Cultura Visual como portadoras e mediadoras de discursos. Com perspectiva semelhante, as imagens compartilhadas no Instagram cumprem papel de práticas sociais e não apenas como questões icônicas. Nesse sentido, longe da neutralidade, são materializações de intencionalidades subjetivas e marcações ideológicas.

Atuar no município de forma emancipatória é ter ferramentas para consumir de forma crítica a gama de visualidades que nos atravessam todos os dias. Fernando Hernández (2000; 2007), segundo Cardoso (2010, p. 39), afirma que as práticas educativas deveriam facilitar experiências reflexivas críticas, que permitam a compreensão de como as imagens influem nos pensamentos, nas ações e nos sentimentos, bem como nas reflexões sobre as identidades e os contextos sócio-históricos.

Segundo o autor, as imagens têm a ver “com a constituição dos desejos, na medida em que ensinam a olhar e a olhar-se, contribuindo para a construção de representações sobre si e sobre o mundo (aquilo que constitui a realidade)”. Um meio de compreender estas mudanças é se aproximar do ponto de vista crítico, prestando atenção especial a suas formas de apropriação e de resistência pelos jovens (Hernández, 2007, p. 32). Dessa forma, não é o suficiente possibilitar o consumo dessas imagens em sala de aula, mas utilizá-las como objeto de estudo das aulas.

Segundo Hernández (2007, p. 23-24), não se trata de ampliar os conteúdos, e sim adquirir um alfabetismo visual crítico que permita aos aprendizes analisar, interpretar, avaliar e criar a partir da relação entre os saberes que circulam, especialmente, vinculados às imagens que saturam as representações teologizadas nas sociedades contemporâneas.

Em suma, compreendo as produções artísticas inseridas na Cultura Visual como definidoras de modos de ser e de habitar a cidade, principalmente aquelas presentes no dia a dia dos jovens (imagens fotográficas, vídeos, publicidades etc.). E o recorte curricular aqui proposto, sendo ele a abordagem da cibercultura a partir da rede social Instagram facilita o ancoramento de novos conteúdos pelos estudantes, partindo do já conhecido ao encontro do novo. O objetivo, então, é proporcionar blocos de competências necessárias para se encaixar e solidarizar na ponte do conhecimento de cada aprendiz, visando chegar mais longe no seu processo de aprendizagem.

3.1 Entretecendo os anseios juvenis às tramas curriculares: explorando possibilidades no ensino da Cultura Visual

Conforme a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018), o ensino básico deve contribuir para uma educação propositora da criticidade, criatividade e autonomia dos estudantes. Abordar analiticamente e criticamente as visualidades presentes no dia a dia juvenil, principalmente nas redes sociais, local onde eles estão por muitas horas do dia, é uma tarefa que pode contribuir também para fortalecer o bem-estar dos estudantes, na medida em que passam a compreender a *Pedagogias das Visualidades* presentes na criação de padrões visuais socioeconômicos. Como conseguinte, os estudantes podem ampliar seus imaginários, memórias e percepções diante do mundo e de si.

Como professora de instituições de ensino, locais que, segundo a BNCC (Brasil, 2018), destinam-se a contribuir para a formação crítica, autônoma e criativa dos jovens, preciso me adequar às novas demandas juvenis. As *Pedagogias das Visualidades* presentes em muitos vídeos, filmes, publicidades, selfies, dentre outros, tem influenciado modos de ser, estar e enxergar o mundo, visando à manutenção do hiperconsumo, característica imprescindível para a atual fase do capitalismo se perpetuar, por meio da criação de desejos cada vez mais inalcançáveis.

Esse aspecto do consumo também já está previsto na BNCC (Brasil, 2018, p. 19-20), indicando uma autonomia aos sistemas e redes de ensino para abordar temas contemporâneos que afetam a vida humana em escala local, regional e global. Entre esses temas, há o Parecer CNE/CP n. 3/2004 e a Resolução CNE/CP n. 1/200422), que tratam, dentre outros aspectos, da educação para o consumo. E, mais especificamente nas competências previstas para a disciplina Arte, está prevista a criação de “relações entre arte, mídia, mercado e consumo, compreendendo, de forma crítica e problematizadora, modos de produção e de circulação da arte na sociedade” (Brasil, 2018, p. 198).

Ao explorar as influências visuais para o consumo, assim como oportunizar a obtenção de ferramentas aos jovens para contextualizar, decodificar, analisar, compreender, é necessária uma troca. Resgatando os ensinamentos de Paulo Freire, de nada serviria ensinar a escrever sobre a uva se meu alunado nunca irá falar, ler ou escrever essa palavra. Do mesmo modo, os jovens podem não encontrar sentido em estudar imagens que pressuponho fazerem parte de seu dia a dia sem confirmar esta hipótese. Talvez a forma mais eficaz e prática para

obter essa resposta seja consultando-os, me permitindo elaborar aulas que se aproximem do objetivo de investigar, analisar, refletir e aprimorar as perspectivas da juventude.

Do mesmo modo, a BNCC (Brasil, 2018, p. 15) propõe o estímulo à aplicação dos conteúdos estudados na realidade dos alunos, contextualizando para aplicar sentido ao que se aprende. Além disso, ela propõe a oferta do protagonismo juvenil em suas aprendizagens e construções de projetos de vida. Em busca dessas contextualizações e protagonismos, esbarramos nos processos de construção de identidade, desejos, objetivos e visões de mundo atual e futuro que podem ser percebidas, acolhidas e consideradas pelos docentes.

Ao compartilharem suas vivências e conhecimentos visuais, os estudantes se tornam coautores do processo educativo, enriquecendo o ambiente de aprendizagem e estabelecendo conexões significativas entre a Cultura Visual e sua própria realidade. No entanto, como aponta o professor Aldo Victorio Filho (2013, p. 3), o cenário da educação carece do aprofundamento dessas questões:

Em face da inegável, intensa e complexa produção de visualidades e sentires desses tempos de agora, o trabalho educacionalmente outorgado para lidar com as imagens e com suas relações e significações estéticas, bem como com o conhecer e proceder artísticos, carecem de enfrentamentos aprofundados com suas questões instintivas, suas histórias, suas atuações e seus desejos de futuro. [...] Assim, nosso interesse recai, sobretudo, nos fazeres cotidianos que surgem, então, como fontes epistêmicas indispensáveis ao pensamento da educação, dos coletivos e da cidade de hoje.

Nesse sentido, a BNCC (2018, p. 463) permite e que os estudantes sejam “protagonistas de seu próprio processo de escolarização, reconhecendo-os como interlocutores legítimos sobre currículo, ensino e aprendizagem”. Há pesquisas que reconhecem como fenômeno crescente o protagonismo juvenil na afirmação de valores, conceitos e concepções a respeito do mundo e da própria vida (Victorio Filho, 2013, p. 5). Esse protagonismo juvenil fortalece a participação ativa e a responsabilidade dos jovens em relação ao seu próprio processo de aprendizagem. Ao permitir que os estudantes assumam um papel central na definição de seus objetivos educacionais, na tomada de decisões, estamos capacitando-os a se tornarem agentes transformadores de sua própria educação e da sociedade como um todo.

Isso não apenas estimula o engajamento e a motivação dos estudantes, mas também promove o desenvolvimento de habilidades essenciais, como pensamento crítico e a reflexão também previstos na BNCC (Brasil, 2018, p. 194), especificamente quando trata das dimensões do conhecimento na abordagem das linguagens artísticas. Na habilidade de crítica refere-se às percepções que conduzem os indivíduos a alcançar novas compreensões do ambiente em que estão inseridos, ao estabelecer conexões entre experiências e expressões

artísticas e culturais vivenciadas e conhecidas, por meio de estudos e pesquisas. Essa dimensão integra a ação e o pensamento abrangendo diferentes aspectos, como estéticos, políticos, históricos, filosóficos, sociais, econômicos e culturais.

Já a habilidade de reflexão abrange o processo de formular argumentos e reflexões a respeito das vivências, experiências e processos criativos, artísticos e culturais. Trata-se da postura de perceber, analisar e interpretar as expressões artísticas e culturais, tanto como criador quanto como leitor. Essas habilidades são ainda mais relevantes no contexto contemporâneo, onde a linha tênue das estruturas digitais desafia e questiona as fronteiras que separam os espaços físicos do *on-line*. Somos consumidores ao mesmo tempo que produtores de visualidades, tanto fora como dentro do mundo virtual.

Essas habilidades são importantes quando compreendemos que a vivência artística é também uma prática social. E para melhor desempenhar o nosso papel na sociedade é fundamental contextualizá-la, analisá-la, compreendê-la, o que inclui dominar seus códigos visuais em meio ao atual universo artístico e cultural, em escala de bairro, cidade, país ou até mesmo global. Porém, não se trata de dominar todos os códigos e seus usos, e sim conhecer e usufruir de maneira mais crítica e criativa aqueles que fazem parte do seu dia a dia.

É importante que a escola preserve o seu compromisso em desvendar possibilidades de comunicação, manipulação e que eduque para usos mais democráticos das tecnologias, contribuindo para uma participação mais consciente na cultura digital (Brasil, 2018, p. 61). Essa participação dos jovens na cibercultura não se restringe apenas ao papel de consumidores. Eles têm se tornado cada vez mais protagonistas dos conteúdos textuais, sonoros e visuais criados e compartilhados para milhares de usuários. Assim, eles têm desempenhado papéis sociais não apenas na escola, no trânsito, ou qualquer outro lugar como cidadãos, mas também na internet.

Hoje em dia, a inserção social ocorre com muita intensidade no âmbito da rede. Não só entre as crianças e os jovens, os adultos também estabelecem relações entre si através das facilidades encontradas na internet: pagamento monetário a distância (pix), compras *on-line*, reuniões por chamada de vídeo ou até mesmo podendo conhecer e paquerar pessoas. São inúmeras as facilidades que a internet promove substituindo o espaço e as trocas físicas, tornando notável o ganho de tempo que seria gasto no deslocamento para realizar as ações desejadas como ir a uma loja ou ao banco fazer uma transferência bancária.

Por sua vez, essa cultura induz ao imediatismo de respostas e à efemeridade das informações, privilegiando análises superficiais e o uso de imagens e formas de expressão mais sintéticas (Brasil, 2018, p. 61). O gosto pela resolução dos desejos de consumos textuais,

visuais é cada vez mais avassalador, diferentemente dos modos de ver, apreciar e estudar, característicos da vida escolar. Por isso, é interessante captar esses elementos imersos nesses consumos velozes e trazer para um lugar de pausa, desconexão, proporcionando um distanciamento fundamental na análise e reflexão sobre aquilo que é constituinte da nossa cultura.

De acordo com a BNCC (Brasil, 2018, p. 14), reconhecer-se em seu contexto histórico e cultural requer para além do acúmulo de informações um desenvolvimento de competências para saber lidar com a informação cada vez mais disponível, atuando com discernimento e responsabilidade nos contextos das culturas digitais. Esses contextos, como já mencionado anteriormente, têm formado bolhas culturais, dificultando o acesso a novas informações, formas de expressão, criação.

Nesse aspecto, as juventudes prezam por uma educação que os favoreçam nas suas formações pessoais como imaginários, desejos, perspectivas e até mesmo enquadramento em alguma tribo onde encontrem sentido existencial, social e cultural. A BNCC (Brasil, 2018, p. 61) prevê a necessidade de desnaturalizar a violência simbólica de grupos sociais que impõem normas, valores e conhecimentos tidos como universais e que não estabelecem diálogo entre as diferentes culturas. E essas violências simbólicas são comumente encontradas no Instagram, por meio dos comentários em fotos que não se enquadram em determinados padrões visuais ou até mesmo na ausência ou apagamento de produções imagéticas incomuns.

A BNCC (Brasil, 2018, p. 14) se refere à construção intencional de processos educativos que promovam aprendizagens sintonizadas com as necessidades, possibilidades e interesses dos jovens e, também, com os desafios da sociedade contemporânea. Para isso, ela supõe considerar as diferentes juventudes, as diversas culturas juvenis e seu potencial de criar formas de existir. Isso se atrela aos anseios dos jovens que buscam respeito às suas diversidades, às suas opiniões e formas de se expressar, além de serem ouvidos.

Por outro lado, a promoção do protagonismo juvenil na educação é fundamental para o desenvolvimento integral dos estudantes que dialoga diretamente com um dos seus principais anseios: a construção de seus futuros. O sentimento de pertença e participação colabora com o aprender a aprender, pois, ao contrário da educação tradicional, na qual os professores detêm as respostas, os alunos são estimulados a construir as suas próprias respostas. Desviando das limitações dos conceitos de certo e de errado, o ensino da Cultura Visual pode abrir possibilidades de ver, existir, estar e ser. Então, cabe a cada jovem ampliar seu repertório de forma crítica e criativa.

Para fortalecer essa autonomia, é preciso oferecer aos estudantes as condições e ferramentas para acessar e interagir criticamente com diferentes conhecimentos e fontes de informação (Brasil, 2018, p. 60). Porém, mais do que ofertar uma inclusão digital, entendida como a habilidade do uso do computador, o professor precisa se dar conta do espírito do nosso tempo e garantir a inclusão cibercultural (Santos, 2019, p. 44-45). Não se trata de aprendizados do universo técnico da informática, uma vez que as crianças já dominam com muita facilidade o uso dos eletrônicos e a navegação na rede. Trata-se do estudo dos usos, contextos e práticas das culturas inseridas no ciberespaço.

Para operar sua inclusão cibercultural, o sujeito precisará, portanto, fazer mais do que colocar a par da codificação digital que garante o caráter plástico, hipertextual, interativo e tratável em tempo real do conteúdo ou que permite manipulação de documentos, criação e estruturação de elementos de informação, simulações, formatações evolutivas nos ambientes ou estações de trabalho concebidas para criar, gerir, organizar e movimentar quaisquer conteúdos. Ele precisará atuar como cidadão participativo em redes sociais com “novas habilidades” para comunicar ou para produzir, cocriar e compartilhar conteúdos e informações sob os mais diversos formatos (textos, programas, sons, imagens, vídeos, gráficos...) “em uma sociedade cada vez mais móvel e global” (Santos, 2019, p. 46).

Nessa perspectiva de ensino, dentre as competências específicas do ensino de Arte na BNCC (Brasil, 2018, p.198), temos: explorar, conhecer, fruir e analisar criticamente práticas e produções artísticas e culturais do seu entorno social, para reconhecer a arte como um fenômeno cultural, histórico, social e sensível a diferentes contextos e dialogar com as diversidades; compreender as relações entre as linguagens da Arte e suas práticas integradas, inclusive aquelas possibilitadas pelo uso das novas tecnologias de informação e comunicação.

Há, portanto, uma necessidade de desenvolver um ensino que promova uma inclusão cibercultural crítica. Isso implica não apenas familiarizar os alunos com as ferramentas e práticas tecnológicas contemporâneas, mas também desenvolver a capacidade de análise, questionamento e reflexão sobre as complexidades e desafios inerentes ao uso das novas tecnologias. Isso pode contribuir para encorajar os estudantes a se tornarem participantes ativos e conscientes do mundo digital, capazes de compreender, avaliar e criticamente as narrativas, discursos e representações que encontram online.

Dessa forma, juntamente com os desejos de igualdade de oportunidades, acesso à educação de qualidade, acesso a tecnologias e meios de comunicação para se conectar e se expressar, os jovens poderão se integrar à sociedade com maior autoconfiança e autonomia. Isso pode ocorrer porque o ensino para uma inclusão cibercultural crítica, alinhada aos anseios juvenis, se torna uma poderosa ferramenta para equipar os alunos com as habilidades necessárias para navegar de maneira informada, ética e empática na era digital em constante evolução.

Assim, para além dessas possibilidades, destaco aqui outras duas que serão analisadas no próximo capítulo: a roda de conversa, que permite a troca entre educador e educandos que aqui defendi ser crucial para envolver os jovens na criação de um currículo que reflita suas experiências, interesses e perspectivas únicas. E a outra possibilidade é a utilização do Instagram como uma ferramenta de acesso e estudos da Cultura Visual contemporânea consumida pelos jovens diariamente.

3.2 (Des)tecendo visualidades do Instagram

Primeiramente, antes da prática pedagógica que aqui será analisada, pratiquei algumas outras atividades com minhas turmas do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental de escolas do município de Rio das Ostras/RJ, no ano letivo anterior. A roda de conversa ainda não tinha se estabelecido nas minhas aulas como uma ferramenta pedagógica e de pesquisa. As discussões eram mais formais dentro dos limites entre professora à frente da classe e cada aluno sentado em sua cadeira formando fileiras. As relações de troca de ideias se estabeleceram de acordo com sequências de perguntas (pela professora) e respostas (pelos alunos).

A abordagem sobre a Cultura Visual no Instagram foi feita na primeira semana de aula do ano letivo, pois eu busquei neste momento aproveitar alguns aspectos positivos: os alunos estavam retornando do ensino a distância devido à pandemia da covid-19, era nítido o entusiasmo de voltar à sala de aula, reencontrar seus colegas de turma, ter um espaço destinado aos estudos, um professor presente no seu processo de aprendizagem. Assim, havia um bom engajamento dos alunos para realizar a primeira proposta da aula de Arte.

Além disso, era a primeira vez que nos encontrávamos, ainda utilizando máscaras, havia uma curiosidade de quem eu seria, de como seriam as aulas, o que iriam aprender durante aquele ano. Nossa primeira interação partiu da minha apresentação de quem eu era e do que eu iria trabalhar com eles, algo que me motivava e era fonte dos meus estudos: a relação da Cultura Visual e a nossa construção de visão de mundo. Devido ao poder mágico do primeiro dia de aula, os celulares, fones de ouvido, conversas durante as minhas falas, e quaisquer outras distrações, não afetaram a atenção dos alunos durante as propostas pedagógicas até o fim da aula.

Notando este raro momento de aparente máxima concentração entre todos, utilizei do meu poder de fala e exemplo como professora de Arte para tentar conscientizar sobre a

importância de estudarmos a Cultura Visual, conferindo a eles exemplos de componentes dela que estão presentes no nosso dia a dia, formando nossas subjetividades, e encaminhando, assim, o raciocínio até chegar ao uso do Instagram. Neste momento, ainda não havia perguntas por parte dos alunos, apenas olhos que acompanhavam cada movimento e gesto que eu realizava na frente da sala.

Com perguntas quase retóricas, os questioneei sobre quem usa este aplicativo, para que ele serve, quais são os tipos de imagens que fazem sucesso nele, quais imagens não são consideradas postáveis nele e o porquê. Em seguida, entreguei a cada aluno uma folha A4 branca e pedi para que a dobrassem ao meio. De um lado, solicitei que refletissem e desenhassem, sem muita pretensão estética, coisas ou situações que estão presentes nas imagens no Instagram, no outro lado, coisas ou situações que não são consideradas “instagramáveis”.

Esta mesma proposta pedagógica foi replicada nas diferentes turmas do 6º ao 9º ano, porém, com suas devidas adequações. Quanto mais jovens os alunos, menos eles usavam o Instagram, mas todos o conheciam. Quanto mais velhos os alunos, mais relações reflexivas eles conseguiram formular com autonomia crítica. Talvez, isso se deve pelo fato de utilizarem e conhecerem melhor a dinâmica do aplicativo.

Por outro lado, o silêncio dos alunos deu espaço para os seus questionamentos, “Professora, o que eu posso desenhar aqui?”. Por conta disso, houve uma grande participação minha na construção de exemplos de desenhos. No entanto, não entreguei respostas prontas, busquei exercitar o que o planejamento desta prática pedagógica estava propondo: a curiosidade dos jovens sobre o que está ou não presente nas imagens do Instagram. Eu os perguntava sobre as fotos que eles gostavam de postar, quais eles “curtiam”, quais os tipos de perfis eles seguiam. Em seguida, ao identificarmos quais seriam essas imagens, procurei estimular a imaginação deles do que poderia ser o oposto delas, logo, o que não estava presente nesta rede social.

Ao instigar a curiosidade dos jovens em uma prática de reflexão sobre as imagens presentes e ausentes no Instagram foi possível iniciar uma reflexão sobre a realidade e as suas representações no mundo virtual. Instigar a curiosidade pode ser como o ponto de partida para a exploração e compreensão do mundo ao nosso redor e no contexto das redes sociais, como o Instagram. Esse exercício pode levar os jovens a questionarem a transmissão das imagens que veem.

O exercício de questionamento desempenha um papel fundamental ao estimular a curiosidade intelectual e a habilidade de fazer questionamentos críticos. Essas competências

são cruciais para uma aprendizagem contínua e uma participação consciente na era digital. Segundo Paulo Freire (2020, p. 32), não há uma dicotomia entre a curiosidade ingênua e a criticidade, e sim uma evolução na qual a curiosidade ingênua se transforma, mantendo sua essência, porém, com uma abordagem crítica.

Assim, de acordo com Paulo Freire (2020, p. 33), a curiosidade ingênua está associada ao saber comum, é a mesma curiosidade que, criticando-se, aproxima-se de forma cada vez mais metodicamente rigorosa do objeto cognoscível, se torna curiosidade epistemológica. Essa transformação da curiosidade, do simples questionamento à investigação metódica, é fundamental para a construção de um pensamento crítico e aprofundado, tornando-se uma ferramenta valiosa no processo de aprendizado tanto sobre as imagens consumidas e compartilhadas no Instagram, quanto as ausentes na plataforma.

Para analisar os resultados visuais obtidos nessa prática proposta, reuni em duas colagens parte dos desenhos que trazem questões que mais apareceram no resultado deste trabalho. É possível identificar na imagem 4 os padrões de silhuetas femininas, bom relacionamento interpessoal, comidas consideradas saborosas, como sanduíches e sorvete, uso de maquiagens e vestimentas novas, situações de bons relacionamentos românticos, imagem de paisagem considerada bela, consumo em restaurante de comida estrangeira, retrato de passeio agradável ao ar livre.

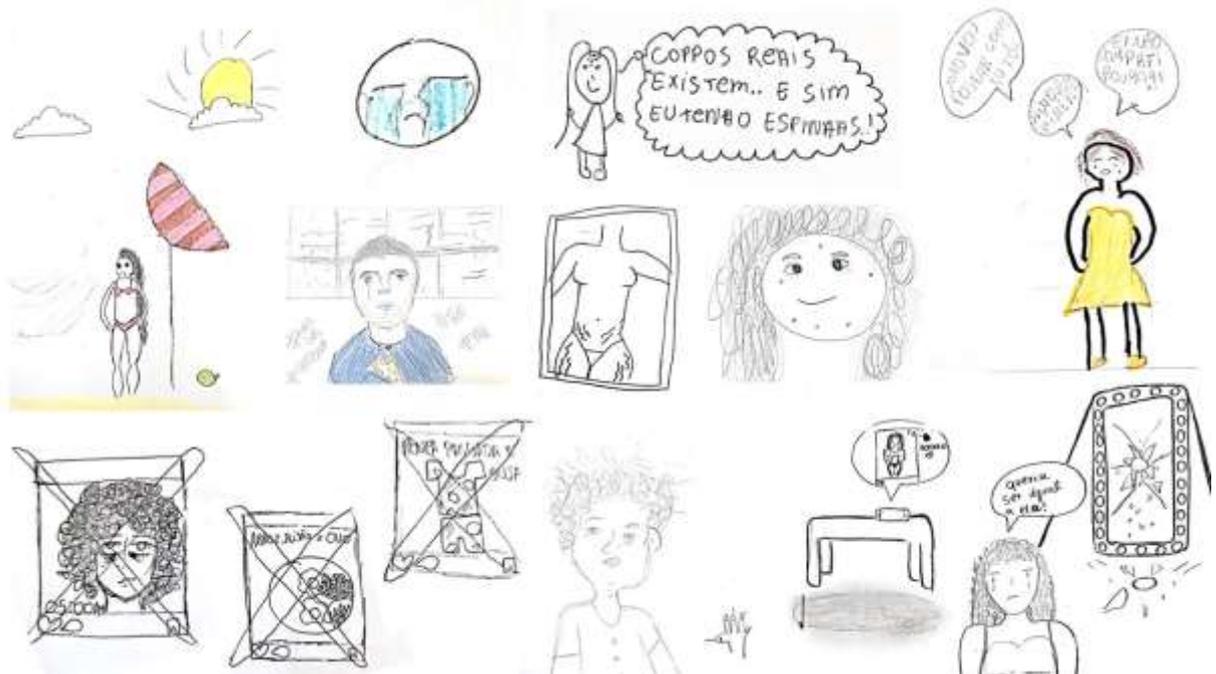
Imagem 4 – Desenhos sobre visualidades presentes nas redes sociais



Fonte: A autora. 2023.

Já na imagem 5, há desenhos que retratam situações de vulnerabilidade emocional; situação desagradável num passeio; baixa autoestima; desejo em se adequar aos padrões de corpo e vestimenta oriundos do Instagram; prato de refeição corriqueira com arroz, feijão e ovo; questões com as marcas e presenças de espinhas e celulites nos corpos; vestimentas consideradas feias para se apresentar em público.

Imagem 5 – Desenhos sobre visualidades fora das redes sociais



Fonte: A autora. 2023.

Ao mesmo passo que os alunos identificavam as visualidades presentes no Instagram, tiveram que exercitar um olhar mais distanciado da prática e uso deles no aplicativo para conseguirem identificar, para além das imagens, quais eram as mensagens que se reforçavam com o uso dessas selfies, retratos, publicidades. Do mesmo modo, refletiram sobre quais imagens não estão tão presentes nesta rede social e o porquê de não estarem.

É um dos papéis do professor ou, mais amplamente, da escola, respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela, saberes socialmente construídos na prática comunitária (Freire, 2020, p. 31). Por conta disso, os temas abordados nos desenhos surgiram organicamente a partir da vivência e das experiências pessoais dos alunos, refletindo suas realidades e contribuindo para uma expressão artística autêntica.

Paulo Freire (2020, p. 32) questiona: por que não aproveitar a experiência que os alunos têm de viver em áreas descuidadas pelo poder público para discutir, por exemplo, os baixos níveis de bem-estar das populações? Questões que envolvem a saúde psíquica dos

jovens apareceram em muitos dos desenhos que identificam as visualidades ausentes no Instagram e assim apontaram um caminho para um debate sobre como essa rede social mascara o bem-estar juvenil.

Por que não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deva associar a disciplina cujo conteúdo se ensina, a realidade agressiva em que a violência é a constante e a convivência das pessoas é muito maior com a morte do que com a vida? Por que não estabelecer uma “intimidade” entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos? Por que não discutir as implicações políticas e ideológicas de um tal descaso dos dominantes pelas áreas pobres da cidade? A ética de classe embutida neste descaso? Porque, dirá um educador reacionariamente pragmático, a escola não tem nada a ver com isso. A escola não é partido. Ela tem que ensinar os conteúdos, transferi-los aos alunos. Aprendidos, estes operam por si mesmos (Freire, 2020, p. 32).

Nesse sentido, o ensino da Cultura Visual, alinhado aos anseios das juventudes, sobretudo a conquista do bem-estar psíquico e social, pode questionar as implicações políticas e ideológicas subjacentes ao conteúdo impalpável do Instagram. Ao indagar quem são os criadores dessas imagens, para quem são direcionadas e com que propósito são concebidas, o ensino da Cultura Visual abre espaço para uma análise crítica das mensagens veiculadas nessa plataforma. Explorar essas questões não apenas estimula a compreensão mais profunda dos estudantes sobre as dinâmicas de poder e influência presentes na cultura visual digital, mas também os capacita a desenvolverem um olhar atento e questionador diante das imagens que consomem diariamente. Assim, ao integrar o questionamento sobre as motivações e origens das representações visuais, o ensino da Cultura Visual não apenas enriquece a educação formal, mas também contribui para a formação de indivíduos críticos, conscientes e capazes de discernir acerca do impacto das imagens digitais em seu próprio bem-estar e na sociedade em que estão inseridos.

Devido à escolha inicial de focar nos desenhos produzidos pelos alunos, não elaborei de maneira detalhada os relatos das aulas ministradas, concentrando minha análise e reflexão nos registros dos trabalhos desenvolvidos. Posteriormente, percebi a importância de ter ouvido e documentado mais sobre as produções dos estudantes, investigando suas reflexões durante o processo criativo. Assim, senti necessidade de compreender se seus posicionamentos e perspectivas em relação às visualidades presentes no Instagram permaneceram inalterados ou sofreram transformações, e, caso tivessem mudado, identificar as razões por trás dessas alterações. Essa revisão na abordagem me permitiria uma compreensão mais abrangente e aprofundada das experiências dos alunos no contexto do estudo, enriquecendo significativamente a análise da pesquisa.

Apesar de identificar uma limitação para a pesquisa com a análise apenas dos trabalhos, esta experiência e desenhos não deveriam ser descartados, pelo contrário, serviram

de base para refletir quais os caminhos possíveis, práticas pedagógicas, que pudessem favorecer uma abertura de horizonte nas leituras dos jovens sobre essas imagens, de forma que mantivesse a individualidade de cada um. Assim, buscando respeitar as suas experiências prévias, bagagens de sabedorias históricas, sociais, econômicas, culturais, e não sobrepondo uma nova leitura de mundo sobre elas.

Sendo assim, busquei encontrar uma prática pedagógica que valorizasse mais a minha escuta dos alunos do que o contrário. Uma experiência que servisse tanto para a coleta de informações advindas dos alunos, como também que eles pudessem aprender com ela. Não deveria se tratar apenas de dizer o que já sabe, pensa, conhece, mas aprender uns com os outros, chegar a novas formas de análise e reflexão, e, talvez, leitura das imagens no Instagram, de maneira coletiva, exercitando a autonomia crítica dos alunos, me servindo como mediadora da prática.

Essas experiências e os desenhos me serviram para elaborar melhor uma abordagem na qual eu ouviria mais dos alunos do que eles de mim. O que é o Instagram para eles? Como ele faz parte das suas vidas? Para que serve? Quem usa? Quem ganha dinheiro com ele? Como se ganha dinheiro com ele? Dentre muitas outras questões que se direcionariam para o objeto da pesquisa por meio de imagens-gatilho e perguntas norteadoras.

Além disso, identifiquei também outro aspecto desfavorável nesta prática para a pesquisa, pois, evidentemente, seus imaginários estavam sendo influenciados pela dinâmica aplicada, nossas conversas estavam identificando os mesmos padrões de sucesso das imagens no Instagram. O que seria uma aula praticada em direção oposta à hegemonia nas produções visuais, estava criando um espaço de produções muito similares. Ao ouvir sobre as questões de beleza que aparecem nas imagens famosas desta rede social, a maioria das meninas desenhou algo semelhante: a silhueta de mulheres magras ou gordas, o uso ou não de maquiagem ou filtros do aplicativo. Já a maioria dos meninos tratou do uso ou não de vestimentas de grandes marcas esportivas e situações de felicidade e tristeza.

Neste panorama, considerei a similaridade dos desenhos como se fosse uma receita seguida pelos alunos para atingir uma boa avaliação na atividade. Ao perceber que eu havia gostado de um tipo de desenho de um aluno, os demais começavam a seguir o mesmo raciocínio e produzir desenhos parecidos

Por conta disso, após a prática e uma longa reflexão e análise de seus resultados, identifiquei que o interesse da pesquisa não está atrelado ao produto físico da prática (os desenhos), mas a prática em si. Esta pesquisa tem a pretensão de escancarar a urgência do ensino de Arte e Cultura Visual voltados criticamente à cultura de massa, especificamente a

das redes sociais, que contribuem para a formação cultural dos jovens. Desta forma, as experiências em sala de aula se tornaram o objeto da pesquisa, pois, por meio delas, será possível identificar de maneira mais genuína as percepções que os jovens constroem com a rede social.

Nesta nova perspectiva, a prática deveria ser reformulada, visto que a pesquisa não ocorria somente após as aulas, mas, principalmente, durante as suas execuções. Os novos registros não deveriam ser estritamente visuais, mas principalmente narrativos e descritivos de modo qualitativo. Não se trata apenas dos jovens identificarem o que existe dentro e fora das redes sociais, mas, principalmente, compreender as relações dos usos e não usos dessas imagens no Instagram na nossa sociedade. O foco agora se encontra na reverberação das experiências dos jovens com essas visualidades e possibilidades de aprender a percebê-las de outras formas.

Em consonância com Paulo Freire (2020, p. 111), acredito que o sonho que nos anima é democrático e solidário, logo, não é falando aos outros, de cima para baixo, sobretudo, como se fôssemos os portadores da verdade a ser transmitida aos demais, que aprendemos a escutar, mas é escutando que aprendemos a falar com eles. Pensando nisso, encontrei na metodologia da roda de conversa uma prática pedagógica e de pesquisa eficaz para atender às demandas deste trabalho: escutar os jovens para falar com eles sobre o Instagram; experimentar uma abordagem crítica à cultura de massa desta rede nas aulas de Arte; coletar informações relevantes para constatar a necessidade de trabalhar esta temática na educação formal dos jovens, não apenas como um tema transversal, mas característico da disciplina de Arte no mundo contemporâneo.

Além disso, a roda de conversa é, em sua essência, adaptativa e flexível às circunstâncias, podendo ser aplicada em todos os níveis de escolaridade. Sua eficácia depende, principalmente, da habilidade do mediador em conduzi-la de maneira sensível e contextualizada, permitindo assim uma participação ativa e engajada dos envolvidos. Essa abordagem democrática e maleável a torna uma ferramenta valiosa para promover a discussão e a reflexão em diferentes realidades, como foi o caso de diferentes juventudes em três escolas distintas.

A roda de conversa possui como um objetivo “a constituição de um espaço onde seus participantes reflitam acerca do cotidiano, ou seja, de sua relação com o mundo, com o trabalho, com o projeto de vida” (Figueirêdo; Queiroz, 2012, p. 2). A roda de conversa facilita não apenas a compreensão individual do dia a dia, mas também promove uma troca

enriquecedora de perspectivas, contribuindo para o desenvolvimento de uma consciência crítica e uma visão mais ampla do mundo que cerca os participantes.

Esta é utilizada como uma abordagem em pesquisas acadêmicas, garantindo rigor científico de uma pesquisa com objetividade, considerando a triangulação entre as narrativas das rodas e as demais fontes de dados utilizadas na pesquisa (Lisbôa, 2020, p. 172). Essas conversas em grupo revelam nuances e contextos complexos que podem não ser obtidos por meio de outros métodos tradicionais de pesquisa. A natureza interativa e participativa da roda de conversa proporciona uma riqueza de percepções, permitindo que os pesquisadores captem não apenas os discursos explícitos, mas também as dinâmicas sociais e as percepções subjacentes que emergem durante as interações.

De acordo com Leandro Pinheiro (2020, p. 4), as rodas de conversa tendem a diferir de uma “conversa sociável”. São iniciativas que associam pesquisa e educação e, logo, interpõem uma intencionalidade educativa. Essa distinção ressalta o propósito mais profundo desses encontros, que vai além da simples troca de ideias informais. Ao incorporar uma dimensão educativa e orientada para a pesquisa, as rodas de conversa se transformam em ferramentas dinâmicas capazes de engajar os participantes em reflexões críticas, construção de conhecimento e exploração de temas relevantes. Essa intencionalidade educativa nas rodas de conversa as posiciona como estratégia valiosa para a promoção do aprendizado colaborativo e para a investigação aprofundada de fenômenos sociais, contribuindo para uma abordagem mais enriquecedora e significativa na pesquisa e na prática educacional.

Escutar o que os alunos têm a dizer é crucial para qualquer pesquisa ou prática pedagógica que tenha como objetivo desnaturalizar algo que está sendo reproduzido de maneira acrítica na sociedade ou na sala de aula. Nesse sentido, a roda de conversa é fundamental, pois os objetos de estudo da pesquisa são os imaginários, as percepções e os desejos deles. Além disso, proporcionar a participação ativa nas aulas pode ajudá-los a se tornarem mais autônomos e críticos em relação ao conhecimento que estão adquirindo ou, mais do que isso, pode encorajá-los a repensar e discutir, analisar e refletir sobre os conhecimentos já conquistados.

Além disso, a aprendizagem por transmissão de conteúdo é importante, mas a por questionamento é mais relevante para uma compreensão mais ampla e profunda (Bachi; Moran, 2018, p. 2). Ao contar, ouvir, perguntar, buscar respostas, os alunos se tornam mais envolvidos no processo de aprendizagem. Isso pode ajudá-los a desenvolver um entendimento mais crítico, profundo e abrangente sobre o tema estudado.

Então, no ano seguinte à primeira experiência realizada, reelaborei a proposta e a pratiquei com turmas de 7º e 8º anos. Com questões norteadoras predefinidas e com o auxílio de um *tablet* conectado ao Instagram, organizei as turmas em rodas e explanei primeiramente o que seria a roda de conversa, quais são as suas principais características: um espaço destinado à escuta e participação horizontal de todos; sem hierarquização de saberes; acolhedor para com as experiências dos participantes; sem ordem de fala previamente definida; seria, então, um espaço para contar e opinar sem julgamentos, mas aberto para questionamentos ou ideias opostas.

Para facilitar a comunicação e a interação, é possível fazer uso de técnicas de dinamização de grupo, sendo utilizados recursos lúdicos ou não (Figueirêdo; Queiroz, 2012, p. 2). Por conta disso, o uso do *tablet* foi um recurso adotado para mostrar para os alunos imagens do Instagram, que serviriam como disparadoras das nossas conversas, assim como as perguntas norteadoras. “Ainda que seja característica da dinâmica do grupo a livre discussão por meio de perguntas, ocorrendo o surgimento de outras questões, a intervenção e a condução, para não sair dos temas trabalhados, é tomado como responsabilidade do facilitador” (Figueirêdo; Queiroz, 2012, p. 7). Por isso, quando as conversas tendem a tomar diferentes rumos e se desviarem do tema da aula e da pesquisa, os professores, aqui assumindo o papel de facilitadores, podem usar esses recursos para retomar a proposta inicial.

Imagem 6 – Registro de uma das rodas de conversa



Fonte: A autora. 2023.

Na sequência, relembrei com as turmas as nossas primeiras aulas sobre o que é cultura, sendo ela considerada como as criações e modos de viver de um povo: a fala, as vestimentas, as comidas, as artes, as crenças. Trazendo para perto da realidade do dia a dia deles, os questionei sobre os tipos de culturas produzidas e consumidas por eles na internet. Contaram sobre suas experiências com jogos, sites de relacionamento, vídeos, aplicativos como Kwai, Tik Tok, Snapchat, Twitter. Quando mencionavam o Instagram, eu mediava o assunto para aprofundá-lo e estendê-lo, procurando compreender os seus modos de uso e diferentes objetivos.

Identifiquei com os alunos o aplicativo como um componente da nossa Cultura Visual, presente na maioria dos celulares das juventudes, servindo como ferramenta de notícias das novas modas, padrões de vida, informações visuais sobre a particularidade dos famosos e pessoas próximas. Talvez, trazer como objeto de estudo algo “não erudito” tenha sido inédito para eles, como tinha sido durante a minha experiência como aluna-mestra. Por conta disso, esclareci as turmas que a aula seria destinada a debater sobre as nossas experiências culturais intermediadas pelo uso do Instagram.

Após esta breve aproximação entre o objeto da conversa com os interesses da disciplina, sinalizei o início da nossa roda de conversa, me desprendendo da posição de

detentora do Saber, como professora. Esclareci às turmas que estaria participando da roda na mesma proporção de importância que eles, na tentativa de explicar que todas as experiências e relatos trazidos para a roda teriam o mesmo peso. Assim, não existe uma experiência mais certa ou errada que a outra, cada participante, inclusive eu (a professora), tiveram as suas experiências em lugares e tempos singulares que os permitem alcançar um lugar de fala sobre o assunto.

Nesse sentido, todos podem contribuir sem a distinção de certo ou errado. E a configuração da roda em formato de círculo envolve os participantes em uma lógica de rodízio de fala, evidenciando a possibilidade igualitária de todos falarem e que toda fala é importante (Lisbôa, 2020, p. 179). É um momento muito intimista de posicionamentos, pensamentos, falas, escutas e trocas entre todos. Entre uma brincadeira aqui e outra ali, um desabafo aqui e outro lá, também são transparecidos os sonhos, os medos e as fraquezas.

As contribuições feitas nas rodas de conversa não necessitam seguir a ordem na disposição dos corpos, podem se organizar a partir do simples desejo de falar porque, por exemplo, se sentiu motivado por algum ponto mencionado anteriormente (Lisbôa, 2020, p. 169). E, assim, aconteceram as trocas e o desenrolar das nossas análises e reflexões sobre as imagens e seus usos no Instagram. Esse dinamismo na participação evidencia a fluidez e a organicidade das discussões, proporcionando um ambiente aberto a percepções espontâneas e perspectivas diversificadas.

A roda de conversa permitiu que pudéssemos olhar e ouvir uns aos outros, possibilitando a aproximação daqueles que espacialmente dentro da sala de aula não estabeleciam muitas trocas, por exemplo, entre os alunos que corriqueiramente se sentavam no fundo com os que se sentavam na frente da sala. Isso permitiu uma troca muito maior entre experiências antes não tão compartilhadas.

Diferentemente de um questionário, a roda de conversa permitiu que, em diferentes turmas, abordássemos melhor os aspectos mais relevantes e empolgantes para os alunos apresentados em cada roda de forma mais orgânica. E, por não ser uma atividade avaliativa, não houve uma obrigatoriedade em participar falando, mas deveríamos ouvir respeitosamente o que cada um gostaria de dizer. Contudo, em todas as turmas, a escuta foi um desafio para muitos alunos.

Os alunos evidenciaram a falta de costume de depositar credibilidade na fala dos colegas como forma de aprender com eles. Quando eu entrava no rodízio para questionar ou dividir algum pensamento, claramente as turmas conseguiam assimilar o tempo que deveria ser destinado à escuta e isso não ocorreu com frequência na fala dos colegas. Alguns, apesar

de estarem todos em evidência nas grandes rodas, se distraíam com o uso do celular (ainda que proibido em sala de aula), outros iniciavam conversas paralelas, dentre outras formas que dispersavam suas atenções da atividade.

Sem dúvidas, a maior dificuldade encontrada neste percurso foi a aderência dos alunos à dinâmica de escuta respeitosa e atenciosa das contribuições dos colegas. Ainda que no primeiro momento tenha sido explicada a importância desta dinâmica, ouvindo diferentes experiências e perspectivas de vida, que podem nos ajudar a ampliar as formas de perceber o mundo, poucos foram os alunos das turmas que realmente engajaram na proposta. Como professora, compreendo a frustração da relação entre o planejamento e a sua execução, me permitindo que essas experiências sirvam de aprimoramento. No entanto, normalmente a mudança nos planejamentos ocorre após a análise do que foram as aulas.

Sendo assim, apesar de muitos alunos se dispersarem da proposta, dificultando o engajamento dos demais, segui trocando e ouvindo com os grupos que estiveram dispostos a fazer o mesmo. Entre escutas e pausas para resgatar a atenção de todos, anotei algumas falas que escutei durante as conversas. Eles contaram sobre o que gostavam de fazer e/ou encontravam no aplicativo: assistir a *stories* de outros usuários; aprender coreografias de músicas; aprender com tutoriais de maquiagem; curtir fotos de comidas aparentemente saborosas; curtir fotos de passeios e viagens de lugares turísticos, como restaurantes, Beto Carrero, Museu do Amanhã, AquaRio; curtir foto de mulheres (segundo alguns meninos); ver fotos de animais fofos; acompanhar a moda de roupas e sapatos; ver imagens de pessoas usando algo que queiram comprar; ver imagens de casais e memes; ver imagens de materiais escolares e brinquedos e registros exclusivos dos ídolos.

Dentre as coletas de nomes de famosos que os alunos gostavam de acompanhar no Instagram, foram ditos nomes de cantores, atores, influenciadores digitais e jogadores de futebol. Em todas as turmas, dois nomes se repetiram: Neymar e Mel Maia. Logo, utilizei essas duas personalidades para abordar as visualidades do Instagram em todas as rodas de conversa, visando a aperfeiçoar melhor em cada uma a minha abordagem durante a dinâmica, tendo duas imagens como objeto de análise.

A estratégia da escuta dos nomes das celebridades que produzem os conteúdos que eles gostam de consumir era identificar essas visualidades que as juventudes consomem diariamente. Por outro lado, isso contribuiria para a aproximação de um processo de aprendizagem significativa. Os alunos estariam se relacionando com os seus conhecimentos prévios, as visualidades no Instagram, e, em alguma medida, prazerosos. E a partir da partilha destes conhecimentos, os alunos ouviriam sobre outros tipos de percepções, ampliando e

atualizando suas próprias percepções, atribuindo novos significados aos seus conhecimentos sobre essas visualidades.

Com o uso de um *tablet*, pesquisei o perfil da Mel Maia⁹, alguém que eu não conhecia, mas a maioria dos alunos sim, e selecionei uma das fotos servindo de imagem-gatilho para a nossa conversa. As questões norteadoras foram: O que tem na imagem? Quem aparece nela ou de quem é a imagem? Tem alguma marca famosa presente na imagem? Qual é a possível mensagem da imagem? É uma publicidade? Se parece com uma publicidade? Por quê? Na sua opinião, quais tipos de fotos ganham mais *likes* no Instagram? Você acredita que já foi influenciado por alguma imagem do Instagram? Por quê? Você já começou a gostar ou desejar algo depois de ver imagens de ídolo consumindo algo neste aplicativo? Como você se sentiu?

Essas questões partiam de uma análise semiológica das imagens, sem a obrigação de saturar as possibilidades de leituras de cada uma. Na prática, não seguiram esta ordem aqui apresentada, tão pouco foram rígidas como um questionário. Apesar de eu participar da roda segurando um papel com as questões e anotando algumas percepções, as perguntas foram inseridas nas rodas de conversa de maneira naturalizada, dando seguimento as linhas de raciocínio nelas apresentadas. Todas elas foram feitas em todas as turmas e obtiveram respostas.

Desta forma, pedi para que os alunos descrevessem a imagem 7. Com certa dificuldade para se limitarem à descrição da imagem, partiram para as suas interpretações sobre ela. Isso foi ajustado na medida em que exemplifiquei ao a descrever elementos presentes na imagem nunca antes vista de alguém desconhecido: mulher jovem, dentro de um automóvel, com um casaco vermelho, segurando um copo. Na sequência, descreveram os alunos: mulher utilizando roupa curta e justa, vestido decotado, com o cabelo preso.

⁹ Disponível em: <https://www.instagram.com/melissamelmaia/>. Acesso em: 20 set. 2023.

Imagem 7 – Foto retirada do perfil do Instagram @melissamelmaia



Fonte: <https://www.instagram.com/p/Cj13cBuLwlg/>. Acesso em: 20 out. 2023.

Na sequência, levantei a questão se eles conheciam esta pessoa, o que ela estaria fazendo e o porquê de estar vestida assim. Sem informações adicionais à imagem, os alunos tentavam interpretar os elementos dela: é a Mel Maia saindo de uma festa com um copo de bebida na mão; ela está utilizando roupa de balada, pois é curta, justa e decotada; é no período da noite, pois a imagem está escura; ela está sentada assim porque fez pose para a foto; não está usando o cinto de segurança; dentre outras percepções.

Essa imagem serviu de gatilho para iniciarmos uma longa discussão numa das turmas do 8º ano sobre as imagens de mulheres no aplicativo. De acordo com algumas alunas, a forma de se vestir da Mel Maia nas suas fotos e de outras influenciadoras do Instagram são muito sexualizadas. Além disso, para elas, poses, recortes e ângulos das fotografias evidenciam esta hipersexualização do corpo de muitas jovens, pois são estes tipos de imagens

que ganham maior engajamento nesta rede social. Assim, levantei essa questão nas demais turmas que me apresentaram o mesmo posicionamento sobre o uso do corpo feminino no Instagram.

Nesta perspectiva, os alunos me contaram que neste aplicativo há muitas imagens de “mulheres com bundão”, mulheres bonitas, exibição de corpos magros e sarados, peles perfeitas sem manchas e espinhas. Além disso, contaram que muitas pessoas usam uma “personalidade alternativa”, exibindo imagens de algo que elas não são, como uma vida de mentiras baseadas em fatos isolados de suas vidas e filtros do próprio Instagram. Como se essa rede fosse um conto de fadas, encontram imagens de padrões de beleza e de estilo de vida.

Quando identificávamos essa realidade paralela constituída no ciberespaço, eu os perguntava se o que eles viam influenciava de alguma maneira as suas vidas, humor, imaginário, desejos. Partindo sempre de um exemplo pessoal para dar seguimento às rodas de conversa, e os encorajando para relatarem suas experiências e opiniões, contei que já me senti influenciada a comprar algo ao ver uma foto de um ídolo consumindo um produto específico. Dessa forma, dezenas de outros relatos de lembranças de consumo derivado de um desejo criado a partir de uma imagem no Instagram foram feitos. Também contaram que já tiveram a autoestima influenciada por ideais de beleza. Alguns alunos disseram que entraram na academia por influência de perfis de esportistas.

Também foi pauta das rodas de conversa o uso dos filtros do aplicativo nas imagens. Numas das turmas, a discussão se desenvolveu contra o uso deles, pois, segundo os alunos, eles modificam a realidade, as pessoas usam para se sentir ou parecer menos feias. Já em outras turmas, a discussão foi mais branda, algumas alunas disseram que gostam de usar porque deixam as fotos mais bonitas, fofas e decoradas. No entanto, também identificaram que o uso demasiado deles tornam as imagens muito artificiais, incoerentes com a realidade. Inclusive, algumas alunas disseram que não gostavam de usar esses artifícios de edição de imagem porque possuem uma boa autoestima, se consideram bonitas e, portanto, não precisavam utilizar filtros ou não gostavam deles.

Suspendendo os relatos, indaguei-os sobre quem produzia essas imagens que nos influenciavam, para quem produziam e por que será que as produziam? Nossas conversas se voltavam para os grandes perfis do Instagram, com milhares de seguidores, sendo eles classificados como os principais responsáveis pela criação das visualidades que podem nos influenciar. O motivo desta grande produção de visualidades seria o trabalho gerado pelas propagandas e publicidades de marcas de roupas, sapatos, maquiagens, acessórios, material

escolar, empresas de viagens, eletrônicos, comércios locais e até multinacionais. Então, essas imagens seriam destinadas aos seguidores destes perfis, os próprios alunos e quem mais gostasse de acompanhar as imagens postadas por esses usuários.

Mas seriam todas essas imagens oriundas de propagandas ou publicidades? Com pausas e olhares estáticos buscando respostas, talvez na lembrança das imagens que encontram em seus próprios *feeds*, ninguém respondeu que sim. Outros ainda deram exemplos de imagens que não possuem intenções comerciais como registros de aniversários, passeios, jogos de futebol. E era neste momento de reflexão procurei por uma nova imagem para as nossas discussões. Uma imagem que aparentemente não haveria uma intenção de influenciar o desejo de consumo.

Após a análise da primeira imagem feita majoritariamente por meninas, selecionei uma imagem do perfil do Neymar, jogador da seleção brasileira de futebol, buscando maior engajamento dos meninos na análise dela. Ao exibir a imagem 8, pedi para que as turmas a descrevessem. Neste momento, com mais facilidade do que antes, os alunos descreveram os elementos reconhecíveis da imagem como: um homem saindo de uma van na rua, com casaco de frio, tênis, boné, bolsa e celular um em cada mão, céu acinzentado.

Imagem 8 – Foto retirada do perfil do Instagram @neymarjr



Fonte: https://www.instagram.com/p/Ck0sI3LItGL/?img_index=2. Acesso em: 20 out. 2023.

Em seguida, pedi a eles que interpretassem a imagem, dizendo quem poderia ser e o que estaria fazendo. Os alunos identificaram o Neymar, assim como os elementos de luxo da imagem: as roupas, o tênis e a bolsa de marca; o carro chique; o celular da última geração; por levar uma bolsa consigo, ele poderia estar chegando num hotel ou saindo de um treino; numa estação ou num lugar de frio devido às vestimentas.

Essa imagem serviu de gatilho para discutirmos as questões de propaganda e publicidade explícitas ou não no Instagram. A maioria das turmas não considerava esta imagem como uma propaganda de alguma marca de um produto específico, apesar de muitas estarem presentes por meio de seus signos: as estampas do casaco e da bolsa, por exemplo. Houve uma dificuldade de aprofundar esse assunto nas rodas de conversa. Por isso, participei compartilhando a informação de que muitas marcas fazem contratos com os famosos para que eles só apareçam utilizando seus produtos em suas fotos no Instagram, ou ainda, não utilizando outras marcas de produtos concorrentes.

Nesse sentido, voltamos a analisar a imagem. Ainda que possamos interpretá-la como um registro do dia a dia de um milionário, há a presença de elementos, que os próprios alunos identificaram como produtos caros e que podem ser interpretados como propagandas. Mas ainda não tinha sido considerada uma propaganda pelos alunos. Logo, alimentei a conversa, incorporando os apontamentos trazidos por eles e qualificando os componentes da imagem: um homem rico com muitos seguidores; uma foto postada numa rede social de grande influência nos usuários; uma foto não posada, nos permitindo interpretá-la como um registro espontâneo de uma rotina ou um evento; exibição de elementos luxuosos como as vestimentas e o carro.

Essas ponderações resultaram de uma análise conjunta, uma troca entre mim e eles, que possibilitou o exercício de pensar compartilhado. Sendo uma prática pedagógica oposta ao que Paulo Freire denominou de educação bancária, na qual o conhecimento é transmitido de forma autoritária e unidirecional as informações não foram somente dadas. Elas, desde o princípio, partiram deles, quais pessoas eles gostavam de seguir, o que eles viram nas imagens, quais sensações eles tiveram ao vê-las. Meu papel não se reduziu a transmitir os conteúdos, mas também coletá-los por via da escuta.

Durante a minha participação nas rodas de conversa, explanei que antigamente, com a maioria da população consumindo as propagandas por meio da televisão, esse tipo de visualidade era mais franca com o público, na medida em que era exibida no intervalo das novelas, filmes, desenhos, programas de auditórios, destinadas a esse uso: a venda. Com a migração do grande uso das televisões para as redes sociais, estas propagandas se mesclaram com as imagens de registro da vida pessoal dos ídolos, sendo intencionalmente naturalizadas e camufladas. E isso pode enganar quem não realiza uma leitura mais atenta a essas imagens, o que é difícil acontecer numa rede social em que elas são trocadas por outras em questão de segundos rolando o *feed*.

Também comentei sobre como surgiu o Instagram, sendo uma oportunidade de compartilhamento de fotos na internet entre amigos e seguidores. Com o tempo, ele ganhou milhares de usuários e expandiu as suas funcionalidades, tornando possível editar as fotos, vídeos, fazer transmissões de vídeo ao vivo, e até realizar compras diretamente na plataforma, atraindo cada dia mais a atenção dos usuários de outras redes sociais concorrentes. O aplicativo deixou de ser apenas um espaço para compartilhar momentos pessoais e se tornou um espaço para a construção de marcas, influenciadores digitais e até mesmo negócios.

Hoje em dia, o Instagram é amplamente utilizado para diversos propósitos, incluindo para promover produtos e serviços, impulsionar a presença de empresas, estabelecer conexões

com o público e até mesmo como uma fonte de renda para muitas pessoas. A trajetória da rede, desde sua origem como álbum de memórias para uma vitrine, muitas vezes camuflada como registros pessoais, destaca a sua corrida para atender às demandas capitalistas e de se manter relevante em um mundo digital em constante mudança.

Durante as rodas de conversa, um aspecto me chamou a atenção, grande parte das turmas possuíam perfis no Instagram, mas poucos disseram que postavam fotos. Ao questioná-los, muitos alegaram não se considerarem belos, outros apenas disseram que não gostavam de tirar fotos, sem maiores explicações. Os alunos quase sem jeito para dizer, aparentemente desconfortáveis ao imaginar suas fotos no Instagram, não esclareceram o porquê de não gostarem de postar *selfies* nessa rede social. Por outro lado, aqueles que disseram postar suas fotos, foram, em sua maioria, aqueles alunos que considero mais desinibidos e autoconfiantes com as suas identidades visuais.

A proposta de roda de conversa foi, portanto, uma alternativa pedagógica pertinente na busca pela troca com os discentes, levando e trazendo reflexões, experiências e conhecimentos de forma engajada. Para a presente proposição de pesquisa, ensino, análise e criação de reflexões, ela possui alguns diferenciais em relação aos outros métodos, como a possibilidade de aproximar os alunos ao conteúdo proposto por meio do sentimento de pertença da roda.

Por outro lado, ela evidencia a inserção dos sujeitos através do ato político de falar na roda, que o insere no pertencimento a esse todo no qual está posto de forma corpórea. Manifesta-se, assim, a aceitação de pertencimento a esse todo, a confirmação de sua presença e o assentimento para identificação com esse grupo e/ou com a temática tratada (Lisbôa, 2020, p. 179). Todos tinham experiência com o uso do Instagram, até aqueles que não possuíam perfis nessa rede social, por isso, cada um tinha um conhecimento empírico a acrescentar na nossa roda.

Ao final das trocas, fizemos uma análise sobre tudo o que discutimos, lembrando os principais pontos levantados e as diferentes opiniões. Não obtive uma devolutiva concreta sobre as consequências desses diálogos na formação de cada um. O que antes podia ser considerado apenas um registro desprezioso postado no Instagram, talvez agora tivesse outros tipos de percepções. Neste caso, não tive como pretensão estender o assunto em torno das publicidades e propagandas, e sim identificá-las como componentes de grande parte das produções imagéticas desta rede social. Além disso, outros tipos de pretensões possivelmente contidas nas imagens, como se autopromover, tentar se encaixar numa tribo popular no

aplicativo, ostentar padrões de vida, ganhar seguidores, visualizações e curtidas, educar, inspirar e influenciar os demais usuários foram ressaltadas.

Em suma, de forma dialógica, levei para o campo de estudo desses jovens de Rio das Ostras visualidades presentes em seu dia a dia para observá-las, analisá-las e refletir sobre elas no tempo menos acelerado que geralmente possuem no *feed* de cada usuário. Debruçada na perspectiva de uma educação emancipatória, em prol das classes populares, realizei discussões abertas a todos para que contribuíssem com as suas perspectivas, saberes, sonhos, desejos, frustrações, medos e alegrias. Com isso, busquei potencializar participações mais engajadas e atentas a diferentes formas de ver, pensar e analisar sobre o mundo que os rodeiam e os atravessam.

3.3 Análise das narrativas e discursos imagéticos juvenis

Ao longo dessas experiências como professora de Arte em três escolas do município de Rio das Ostras, esbarrei com inúmeros anseios dos jovens que ficam escondidos por trás de comportamentos, muitas vezes, incompreendidos pelos docentes. É o desejo de participar e se sentir pertencente à comunidade escolar, às vezes, traduzido em piadas, falas, gestos que não se enquadram na expectativa dos educadores de uma sala harmoniosa, silenciosa, respeitosa. Quando atenta, percebi que aqueles alunos que não se adaptavam nesses parâmetros eram aqueles que mais tinham dificuldade de realizar as tarefas. Ou, ainda, tinham um grande anseio de serem ouvidos, percebidos, acolhidos.

Essas juventudes em que tive contato se diferenciavam em termos de contextos sociais, culturais, étnico-raciais e econômicos, resultando em uma rica tapeçaria de experiências e perspectivas. Diante dessa multiplicidade, os anseios desses jovens são igualmente diversos, mas compartilham algumas demandas comuns. Entre os principais anseios estão a busca por uma educação que seja significativa e que esteja conectada com suas realidades, a valorização da diversidade, o estímulo à criatividade e ao pensamento crítico, além da promoção de espaços de participação e diálogo. Isso revela a necessidade de estar atenta e mantendo o planejamento vivo, ou seja, transformando-o sempre que houver necessidade de se adequar às demandas manifestadas, tornando-o mais flexível, inclusivo e adaptado aos interesses e necessidades dessa juventude plural, permitindo que os jovens se vejam representados e engajados ativamente em sua própria formação.

Com muita paciência e frequência, vou até os alunos menos adaptados ao contexto de sala de aula – não fazem silêncio, não respeitam a fala dos outros, não permanecem sentados em seus lugares, utilizam o celular – e converso com eles solicitando que retomem uma postura adequada. É um processo extremamente desgastante dentro de um contexto de salas de aula com mais de 30 alunos. Mas é compensatório a longo prazo quando percebo a reintegração desses alunos nas propostas pedagógicas.

Sempre evito me exaltar e gritar com o objetivo de ser ouvida, porque além de expor a situação inadequada para todos os alunos presentes, isso afasta a empatia deles comigo. Por isso, opto por abordar os jovens de forma mais próxima e persuasiva, buscando convencê-los a aproveitar as propostas das aulas. Na maioria das vezes isso não funciona de imediato, mas ao longo do ano letivo percebo uma melhora no nosso convívio, com mais respeito, educação e participação ativa nas aulas. Até mesmo fora de sala de aula, sou cumprimentada, abraçada, e isso confirma, para mim, o bom resultado da escuta e da importância de resgatar o gosto pelo aprendizado e por uma educação construída pelo respeito mútuo na escola.

Apesar das grandes dificuldades de estabelecer um ambiente silencioso e de escuta respeitosa sem repressão, propus a roda de conversa. Ainda que não tenha sido uma prática comum para os alunos e, talvez por isso, tenham tido dificuldades de ouvir os outros e até mesmo de expor seus pontos de vista, a roda de conversa se tornou um aprendizado. A participação em um grupo, a compreensão das experiências subjetivas, ser um colaborador no debate, enxergar a si mesmo não apenas como alguém com opiniões e narrativas, mas sim como alguém que constrói essas opiniões e narrativas, foram alguns aspectos aprimorados pelos alunos durante a experiência.

A roda de conversa também facilitou o meu entendimento do nível de ensino e aprendizagens nos quais os alunos se encontravam sobre o assunto abordado. Funcionando como uma avaliação diagnóstica, pude compreender os níveis de percepções que eles possuíam sobre o Instagram e as questões apresentadas durante a conversa, como baixa autoestima, hipersexualização dos corpos femininos e publicidades mascaradas de registros do dia a dia de pessoas famosas.

Paulo Freire (2020, p. 111), enfatiza a importância da escuta na construção de uma conversa, pois somente aquele que se apresenta a ouvir o outro com paciência e criticidade é capaz de efetivamente se comunicar, mesmo que em algumas situações seja necessário não apenas falar com o interlocutor, mas também direcionar a fala diretamente a ele. Essa abordagem ressalta a necessidade de uma interação que transcenda a simples transmissão de informações, buscando compreensão mútua e construção coletiva do conhecimento.

Leandro Pinheiro (2020, p. 4) também encontrou nas obras de Paulo Freire consonâncias com a prática das rodas de conversa, onde a sua utilização é “estabelecida sob o propósito de dar voz aos sujeitos, visando possibilitar sua participação efetiva no processo, à medida que lhes são facultadas falas dialógicas pelas quais se espera o aporte de seus saberes”. Nesse contexto, as rodas de conversa emergem como um espaço de diálogo horizontal, alinhado com os princípios freireanos de educação libertadora, nos quais a troca de experiências e a expressão autêntica de cada indivíduo se tornam instrumentos essenciais para a construção de conhecimento coletivo. Dessa forma, a prática das rodas de conversa reflete não apenas uma técnica de comunicação, mas uma abordagem pedagógica que busca promover a democratização do saber e a valorização das vozes individuais no processo educativo.

Durante as práticas, observei que os alunos não demonstravam certeza se suas subjetividades seriam de interesse para a roda de conversa, até o momento de se sentirem confortáveis e confiantes ao saberem que suas contribuições poderiam ser pertinentes ou até mesmo uma nova pauta. Depois de um tempo, muitos já estavam confortáveis a ponto de necessitar da minha intervenção para facilitar o processo de fala e escuta, como também de conduzir os assuntos. Assim, as rodas de conversa funcionaram muito bem, os alunos se sentiram motivados a participar e a maioria se integrou na proposta, seja pela escuta ativa ou pelas contribuições feitas.

Leandro Pinheiro (2020, p. 4) ainda destaca a relevância das rodas de conversa na produção de narrativas individuais e coletivas, ressaltando que os depoimentos apresentados nessas discussões não são apenas usados com a finalidade de retorno aos participantes, mas também têm o propósito de elencar conteúdos e sustentar análises sobre inserções sociais, vivências de práticas específicas e experiências subjetivas em determinado tema. Nesse contexto, a importância dos alunos se sentirem contribuintes para a roda de conversa torna-se evidente. Quando eles percebem que suas vozes são valorizadas e que suas experiências são fundamentais para a construção do conhecimento coletivo, isso cria um ambiente propício para a participação ativa e engajada. A sensação de contribuir para a discussão não apenas fortalece a confiança do aluno, mas também enriquece a dinâmica do diálogo, promovendo uma aprendizagem mais significativa e colaborativa. Assim, a participação dos alunos não é apenas voluntária, mas é fundamental para o sucesso das rodas de conversa como ferramenta pedagógica.

Um aspecto que me chamou atenção foi a hegemonia de dados coletados durante o levantamento das preferências de usuários de Instagram dos alunos de diferentes turmas. Por

conta disso, e pela estratégia de comparação entre os resultados obtidos entre as turmas, selecionei uma foto da Mel Maia e uma do Neymar para serem utilizadas nas rodas de conversa, pois ambos foram citados em todas as rodas. Isso reforça o caráter do Instagram de amplificar a homogeneização cultural, ou seja, jovens de diferentes realidades consomem os mesmos conteúdos visuais.

Já no que tange aos aspectos das *Pedagogias das Visualidades* (Pedrosa; Figueiredo, 2017), como colaboradora/facilitadora, tensionei todos os assuntos que possuíam um teor de beleza, riqueza, padrão de vida, inclusive na análise das imagens. Durante o processo, os alunos demonstraram compreender a existência de fatores presentes em muitas imagens do Instagram que nos induzem a certas conclusões, tais como: o que é ser bonito(a), como ser famoso(a) no Instagram, dentre outros.

E a respeito da utilização da semiótica, foram examinados juntamente com os jovens como os signos, sendo qualquer coisa que representa ou se refere a algo além de si mesmo, identificados em cada imagem funcionam no nosso contexto social e como eles influenciam a nossa percepção e compreensão das imagens. Essa abordagem semiótica não ocorreu de forma explícita, ou seja, não foi abordado esse ou outros conceitos do campo da semiótica com os alunos, tampouco seguimos um roteiro de análise das imagens. Porém, utilizamos as etapas da pesquisa semiótica que envolveram a análise descritiva, a contextualização, a identificação e interpretação de signos e os sistemas de significação presentes nas imagens selecionadas do Instagram.

Apesar de possuir um referencial teórico para desenvolver uma análise das imagens durante as conversas, foi fundamental não engessar o caminho a ser percorrido durante os diálogos. Isso permitiu que eu identificasse os conhecimentos e as experiências previamente adquiridos desses jovens e suas lacunas. Nesse sentido, Paulo Freire (2020, p. 111) comenta que “o educador que escuta aprende a difícil lição de transformar o seu discurso, às vezes necessário, ao aluno, em uma fala com ele”. Foram as trocas e escutas ativas que guiaram e tensionaram certas questões e reflexões durante as conversas.

Ao refletir sobre isso, a cada roda de conversa praticada, percebi na prática a grande importância de ouvir meus alunos para orientar as discussões de acordo com suas necessidades. Reconheço que para conduzir efetivamente esse espaço dialógico, proposto por mim, foi necessário ir além do simples ato de falar para também praticar a escuta. A experiência de ouvir atentamente os relatos, inquietações e contribuições dos alunos não apenas enriqueceu a dinâmica da roda de conversa, mas também influenciou diretamente na adaptação do discurso educativo.

A verdadeira eficácia do diálogo com os jovens residiu na capacidade de ajustar minha comunicação de acordo com as necessidades e os interesses indicados por eles, tornando uma troca de ideias não apenas pedagógica, mas também genuinamente colaborativa. Essa experiência reforça a ideia de que a escuta ativa é a base para uma educação verdadeiramente transformadora e participativa.

Durante as rodas de conversa foi possível tensionar questões como a construção de realidades nas redes sociais, como estilos de vida, consumo e beleza; a aparição do consumo de maneira sutil ao mesmo tempo que muito presente na imagem, como, por exemplo, a imagem do Neymar com uma bolsa de luxo; refletir sobre como esses elementos e construções visuais nos atravessam, investigando as construções de imaginário e emoções dos alunos, como aconteceu quando conversamos sobre o fato de realizarem comparações entre eles e as imagens dos seus ídolos no Instagram.

A devolutiva dos alunos foi satisfatória na medida em que partiu deles a apresentação das problemáticas envolvidas na interpretação de tais signos presentes em cada foto, como o vestido curto da Mel Maia e os acessórios de luxo do Neymar. Os demais temas tratados durante a roda de conversa vieram da análise desses signos e seus empregos na nossa atual sociedade. A avaliação das habilidades e desenvolvimento dos alunos durante a prática foi pautada no resultado da qualidade de questões levantadas e discutidas, elas se mantiveram relevantes para a proposta inicial das conversas e para a formação crítica e cultural dos alunos.

A roda de conversa emerge não apenas como uma ferramenta de ensino, mas também como uma estratégia avançada de avaliação que transcende a mera mensuração de conhecimentos. Nesse contexto, é importante que a avaliação “estimule a *falar a* como caminho do falar com” (Freire, 2020, p. 114, grifo do autor).

O ato de falar não é apenas uma manifestação individual de compreensão, mas também um convite à colaboração e à construção coletiva de saberes. Ao avaliar uma roda de conversa, não apenas se mensura o conhecimento adquirido, mas também se observa se ele produziu a expressão, o questionamento e a troca de ideias.

A roda de conversa também se transformou em um ambiente propício para reavaliar e examinar as coisas que eles já consumiam, em vez de apenas focar em novos temas ou ideias. Assim, essa dinâmica destacou questões que os participantes já possuíam e trouxeram para discussão. Embora as questões que eu levantei também tenham sido abordadas, elas receberam menos ênfase nas discussões, servindo como um direcionamento para as nossas conversas.

O objetivo das discussões não se deu na análise das imagens em si, mas na compreensão das relações culturais que elas envolvem, interessando identificar os seus contextos, usos e reflexos no consumo dos jovens. Foram conversas que ora eram engraçadas, ora eram mais sensíveis, trazendo à tona emoções como a inveja e a baixa autoestima. São questões que podem ser trabalhadas em aulas sobre a Cultura Visual Contemporânea, que esbarram na formação da subjetividade dos jovens. No entanto, a ausência de rodas de conversa como práticas corriqueiras em sala de aula, especialmente no segundo segmento do Ensino Fundamental, evidenciava-se por meio de falas interrompidas e outros comportamentos que, em certa medida, prejudicavam a qualidade da dinâmica.

De acordo com Paulo Freire (2020, p. 114), aqueles que possuem algo a comunicar não têm apenas o direito, mas também a responsabilidade de expressar suas ideias. No entanto, é fundamental que esses comunicadores reconheçam que não são os únicos detentores de mensagens relevantes. Ainda mais crucial é o entendimento de que a importância da mensagem não garante sua acessibilidade universal. Freire enfatiza a necessidade de compreensão por parte daqueles que têm algo a dizer, instantaneamente a ouvir outros que também possuem contribuições valiosas. O autor alerta sobre o risco de esgotar a capacidade de expressão ao negligenciar a prática de escutar, diminuindo que o ato de falar sem a devida atenção pelo que é aqui pelos outros pode limitar significativamente a eficácia da comunicação.

Diante desse cenário, assumi um papel ativo na gestão dessas interações, buscando sinalizar aos alunos sempre que suas ações ameaçavam comprometer o andamento construtivo da roda de conversa. Minha intervenção não pretendia apenas preservar a fluidez do diálogo, mas também garantir um ambiente propício à expressão livre de ideias e à construção coletiva de conhecimento. Essa abordagem, pautada na prontidão para corrigir desvios comportamentais, revelou-se como uma afirmação aos alunos que a roda de conversa é um instrumento de promoção de conhecimento e que deve ser respeitada.

Considero essas práticas realizadas como fontes de muito aprendizado que extrapolam os conteúdos previstos no planejamento de aula, e que podem ser desenvolvidos sem serem considerados como desvios. Cada questão posta nas rodas foi acolhida, rebatida, refletida em conjunto e muitas conduziram o foco da dinâmica.

Isso nos indica a importância de planejamento e execução de projetos que busquem alicerces nas pedagogias voltadas à Cultura Visual de modo que sejam desenvolvidas oportunidades de aprendermos sobre nós mesmos e sobre o mundo pelas visualidades, com a des/re/localização do olhar que propõe o reposicionamento dos sujeitos, que questionam as identidades pré-fixadas e oportunizam narrativas com e pelas imagens. Nesse cenário, na formação de professores urge a presença de um

eixo específico voltado às Pedagogias da Visualidade, sobretudo em se tratando dos avanços que permitem maior facilidade de acesso e de manipulação na utilização de dispositivos fotográficos, objetivando uma consolidação deste campo de estudos, cada vez mais imediato (Pedrosa; Figueiredo, 2017, p. 92).

Deste modo, é importante considerar a necessidade de desnaturalizar qualquer forma de violência nas sociedades contemporâneas, incluindo a violência simbólica de grupos sociais que impõem normas, valores e conhecimentos tidos como universais e que não estabelecem diálogo entre as diferentes culturas presentes na comunidade e na escola. No entanto “não se deve impor pensamentos, emoções, visões de mundo, e sim conhecer e aprofundar sentimentos, lutas e principalmente respeito aos saberes do grupo, o que demonstra compromisso para uma formação permanente, inacabada e plural” (Silva; Vasconcelos, 2017, p. 8). Assim, a roda de conversa cumpriu com a sua função de ser um espaço de construção de conhecimentos coletivos, não uma imposição ou ensinamento verticalizado.

Nesse sentido, numa perspectiva progressista, ensina-se aos alunos certo conteúdo, desafiando-os a que se vá percebendo na e pela própria prática, sujeitos capazes de saber (Freire, 2020, p. 121). Os participantes das rodas de conversa não apenas absorveram passivamente os assuntos apresentados, mas, de maneira proativa, trouxeram temas que foram foco central das discussões. Suas capacidades críticas foram destacadas à medida que se posicionaram como agentes ativos na reflexão sobre tais questões, indo além da simples assimilação de conteúdo. Foi por meio dessa postura crítica que eles não apenas levantaram diversas indagações, mas também conduziram o grupo no aprofundamento dessas temáticas.

Ao realizar uma avaliação abrangente das rodas de conversa, pude constatar um notável aprimoramento no discernimento e na postura crítica dos participantes, especialmente no que diz respeito às imagens veiculadas no Instagram, como também aquelas que não são publicadas. Evidenciou-se uma capacidade aprimorada de análise e interpretação, revelando uma consciência mais apurada sobre os impactos e as mensagens subjacentes às imagens apresentadas na plataforma.

Em suma, não estive preparando os jovens para um contato com a Cultura Visual e a cibercultura pós-escola, e sim para um contato já existente. É justificável e urgente investigar as práticas visuais das juventudes, assim como produções e consumos imagéticos, tomando “práticas visuais” como modos de ver e buscar ser visto e as produções e consumos imagéticos como todas as relações que envolvam as imagens visuais (Victorio Filho, 2013, p. 5-6). Isso os fortalece a longo prazo para uma formação educacional, pessoal e profissional mais significativa e forte diante das forças culturais homogeneizadoras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em conclusão, esta dissertação abordou sobre as diferentes juventudes presentes em salas de aulas de escolas públicas de Rio das Ostras; as suas formas de compreensão das visualidades produzidas a partir do Instagram; e uma experiência pedagógica de escuta e troca entre mim e os estudantes. Neste contexto, foi evidenciada a necessidade de uma educação da Cultura Visual que considere as demandas desses jovens, que estão constantemente se adaptando a um mundo acelerado de informações, comunicação e produções visuais.

Por meio de uma educação sensível e alinhada às realidades contemporâneas, é possível capacitar os jovens a atuarem de forma mais consciente na sociedade. Ao promover a conscientização sobre os mecanismos de poder e as dinâmicas sociais, a educação pode contribuir para que os jovens conquistem mais espaços e direitos ao longo de suas vidas. Nesse sentido, a escola se torna uma importante ferramenta de transformação social, fornecendo aos jovens as habilidades necessárias para interpretar e questionarem as imagens e narrativas visuais presentes em suas realidades.

Uma educação da Cultura Visual crítica é capaz de fornecer as bases para que os jovens possam se posicionar ativamente na sociedade, compreendendo as diversas formas de expressão, resistência e luta pelos seus direitos. Portanto, é essencial que a educação esteja em constante diálogo com as necessidades e aspirações das juventudes, adaptando-se aos desafios do mundo contemporâneo.

Um dos desafios significativos enfrentados pelas classes menos privilegiadas em nossa sociedade é o acesso a uma educação emancipatória que traga para a sala de aula os problemas enfrentados no mundo exterior. Essa abordagem busca categorizar, analisar, refletir, criticar e buscar possíveis soluções para tais desafios. E somente por meio de uma educação que valorize e promova diferentes culturas visuais, que esteja engajada na construção de uma sociedade mais justa e igualitária, poderemos ampliar os espaços de participação e conquista de direitos para todos os indivíduos.

No primeiro capítulo, realizei uma observação, a partir da minha perspectiva de professora regente de Arte, das distintas realidades vivenciadas por jovens de escolas públicas no município de Rio das Ostras/RJ. Durante esta análise, ficou evidente a diversidade de experiências e contextos que moldam a trajetória desses jovens. Contudo, uma constatação notável foi a presença marcante das redes sociais como elementos constituintes da formação sociocultural dessas juventudes, sobretudo, do Instagram. As plataformas digitais emergiram

como um cenário influente, moldando suas interações, percepções e construção de identidade. No universo da cultura, percebi que os jovens encontram um espaço fértil para práticas, representações, símbolos e comunicações, sendo este o terreno onde buscam demarcar e consolidar uma identidade juvenil dentre tantas possíveis.

No contexto que esses jovens atuam como consumidores ativos das imagens divulgadas no Instagram, destaca-se uma crítica pertinente em relação às propagandas, especialmente aquelas que conduzem os usuários a aspirarem realidades fantasiosas como modelos ideais para suas vidas. Essa manipulação visual e narrativa perpetua a construção de identidades inatingíveis e irreais, contribuindo para a manutenção de padrões inalcançáveis. Nesse cenário, é crucial compreender que o desejo de ascensão social não é uma característica natural ou inata das pessoas, mas sim um valor cultural que pode ser transformado por meio de uma educação crítica e reflexiva.

Em seguida, no segundo capítulo, abordei uma breve contextualização das percepções virtuais, explorando como o universo virtual, desde sua concepção até os dias atuais, exerce impactos significativos no tangível. Dentro desse contexto, destaca-se a preocupação em superar a limitação presente em repertórios visuais e imagéticos dos jovens que se assemelham às intencionalidades homogeneizadoras de grandes indústrias e políticas. Nesse processo, surge uma discussão sobre o imperialismo cultural como um desafio na construção de memórias e na formação de estereótipos, especialmente durante a adolescência, fase de extrema importância para a elaboração da visão de mundo e de si. Diante disso, enfatizei a necessidade de atuar contra essa corrente, buscando promover percepções juvenis mais amplas e capazes de compreender a presença de intencionalidades mercantis e políticas, bem como a existência de diversas possibilidades de ver, ser e estar no mundo.

O segundo capítulo também foi fundamentado nos estudos de Roland Barthes, os quais desempenharam um papel importante no desenvolvimento da prática das rodas de conversa conduzidas com esses jovens. A influência do pensamento de Barthes propôs uma abordagem teórica sólida que foi fundamental para não somente analisar as percepções virtuais e imagéticas dos jovens, descritas no capítulo 3, como também mediar as discussões e análises durante as conversas.

A partir dos estudos dos sistemas de significação, é possível compreender que as imagens no Instagram, sejam elas de qualquer natureza, estão repletas de significados, muitos dos quais são conotativos, como símbolos culturais e valores pessoais, tal como ocorre em qualquer imagem fora dessa rede social. Dessa forma, as imagens adquirem sentido para nós ao comunicarem algo em algum aspecto. Os signos nos remetem a outros signos. Assim, todo

sistema de significação é composto por um plano de expressão e um plano de conteúdo, sendo a significação o elo entre esses dois planos.

No terceiro capítulo, estabeleci conexões entre os anseios juvenis e as tramas curriculares, explorando possibilidades no ensino da Cultura Visual com base na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Essa abordagem visa não apenas a enriquecer o repertório visual dos estudantes, mas também promover uma integração mais eficaz entre seus interesses pessoais e o conteúdo curricular, proporcionando uma aprendizagem mais significativa e conectada à realidade vivenciada pelos jovens.

A proposta inicial de analisar as produções artísticas dos jovens para confirmar a efetividade da proposta pedagógica não avançou. Esta limitação surgiu devido à dependência exclusiva da minha interpretação, sem a inclusão das vozes dos alunos. A ausência desse diálogo comprometeu a compreensão integral das produções, pois não houve oportunidade para que os estudantes expressassem suas próprias perspectivas e intenções por trás das imagens criadas. Além disso, não foi possível garantir que as produções dos alunos refletissem análises e reflexões autênticas sobre as imagens, tanto dentro quanto fora do contexto do Instagram. Essa falta de garantia sugeriu uma limitação na profundidade da compreensão alcançada durante a pesquisa, destacando a importância de promover uma abordagem mais colaborativa e inclusiva.

Nesse sentido, como proposta pedagógica, escolhi a roda de conversa como uma prática ambivalente. Com ela, foi possível identificar lacunas significativas na formação dos jovens em relação à leitura das imagens e, conseqüentemente, do mundo ao seu redor. Essas informações desempenharam um papel crucial no desenvolvimento das conversas, nas quais atuei como mediadora, e na análise das percepções juvenis e defasagens do ensino da Cultura Visual. Elas forneceram dados valiosos sobre a relação entre a cultura visual e a construção da identidade dos estudantes.

Em resultado, tornou-se evidente que, por meio das rodas de conversa, os participantes ampliaram sua compreensão de maneira mais abrangente e crítica em relação às influências visuais que moldam suas experiências. Esse processo se revelou como uma potencial abordagem educacional, destacando-se pela promoção de uma formação mais consciente e reflexiva entre os jovens, apontando caminhos que possam contribuir para a construção de um ambiente educacional mais enriquecedor e consciente das forças culturais, sociais, políticas e econômicas que nos atravessam. Em algumas turmas a discussão ganhou mais fôlego do que em outras, alguns jovens se identificaram mais com o tema do que outros. Para pesquisas

futuras, pretendo melhorar o registro dessas práticas, já que aqui elas foram limitadas a um único enquadramento, o que prejudicou uma documentação mais completa da ação.

Ao longo desta pesquisa, foi aprofundada a compreensão sobre a interseção entre a Cultura Visual, a formação de identidade, as perspectivas dos jovens e a prática pedagógica, utilizando as rodas de conversa como uma ferramenta ambivalente para o desenvolvimento dessas reflexões. Uma análise crítica das influências visuais presentes no dia a dia dos estudantes, especialmente aquelas provenientes do universo virtual, revelou lacunas na formação em relação à leitura de imagens e, por extensão, do mundo que as cerca. A proposta de uma abordagem pedagógica ancorada na cibercultura, explorando o Instagram como plataforma emblemática, não apenas facilitou a assimilação de novos conteúdos pelos estudantes, mas também se mostrou eficaz na promoção de diálogos reflexivos e conscientes.

A polissemia das imagens é um aspecto importante a ser considerado, bem como suas intencionalidades e usos variados. É importante ressaltar que não houve a intenção de adotar uma postura moralizante na pesquisa; trata-se apenas de um recorte para refletir sobre a possível contribuição do ensino de Arte na formação da leitura de imagens dos jovens. Os participantes da pesquisa foram meus próprios estudantes, porém, é crucial reconhecer que nem todas as escolas e juventudes demandam a mesma abordagem. Cada realidade precisa ser cuidadosamente analisada, levando em consideração fatores como o acesso dos alunos à internet, por exemplo. Além disso, ao refletir sobre minha posição como professora, reconheço o poder que tenho como legitimadora das informações, o que implica considerar como minhas escolhas de ensino influenciam a compreensão e visão de mundo dos alunos.

A conexão entre os anseios juvenis e as tramas curriculares, alinhadas com a BNCC, delineou possibilidades para uma educação mais integrada e significativa. Em última análise, esta dissertação busca contribuir para a construção de um ambiente educacional que não apenas confirma a importância do ensino da Cultura Visual na formação dos jovens, mas também propõe caminhos para uma prática pedagógica mais inclusiva, crítica e reflexiva, almejando um impacto positivo e duradouro na vida dos aprendizes.

REFERÊNCIAS

- ARANTES, Otilia Beatriz Fiori. De “Opinião 65” à 18 Bienal. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, n. 15, p. 69-84, jul. 1986.
- AROUCA, Cathy *et al.* Sem curtidas: a influência das redes sociais na saúde mental de jovens mulheres. *Reverso Online*, Cruz das Almas, 27 jul. 2018. Disponível em: <https://www2.ufrb.edu.br/reverso/sem-curtidas-a-influencia-das-redes-sociais-na-saude-mental-de-jovens-mulheres/>. Acesso em: 22 jul. 2021.
- BACHI, Lilian; MORAN, José. *Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática*. Porto Alegre: Penso, 2018.
- BARTHES, Roland. *Aula: aula inaugural da Cadeira de Semiologia Literária do Colégio de França*. 14. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.
- BARTHES, Roland. *Elementos de semiologia*. 16. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- BARTHES, Roland. *Mitologias*. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- BASBAUM, Ricardo. Tropicalismo, depois: da geleia adversa à adversa geleia. *Trama: indústria criativa em revista*, [S.l.], v. 5, p. 173-191, 2017.
- BERGSON, Henri. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. Tradução de Paulo Neves. 2. ed. São. Paulo: Martins Fontes, 1999.
- BEZERRA, Adeilza; PORPINO, Karenine. *O letramento visual como experiência estesiológica*. *Holos*, [S.l.], v. 3, p. 238-245, jul. 2015. ISSN 1807-1600. Disponível em: <http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/2554>. Acesso em: 17 nov. 2020.
- BORBA, Eduardo. Percepção visual em mundos virtuais. Consumindo mensagens publicitárias através dos olhos do avatar. *Rizoma*, Santa Cruz do Sul, v. 2, n. 1, p. 8-25, jul. 2014.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018.
- CAMPOS, Ricardo. Juventude e visualidade no mundo contemporâneo: uma reflexão em torno da imagem nas culturas juvenis. *Sociologia, Problemas e Práticas*, Lisboa, n. 63, p. 113-137, jan. 2010.
- CANCLINI, Néstor. Introdução ao estudo das culturas populares. In: CANCLINI, Néstor. *As culturas populares no capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1983. p. 42-49.
- CARDOSO, Fátima. *Cultura Visual e a Educação Através da Imagem*. Tese (Mestrado em Design) – Faculdade de Design, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010.
- CARRANO, Paulo; DAYRELL, Juarez. *Jovens no Brasil: difíceis travessias de fim de século e promessas de um outro mundo*. [S.l.: s.n.], 2003. Disponível em: <http://www.emdialogo.uff.br/documento/jovens-no-brasil-dif%C3%A9is-travessias-de-fim-de-s%C3%A9culo-e-promessas-de-um-outro-mundo>. Acesso em: 20 ago. 2023.
- CRARY, Jonathan. Espetáculo, atenção, contramemória. *Revista Arte&Ensaio* 23, Rio de Janeiro: PPGAV-EBA-UFRJ. Disponível em: https://liviafloreslopes.files.wordpress.com/2015/12/revista23_5.pdf. Acesso em: 26 jul. 2021.
- CRARY, Jonathan. *Técnicas do Observador: visão e modernidade*. Rio de Janeiro: CUSICANQUI, Silvia. Fragmentos de Yapa en torno a la noción de Lo ch'ixi. *Arte & Ensaio*, Rio de Janeiro, n. 38, p. 226–238, jul. 2019.

- DAYRELL, Juarez. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. *SciELO, Educ. Soc.*, Campinas, v. 28, n. 100 – especial, p. 1105-1128, out. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/RTJFy53z5LHTJjFSzq5rCPH/?lang=pt#>. Acesso em: 27 ago. 2021.
- DELEUZE, G; GUATTARI, F. *Lógica da sensação*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- DILEMA das redes. Direção de Jeff Orlowski. Estados Unidos da América: FAVARETTO, Celso. Tropicália: objetivação de uma imagem brasileira. In: SZANIECKI, Barbara *et al.* (org.). *Hélio Oiticica para além dos mitos*. Rio de Janeiro: Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica, 2016.
- FIGUEIRÊDO, Alessandra; QUEIROZ, Tacinara. A utilização de rodas de conversa como metodologia que possibilita o diálogo. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 10., Florianópolis. *Anais Eletrônicos [...]*. Florianópolis, 2012.
- FRANCA, Patrícia. INFRA-MINCE ou um murmúrio secreto. *ARJ*, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 40-59, jul./dez. 2015.
- FRANCA, Patrícia. L’infra-mince, zona de sombra e o tempo do entre-dois. *Porto Alegre*, Porto Alegre, v. 9, n. 16, p. 19-26, maio 1998.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 66. ed. [S.l.: s.n.], 2020.
- GULLAR, Ferreira. Teoria do não-objeto. In: GULLAR, Ferreira. *Experiência neoconcreta: momento-limite da arte*. São Paulo: Cosac Naif, 2007.
- HAESBAERT, Rogério; BRUCE, Glauco. A desterritorialização na obra de Deleuze e Guattari. *GEOgraphia*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, p. 7-22, 21 set. 2009.
- HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Rio de Janeiro: Vozes, 2015.
- HERNÁNDEZ, Fernando. *Catadores da Cultura Visual*. Porto Alegre: Mediação, 2007.
- HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: Martins Fontes, 2013.
- HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor. A indústria cultural: o iluminismo como mistificação de massas. In: LIMA, Luiz Costa. *Teoria da cultura de massa*. São Paulo: Paz e Terra, 2002. 364p.
- IRERÊ, Raphael. Passos para o Mito: Uma introdução ao pensamento de Roland Barthes. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO CENTRO-OESTE, Goiânia. *Anais [...]*. Goiânia: Intercom, 2019. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/centrooeste2019/resumos/R66-0635-1.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2023.
- “JÁ ACABOU, JÉSSICA?”: depois de virar meme, jovem conta que deixou os estudos e desenvolveu quadro de depressão. *Extra*, 2021. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/brasil/ja-acabou-jessica-depois-de-virar-meme-jovem-counta-que-deixou-os-estudos-desenvolveu-quadro-de-depressao-25180502.html>. Acesso em: 02 set. 21.
- KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- LE GOFF, Jacques. Foucault e a nova história. *Plural*, USP, São Paulo, n. 10, p. 197-209, jan. 2003.
- LISBÔA, Flávia. Roda de conversa: metodologia na produção de narrativas sobre permanência na universidade. *História Oral*, [s.l.], v. 23, n. 1, p. 161-182, 2020. Disponível em: <https://www.revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/995>. Acesso em: 21 ago. 2023.
- LUGONES, Maria. Rumo a um feminismo descolonial. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 320, set./dez. 2014 Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ref/v22n3/13.pdf>. Acesso em: 16 set. 2021.
- MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

MANNING, Erin. Por uma pragmática da inutilidade ou o valor do inframince. *Galaxia*, São Paulo, Online, n. 31, p. 22-40, abr. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/gal/a/nD6zVQrxhVykgP6VxMZgnTq/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 27 ago. 2021.

MARX, K. Capital: *A critique of political economy*. Nova Iorque: International Publishers, 2010. v. 3.

MEROTTO, Letícia. Instagram bate WhatsApp e é o app em que brasileiros passam mais tempo. *TechTudo*, 2022. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2022/12/instagram-bate-whatsapp-e-e-o-app-em-que-brasileiros-passam-mais-tempo.ghtml>. Acesso em: 21 ago. 2023.

MIRZOEFF, Nicholas. O direito a olhar. *ETD – Educação Temática Digital*, São Paulo, v. 18, n. 4, p. 745-768, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8646472>. Acesso em: 2 set. 2021.

NOCHLIN, Linda. *Por que não houve grandes artistas mulheres?* Tradução de Juliana Vacaro. São Paulo: Aurora, 2016.

PEDROSA, Stella; COSTA, Ana Valéria de Figueiredo. Fotografia e educação: possibilidades na produção de sentidos dos discursos visuais. *Nuances: estudos sobre Educação*, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 78-94, abr. 2017.

PEREIRA, Sônia. Revendo o conceito de Academicismo. In: PIMENTEL, Lucia Gouvêa; PEREIRA, Patricia (org.). *Arte Brasileira no século XIX*. Belo Horizonte: C/Arte, 2011. p. 15-18.

PINHEIRO, Leandro. Rodas de conversa e pesquisa: reflexões de uma abordagem etnográfica. *Pro-Posições*, Campinas, SP, v. 31, p. e20190041, 2020. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8664297>. Acesso em: 4 mar. 2024.

POLESSO, Piettra; SALHA, Marianne. *Mídia social e internet predispõem a ansiedade, depressão, bulimia e anorexia em adolescentes e adultos jovens: uma revisão de literatura*. Repositório PUC Goiás, Goiânia, 09 dez. 2020. Disponível em: https://repositorio.pucgoias.edu.br/jspui/bitstream/123456789/641/1/M%3%addia%20social%20e%20internet%20predisp%3%b5em%20a%20ansiedade%2c%20depress%3%a3o%2c%20bulimia%20e%20anorexia%20em%20adolescentes%20e%20adultos%20jovens_uma%20revis%3%a3o%20de%20literatura.pdf. Acesso em: 22 jul. 2021.

RESENDE, Lucas; RIGONI, Gabriel. Rede social testa autoestima e pode piorar depressão e ansiedade. *Folha de São Paulo*, 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2019/06/rede-social-testa-autoestima-e-pode-piorar-depressao-e-ansiedade.shtml>. Acesso em: 10 set. 2021.

RUDOLF, Arnheim. *Arte e percepção visual: uma psicologia da visão criadora*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

SANTOS, Edméa. *Pesquisa-formação na cibercultura*. Teresina: EDUFPI, 2019.

SANTOS, Lucas. Pesquisa aponta que 78% dos jovens brasileiros usam redes sociais. *TechMundo*, [S.l.], 2022. Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/mercado/243573-pesquisa-aponta-78-jovens-brasileiros-usam-redes-sociais.htm>. Acesso em: 22 ago. 2023.

SANTOS, Paloma. Poéticas da Percepção. *Notas de Aula*. Programa de Pós-Graduação em Artes, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2021.

SARDELICH, Maria. Leitura de imagens e Cultura Visual: desenredando conceitos para a prática educativa. *Educ. Rev.*, Curitiba, n. 27, p. 203-219, jun. 2006.

SARDELICH, Maria. Leitura de imagens, Cultura Visual e prática educativa. *Cadernos de Pesquisa*, [S.l.], v. 36, p. 451-472, maio/ago, 2006.

SILVA, Keila; VASCONCELOS, Valéria. O que nos ensinam e o que aprendem os alunos de EJA em seus processos educativos: Contribuições da educação popular. *Série-Estudos*, Campo Grande, v. 22, n. 45, p. 99-119, 2017.

VICTORIO FILHO, Aldo. Arte, poética, imagens, visualidades, jovens e performance no acontecimento cotidiano da cidade mundo. *Revista Digital do LAV*, Rio Grande do Sul, v. 6, n. 11, set. 2013.

VICTORIO FILHO, Aldo; PINTO, Maria. Um pouco mais sobre as imagens visuais na educação e na Cultura Visual contemporâneas. *Revista Digital do LAV*, Santa Maria, v. 11, n. 1, p. 179-191, 17 set. 2015. VIRILIO, Paul. *Guerra e Cinema*. São Paulo: Página Aberta, 1993.